



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCHS



Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST/MCT

**Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS
Mestrado em Museologia e Patrimônio**

CINE PALÁCIO

***Documento Cinematográfico e Patrimônio
Arquitetônico no “Museu de Percurso
Lugar de Memória Cinelândia / Entorno”***

Gloria Gelmini de Castro

UNIRIO / MAST - RJ, Janeiro de 2016

CINE PALÁCIO

DOCUMENTO CINEMATOGRAFICO E PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO NO “MUSEU DE PERCURSO LUGAR DE MEMÓRIA CINELÂNDIA / ENTORNO”

por

Gloria Gelmini de Castro,
*Mestrado em Museologia e Patrimônio
Linha 01 – Museu e Museologia*

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Museologia e
Patrimônio.

Orientador: Professora Doutora Diana Farjalla
Correia Lima

FOLHA DE APROVAÇÃO

CINE PALÁCIO

Documento Cinematográfico e Patrimônio Arquitetônico no
"Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno"

Dissertação de Mestrado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio.

Aprovado por

Prof. Dr.



Marcio Ferreira Rangel
Museu de Astronomia e Ciências Afins, MAST
Avaliador interno PPG-PMUS, UNIRIO/MAST

Prof. Dr.^a



Valéria Gauz
Museu da República, MR
Instituto Brasileiro de Museus, IBRAM
Avaliadora externa

Prof. Dr.^a



Dianá Farjalla Correia Lima
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO
Orientadora PPG-PMUS, UNIRIO/MAST

Rio de Janeiro, 2015

C 355 Castro, Glória Gelmini de
Cine Palácio: documento cinematográfico e patrimônio arquitetônico no
‘Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno’/ Glória Gelmini
de Castro .— Rio de Janeiro, 2016.
viii, 126f. : il.

Orientador: Professora Doutora Diana Farjalla Correia Lima
Referência: f. 103-114
Inclui anexo

Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro ; Museu de Astronomia e Ciências
Afins, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de
Janeiro, 2016.

1. Cinelândia (RJ). 2. Cine Palácio. 3. Documento cinematográfico. 4.
Patrimônio arquitetônico. I. Lima, Diana Farjalla Correia. II. Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós- Graduação em
Museologia e Patrimônio. III. Museu de Astronomia e Ciências Afins. IV. Título.

CDU: 911.375.631

AGRADEÇO em primeiro lugar à Deus, por todas as bênçãos concedidas e por mais esta vitória alcançada. À minha família, meu alicerce, por todo apoio em todos os momentos, pelas brigas quando o caminho mais fácil seria desistir, pelo incentivo em sempre continuar e persistir em meus ideais, e, acima de tudo, por existirem em minha vida. À orientadora, professora Diana F. C. Lima, por acreditar em mim; por compartilhar ideias que deram fruto a este trabalho, do qual não teria conseguido sozinha; por todo aprendizado que levarei em minha vida pessoal e profissional; pela amizade; e pela grande torcida. À banca, professores Marcio Ferreira Rangel e Valeria Gauz, por toda a contribuição durante a formulação desta dissertação. À Museologia, parte de mim.

RESUMO

GELMINI, Gloria. **Cine Palácio: Documento Cinematográfico e Patrimônio Arquitetônico no "Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno"**, 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2016. 126 p.. Orientadora: Diana Farjalla Correia Lima.

A pesquisa (exploratória e de base documental) no quadro das transformações consideradas 'modernas' ocorridas no primeiro quarto do século XX a partir da reforma urbanística de Pereira Passos (1906), na cidade do Rio de Janeiro, aborda o surgimento dos cinematógrafos, entretenimento mobilizador para impulso arquitetônico e social originando, nos anos 20, a configuração da atual Cinelândia e arredores. Território ocupado por empreendimentos de Francisco Serrador tornou-se espaço de intenso movimento comercial e de circulação de pessoas. A cidade à *la mode française* de Passos incorporou a feição americana de Terra do Cinema, *Cineland*. Nesse contexto cultural de uma expressão da cultura de massa destaca-se o Cine Palácio que, além de um dos mais antigos cinematógrafos na cidade, foi o primeiro a exibir um filme sonoro, *Broadway Melody* (1929). Este lugar pioneiro da memória da imagem animada, também raro exemplar do estilo neomourisco e, ainda, um dos poucos remanescentes da obra de Adolfo Morales de Los Rios é analisado sob o olhar da Museologia em seus aspectos materiais e intangíveis de valor simbólico, revelando atributos patrimoniais passíveis de Musealização determinando a proposta conceitual da dissertação exemplificada no resultado alcançado: o desenho de itens integrados no Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno. Museu a céu aberto que se estende da Rua do Passeio à Praça Marechal Floriano reunindo no circuito de visitação testemunhos históricos, paisagísticos, arquitetônicos, artísticos, socioculturais do Brasil Colônia ao Brasil República dos quais são indicados alguns exemplos entre outros itens de uma "coleção" urbana que a pesquisa identificou e tratou: um Jardim Histórico – o Passeio Público; as edificações de diversos estilos artísticos – neoclássico, eclético; um lugar da cena política – Câmara Municipal do Rio de Janeiro, Palácio Pedro Ernesto; -- um espaço das artes cênicas internacionais -- Teatro Municipal; as coleções musealizadas -- Museu Nacional de Belas Artes; os cinemas ainda na função de entretenimento – Odeon. E o Cine Palácio está em processo de adaptação para um centro de entretenimento com cinema ativo.

Palavras-chave: Cine Palácio, Palace-Theatre, Museu, Cinelândia, Musealização.

ABSTRACT

GELMINI, Gloria. **Cine Palácio: Documento Cinematográfico e Patrimônio Arquitetônico no "Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno"**, 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2016. 126 p.. Orientadora: Diana Farjalla Correia Lima.

The research (exploratory and documental basis) in the changes' context considered 'moderns' occurred in the first quarter of the twentieth century from the urban reform of Pereira Passos (1906), in the city of Rio de Janeiro, talking about the appearance of cinematographers, mobilizing entertainment to architectural and social impulse that, in the '20s, set the actual Cinelândia and surroundings. Territory occupied by enterprises of Francisco Serrador, became an intense space to commercial activity and movement of the persons. The city *a la mode française* incorporated the American soul to *Cineland*. In this cultural context of a mass culture expression there is the Cine Palácio (Palace Cine) that, in addition, is the oldest cinematographers in the city that exhibited a sound film, *Broadway Melody* (1929). This pioneering place of animated image's memory, also a rare neomourisco's style and, in addition, one of the few Adolfo Morales de Los Rios's remnants, is object analyzed from the perspective of Museology in their material and intangible aspects of symbolic value, showing tangible and intangible aspects subject to Musealization, determining the dissertation's conceptual proposal exemplified on achieved results: the design of integrated items in Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno. Open air museum that stretching from Passeio Público street to Marechal Floriano square join to the circuit of visitation historical evidences, landscape, architectural, artistic, social-cultural of Brazil Colonial to Brazil Republic whose some examples are indicated as a items of a urban "collection" that the research identified and treated: a Historic Garden – The Passeio Público; the buildings of different artistic styles – neoclassical, eclectic; a place to political issues – Câmara Municipal do Rio de Janeiro, Palácio Pedro Ernesto; – A space of international performing arts – Teatro Municipal; the collections that are museum artefacts – Museu Nacional de Belas Artes; cinemas that are places of entertainment – Odeon. And the Cine Palácio is in the process of adaptation to an entertainment center as an active cinema.

Keywords: Cine Palácio, Museum, Cinelândia, Palace-Theatre, Musealization.

LISTA DE ABREVIATURAS

CMPC - Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro, RJ.

CONFEA – Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, DF.

EUA - Estados Unidos da América.

ICOMOS - *The International Council on Monuments and Sites* (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios).

INEPAC - Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, RJ.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, RJ.

MNBA – Museu Nacional de Belas Artes, RJ.

SEDREPAHC - Secretaria Extraordinária de Promoção, Defesa, Desenvolvimento e Revitalização do Patrimônio e da Memória Histórico-Cultural da Cidade do Rio de Janeiro, RJ.

UNESCO - *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura	Página
1 – Broadway Melody (1929): 1º filme sonoro exibido na cidade carioca	2
2 – Iconografia (folha de rosto): Paschoal Segreto: pioneiro do cinema no Brasil	10
3 – Iconografia (folha de rosto): Resumo de filmes, Odeon	10
4– Iconografia – Interior do Cassino Nacional, quando já se chamava Palace-Theatre	14
5 – Broadway Melody (1929)	15
6 – Iconografia (folha de rosto) - Cassino Nacional (atual Automóvel Clube): consumo e entretenimento	21
7 – Broadway Melody (1929)	26
8 – Exibindo imagens em movimento	29
9 – Parque Centenário (1910)	30
10 – Cinelândia	32
11 – O gerente Nestor Coelho (à esquerda), técnicos da W. Eletric (ao meio) e Serrador (à direita) no hall do Palácio-Teatro	37
12 – Cine Metro Boa Vista em 1944 - Passeio (Rua Passeio Público, n.º 62)	44
13 – Cine Metro Boa Vista, antes e depois - Passeio (Rua Passeio Público, n.º 62)	45
14 – Cine Capitólio, 1942-1972 (Praça Marechal Floriano, n.º 51)	46
15 – Cine Pathé- Passeio (Praça Marechal Floriano, n.º 55)	47
16 – Cine Império - (Praça Marechal Floriano, n.º 19)	48
17 – Cine Glória (Praça Marechal Floriano, n.º 31)	49
18 – Cine Odeon (Praça Marechal Floriano, n.º 7)	50
19 – Cinema Rex (Rua Álvaro Alvim, n.º 36)	51
20 – Cine Orly (Rua Alcindo Guanabara, n.º 21)	52
21 – Cinema Plaza (Rua do Passeio, n.º 78)	53
22 – Cine Vitória (Rua Senador Dantas, n.º 45)	54
23 – Cine Palácio (Rua do Passeio, n.º 38)	55
24 - O Cine Palácio	62
25 - Croquis dos "lanterninhas" - Odeon, 1926.	65
26 - Quiosque de Informação aos Turistas na Lapa	87
27 - Captura da imagem de celular do aplicativo Rio Guia Oficial	88
28 - Entrada (interior) do Palace-Theatre (Cine Palácio).	93
29 – Palácio-Teatro (provavelmente em 1928) após ser reconstruído por Serrador: o cinema que inaugurou a era dos grandes salões	95

Mapa	Página
1 – Delimitação do espaço físico Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno	83
2 – Tempos históricos da cidade do Rio de Janeiro	84
3 – Fragmentos/exemplares históricos e sociais da memória	85

Quadro	Página
1 – Trajetória nominal e temporal do Cine Palácio	38
2 – Bens culturais presentes no Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno (Rua do Passeio Público à Praça Marechal Floriano)	71
3 - Memória urbana existente e ausente dos cinemas de rua no Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno	75
4 – O Território como Alvo das Atividades do Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno	100

SUMÁRIO

MOVIE PALACE: CINE PALÁCIO, PATRIMÔNIO CINEMATOGRAFICO DE PERFILMUSEALIZÁVEL.....	1
CAPÍTULO 1	
CINE PALÁCIO E CINELÂNDIA: ESPAÇO CINEMA MUDO E SÍTIO CULTURAL MUSEU DE PERCURSO	25
1.1. ESPAÇO CINE PALÁCIO E O PANORAMA SOCIOCULTURAL DO DESENVOLVIMENTO DO CINEMA NA CIDADE CARIOCA.....	27
1.2. CINE PALÁCIO E O OLHAR DA MUSEOLOGIA: UM EXEMPLAR / UM OBJETO DE ACERVO DE MUSEU DE PERCURSO.....	36
CAPÍTULO 2	
PERFIL DO "MUSEU DE PERCURSO LUGAR DE MEMÓRIA CINELÂNDIA / ENTORNO": CONJUGANDO A ECONOMIA DE CULTURA EM CIRCUITO DE VISITAÇÃO.....	61
2.1. CINE PALÁCIO: ITEM MUSEOLÓGICO EM CONTEXTO DE ECONOMIA DE CULTURA.....	66
2.2. "MUSEU DE PERCURSO LUGAR DE MEMÓRIA CINELÂNDIA / ENTORNO": PROPOSTA DE CIRCUITO DE VISITAÇÃO.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS.....	103
ANEXO.....	115

**MOVIE PALACE:
CINE PALÁCIO, PATRIMÔNIO
CINEMATOGRAFICO DE PERFIL
MUSEALIZÁVEL**

FIGURA 1
Broadway Melody (1929): 1º filme sonoro exibido na cidade carioca



Fonte: https://songbook1.files.wordpress.com/2009/12/broadway-melody-1929-bessie-love_costume-with-antennae_1a.jpg?w=454. Acesso em nov. 2015.

Quem não sentiu a perda de um cinema frequentado durante
anos tem memória nublada ou coração de pedra
Carlos Drummond de Andrade

No início do século XX, mais precisamente nos anos 1920, o Rio de Janeiro – Capital Federal de 1891 a 1960 – protagonizou o projeto de criação da *Broadway Carioca*¹, no que hoje se nomeia de Cinelândia, local que assumiu o nome popular (*Cineland*, terra do cinema) e teve o auge da fama com a criação dos Palácios Cinematográficos - termos correlatos em inglês: “*Movie Palace*”, “*Movie Theater*”, “*Picture Palace*”, “*Motion Picture Palace*” e “*Moving Picture Palace*”² - edificações que, possivelmente, foram influenciadas pela Ópera de Paris³. O Cine Palácio – objeto de estudo dessa dissertação e exemplar arquitetônico de estilo neomourisco – é obra de Adolfo Morales de Los Rios y Garcia de Pimentel (1858-1928)⁴ e encontra-se em frente ao Jardim do Passeio Público, permitindo analisar o entorno que se inicia na Rua do Passeio Público (Jardim do Passeio Público) e termina na Praça Floriano⁵, trecho em que os Palácios Cinematográficos se fizeram presentes inicialmente em fins do século XIX e de modo marcante no século passado.

¹ ABREU, J. da S.. **O papel do cinema na construção da identidade da Cinelândia**. 2009. p.50. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC), Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/4156/CPDOC2009JonasdaSilvaAbreu.pdf?sequence=1>>. Acesso em: nov. de 2015.

² Termos correlatos associados a “Palácios Cinematográficos” como sinônimos. Todos identificados em literatura estrangeira especializada, como Valentine (1996), Herzog (1981) e Souza (2013). Apesar disso, o termo “*Movie Palace*” é mais utilizado que os demais.

VALENTINE, M.. The show starts on the sidewalk. **Southern California Quartely**. Califórnia, v.78, n.1, p.101-103, 1996. Disponível em:

<http://www.jstor.org/stable/41171802?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em nov. de 2015.

HERZOG, C.. The Movie Palace and the Theatrical Sources of its Architectural Style. **Cinema Journal**. Texas, v.20, n.2, p.15-37, Spring, 1991. Disponível em:

<http://www.jstor.org/stable/1224831?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: junho de 2015.

SOUSA, M. C. da S. (Márcia Bessa). **Entre achados e perdidos: colecionando memórias dos palácios cinematográficos da cidade do Rio de Janeiro**. 2013. p.18. Tese (Doutorado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social – PPGMS, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese24.pdf>>. Acesso em: nov. de 2015.

³ MAYOR Bloomberg and Borough President Markowitz Break Ground on Restoration of Historic Loew's Kings Theatre, 2013. Disponível em: <<http://www.nycedc.com/press-release/mayor-bloomberg-and-borough-president-markowitz-break-ground-restoration-historic>>. Acesso em nov. de 2015.

⁴ Arquiteto, urbanista, professor e historiador espanhol responsável por diversos projetos de edifícios e fachadas do centro da Cidade no início do século XX, durante a Reforma de Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro. (Outros nomes: Adolfo Morales de Los Rios y Garcia de Pimentel / Adolfo Morales de Los Rios y Garcia de Pimentel Septien y Arbués).

⁵ A Cinelândia no seu entorno além da Praça Floriano também agrega a Rua do Passeio Público.

Esse espaço é um sítio, uma área física que representa os espaços de memória – “lugares de memória”⁶ – dos quais trata Pierre Nora (1989). Local este reconhecido como Cinelândia e seu entorno, e que está especificamente detalhado nos capítulos 4 e 5.

É um território urbano que se faz olhar na dissertação o prisma de organização considerando os tempos históricos que representa da cidade do Rio de Janeiro: evoca o Brasil Colônia, o Brasil Império e o Brasil República nas suas edificações e paisagens verdes.

Lista dos exemplares históricos e sociais da memória Cinelândia e entorno

1. Brasil Colônia

Passeio Público (1783)

2. Brasil Império

Cassino Fluminense, depois Automóvel Club do Brasil (1845)

Escola de Música da UFRJ (1848)

Sala Cecília Meirelles (1887)

3. Brasil República

Cine Palácio (1890) – Obra de Adolfo Morales de Los Rios

Lampadário do Largo da Lapa (1906)

Museu Nacional de Belas Artes (1908) – **Obra de Adolfo Morales de Los Rios**

Theatro Municipal (1909) - cujo Restaurante Assyrio é **obra de Adolfo Morales de Los Rios**

Centro Cultural da Justiça Federal (1909) – **Obra de Adolfo Morales de Los Rios**

Biblioteca Nacional (1910)

Monumento ao Marechal Floriano Peixoto (1910)

Edifício Wolfgang Amadeus Mozart (Bar Amarelinho) (1921)

Palácio Pedro Ernesto, atual sede da Câmara Municipal do Rio de Janeiro (1923)

Cine Império (1925)

Cine Teatro Gloria (1925)

Cine Captólio (1925)

Cine Odeon (1926)

Cine Pathé (1927)

Cine Rex (1928)

Cine Orly (1932)

Cine Plaza (1936)

Cine Metro - Boavista Passeio (1936)

Edifício Francisco Serrador (1936)

Cine Vitória (1939)

Fonte: Glória Gelmini, 2015.

⁶ NORA, P. Between Memory and History: Les lieux de mémoire. **Journal Storage (JSTOR Daily)**, New York, n.26, p.7-24, 1989. Disponível em: <<http://www.jstor.org/sici?sici=0734-6018%28198921%290%3A26%3C7%3ABMAHLL&3E2.0.CO%3B2-N&>>. Acesso em: dez. de 2015.

É o espaço em questão: a Cinelândia e adjacentes. Envolve conceito da Arquitetura e Urbanismo que define o que se compreende como espaço “adjacente a uma edificação, um bem tombado ou em processo de tombamento, mas reconhecido pelo significado às gerações presentes e futuras pelo poder público em seus diversos níveis por meio de mecanismos legais de preservação”⁷.

Por isso, devido à importância do entorno e seu valor de bem cultural, o Cine Palácio está em processo de tombamento pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, INEPAC (documento disposto no Anexo, p.116).

O termo 'entorno' já se faz presente oficialmente nos processos de preservação de instituições internacionais desde os anos 1960, como se pode observar, por exemplo, na Recomendação de Paris sobre Paisagens e Sítios (1962)⁸ e na Carta de Veneza sobre a Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios (1964)⁹. No entanto, é importante mencionar que na atualidade aquilo que se reconhece como espaço adjacente na definição de entorno, que acima se transcreveu, também consta de documento nacional de preservação em território brasileiro: Decreto Lei nº 25 que organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional (1937)¹⁰, especialmente no seu artigo 18, quando se representa pela definição “vizinhança”:

Sem prévia autorização do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, não se poderá, na vizinhança da coisa tombada, fazer construção que lhe impeça ou reduza a visibilidade, nem nela colocar anúncios ou cartazes, sob pena de ser mandada destruir a obra ou retirar o objeto, impondo-se neste caso a multa de cinquenta por cento do valor do mesmo objeto (grifo nosso)¹¹.

⁷ CONSELHO FEDERAL DE ENGENHARIA, ARQUITETURA E AGRONOMIA - CONFEA. Decisão Normativa nº 83 de 26/09/2008. Dispõe sobre procedimentos para a fiscalização do exercício e das atividades profissionais referentes a monumentos, sítios de valor cultural e seu entorno ou ambiência. **Portal de Legislação**, Brasília, DF, 2008. Disponível em: <<http://www.diariodasleis.com.br/busca/exibelinck.php?numlink=1-44-18-2008-09-26-83>>. Acesso em nov. de 2015.

⁸ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Cartas patrimoniais**, Brasília, 1995. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226>>. Acesso em nov. de 2015.

⁹ Ibidem.

¹⁰ BRASIL. Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. **Palácio do Planalto**. Brasília, DF, 30 nov. 1937. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm>. Acesso em: nov. de 2015.

¹¹ Ibidem.

Noção esta que, definida por entorno, é reafirmada em pleno século XXI na Declaração de Xi'an sobre a Conservação do Entorno Edificado, Sítios e Áreas do Patrimônio Cultural (2005)¹².

Essas construções valorizadas como bem cultural também são tratadas na categoria de monumentos históricos e ao se abordar o Cine Palácio pode-se dizer que representa um desses exemplares, pois se documenta como interlocutor entre o passado e o presente.

E, ainda, lembrando que a determinação da categoria monumento/histórico ou artístico ou de qualquer outra classe é feita a partir de instâncias culturais que tratam o tema, inclusive na questão da preservação em seu aspecto máximo que é o tombamento, processo que inscreve legalmente em registros de estado (município, estado, país) a proteção física do bem e também o protege de sair irregularmente do país.

Esse tema da preservação é objeto de tratamento dos denominados processos Patrimonialização e Musealização, respectivamente responsáveis por dar um caráter diferenciado e transformador que resulta no atributo de valor simbólico bem cultural. É possível dizer nesse ambiente preservacionista que qualquer elemento denominado patrimônio é um bem que tem a condição de possibilidade de perfil musealizável, por outro lado, todo elemento denominado museu já se define como patrimonializado, conforme entende o campo da Museologia.

Nesse ambiente a dissertação formula sua questão que, assim, se apresenta: O Cine Palácio apresenta perfil cultural patrimonial para representar um elemento / exemplar documental / objeto museológico integrando acervo em desenho de um museu de percurso para Cinelândia e seu entorno?

No espaço carioca da Cinelândia cabe um lugar reservado para o valor histórico do Cine Palácio e deve-se lembrar que na memória urbana apesar da cultura francesa ter sido sinônimo de modernização por séculos, após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) esse posto foi substituído pela cultura norte-americana – novo modelo de progresso que apresentava ao mundo o cinema como setor industrial – a indústria cultural que também hoje se associa ao conceito de economia de cultura, disciplina acadêmica que tem por responsabilidade o estudo da

¹² CONSELHO INTERNACIONAL PARA MONUMENTOS E SÍTIOS - ICOMOS. **Declaração de Xi'an sobre a conservação do entorno edificado, sítios e áreas do patrimônio cultural**. Xi'an, 21 de outubro de 2005. Disponível em: <<http://www.international.icomos.org/charters/xian-declaration-por.pdf>>. Acesso em nov. de 2015.

"produção, a distribuição, o consumo de bens e serviços (assim como as condições para a produção, os modos de distribuição e as formas de consumo)"¹³.

Esse quadro do início do século XX é assim apresentado:

A Primeira Guerra numa perspectiva mundial deflagrou uma distinção em relação ao modelo de progresso a ser seguido pelas outras nações: de um lado a Europa, a velha sociedade decadente e do outro lado, os EUA, o território das oportunidades e do futuro da civilização.

As produtoras americanas percebendo o potencial do mercado interno, especialmente nas grandes cidades, New York e Chicago, tornaram os preços de ingressos das salas de exibição acessíveis e baratos a partir de 1905. Como resultado houve a atração de milhões de telespectadores¹⁴ [sic] que originaram um mercado sem precedentes para a arte e o espetáculo nos EUA. O aparecimento dos primeiros cinematógrafos americanos já constituía, portanto um ensaio para uma maior popularização que chegaria a América Latina, que se tornaria o maior mercado para a indústria cinematográfica americana no fim da década de 1920.¹⁵

Tratando do que se compreende por modernização (latim tardio *momus*, modo: recentemente, agora mesmo), assimilam-se "fatos que ocorrem [e] marcam uma nova visão de mundo que se contrapõe [à anterior, dando] sentido à ideia de progresso e de ruptura com o passado"¹⁶.

Nessa perspectiva e sob o prisma da história conceitual, Hans Ulrich Gumbrecht¹⁷, teórico da Sociologia, acrescenta estar "presente [...] onde tendências se sucedem temporalmente [e onde há] um espaço de experiência presente que se quer distinto do passado"¹⁸. Desse modo a modernidade com relação às reformas urbanísticas na cidade do Rio de Janeiro desde o século XIX até o século XX

¹³ REIS, A. C. F.; DE MARCO, K. (Orgs) **Economia da Cultura: idéias e vivências**. Rio de Janeiro: Publit, 2009, p.27.

¹⁴ Telespectadores, segundo fontes consultadas, é um termo utilizado inadequadamente, pois esse nome é aplicado para quem assiste TV. Por isso, o termo mais adequado é Espectadores.

¹⁵ ABREU, J. S.. Op. Cit., 2009, p.39.

¹⁶ JAPIASSU, H.; MARCONDES, D.. **Dicionário básico de filosofia**. Edição de Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 3 ed., p.132-133, 1996.

¹⁷ Hans Ulrich Gumbrecht nasceu em Wuerzburg, na Alemanha, em 1948. É professor de literatura na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos da América (EUA). É autor de diversos livros traduzidos ao português, como: "Em 1926: vivendo no limite do tempo", "Modernização dos sentidos", "As Funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa" e "Elogio da beleza atlética".

¹⁸ FERES JÚNIOR, J. Introdução a uma crítica da modernidade como conceito sociológico. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**. Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, v. 15, 2010, p.31. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/8232>>. Acesso em: dez. de 2015.

¹⁹ BURKE, P.. Inevitáveis empréstimos culturais. **Folha de São Paulo**, São Paulo, cad.5, 27 jun. 1997, p.5. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/7/27/mais/3.html>>. Acesso em: nov. de 2015.

²⁰ HERZOG, C.. The Movie Palace and the Theatrical Sources of its Architectural Style. **Cinema Journal**. Texas, v.20, n.2, 1991, p.15. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1224831?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: nov. de 2015.

significaram apagar os vestígios considerados ultrapassados para progredir rumo a um melhor destaque do Brasil no plano internacional, tendo, respectivamente durante esse processo, a França e, por reflexo, os Estados Unidos da América, EUA, como modelos de modernização. Além disso, conforme aponta Peter Burke (1997), a modernização é resultado de um fenômeno denominado “empréstimo cultural”¹⁹, sendo caracterizado pela apropriação e adaptação de culturas consideradas avançadas, modernas.

Nesse contexto a importação do *Movie Palace*, que surgiu nos EUA entre os anos 1913 e 1932²⁰, consolidou-se na cidade carioca na segunda metade dos anos 1920. Referente ao que se nomeia indústria cultural, entende-se que surgiu após a Revolução Industrial (século XIX) e possibilitou, anos mais tarde, o surgimento da cultura de massa junto ao processo de integração entre os continentes²¹ – visto que o encolhimento da distância entre os países possibilitou o maior alcance dos EUA em impor “gostos e preferências [às] multidões padronizadas e homogêneas [...], modelando consciências ao introduzir o desejo de necessidades supérfluas”²².

Embora se deva apontar a criação no período colonial, 1783 (século XVIII), governo de D. Luiz de Vasconcelos e Souza, da área verde que hoje se reconhece como Jardim Passeio Público, espaço com obras do escultor Valentim da Fonseca e Silva, o Mestre Valentim, e que integra como exemplar urbano o desenho do Museu de Percurso em pauta, a obra não é considerada pelas fontes consultadas como resultado de um processo urbanístico de modernização pela arquitetura e urbanismo em contexto amplo de renovação.

Portanto, no novo modelo de progresso a ser considerado, modernização, a primeira reforma urbana que a cidade do Rio de Janeiro presenciou foi a partir da vinda da Família Real Portuguesa (1808), quando então a nova sede do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves (1815) precisou fazer jus a abrigar a Coroa em

¹⁹ BURKE, P., 1997. Op. Cit. p. 5.

²⁰ HERZOG, C., 1991. Op. Cit., p. 15.

ABREU, J. S., 2008. Op. Cit., p. 50.

²¹ PAIVA, R. M. de. **Indústria Cultural de Guerra em Hollywood - Ideologias e contraideologias governamentais no cinema norte-americano pós-Guerra Fria**, 2012, p.12 e 15. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Contemporânea, Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, 2012. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1544.pdf>>. Acesso em: dez. de 2015.

²² ADRIAN, N. **Cultura de massa ou indústria cultural**, 2012, p.2-3. Disponível em: <http://www.primeiroconceito.com.br/site/wp-content/uploads/2012/02/cultura_DeMassa.pdf>. Acesso em: nov. de 2015.

solo brasileiro²³, criando o “[...] Real Teatro de São João [1813], o Jardim Botânico [1808, inicialmente denominado Jardim da Aclimação]²⁴, a Academia Real de Belas Artes [1816] permitindo a pesquisa artística no Brasil, [construindo] [...] chafarizes e fontes, e a Real Biblioteca [1810]”²⁵, além da promulgação de Carta Régia [1808]²⁶ como marco da implantação da imprensa no país.

A segunda reforma, baseada no projeto urbanístico de Georges-Eugène Haussmann (1809-1891)²⁷, o modelador da Paris moderna de largos espaços, ocorreu nos primeiros anos do século XX liderada por Francisco Pereira Passos²⁸ (1902-1906), junto da presença do médico e sanitarista Osvaldo Gonçalves Cruz²⁹ (1872-1917). A reforma de Passos, portanto, modificou drasticamente o Centro da Cidade, mais precisamente o espaço da atual Cinelândia, e preparou o terreno para receber a próxima reforma urbanística. Dentre as construções dessa mudança encontra-se o “Pentágono das Artes”³⁰, o atual prédio do Centro Cultural da Justiça Federal, ex-sede do Supremo Tribunal Federal (1907) que hoje é um museu; o Museu Nacional de Belas Artes, ex-Escola Nacional de Belas Artes (1908); o Teatro Municipal (1909) e a Biblioteca Nacional (1910)³¹. E também se fez a abertura da Avenida Central, outro marco da ação de Passos como prefeito.

²³ FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo – USP, 1994, p.81. Disponível em: <<http://www.consul.com.br/wp-content/uploads/2014/02/historiadobrasil.pdf>>. Acesso em: nov. de 2015.

²⁴ LAHUERTA, F. M. **Geografias em movimento: território e centralidade no Rio de Janeiro joanino (1808-1821)**, 2005, p.40. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04022010-165138/pt-br.php>>. Acesso em: dez. de 2015.

²⁵ ARQUIVO NACIONAL. **Construindo a Corte: o Rio de Janeiro e a nova ordem urbana**, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=861&sid=102>>. Acesso em: nov. de 2015.

²⁶ Carta Régia de 28 de janeiro de 1808, promulgada pelo príncipe regente D. João VI.

²⁷ Haussmann foi o prefeito responsável pela reforma urbana de Paris, a comando de Napoleão III.

²⁸ Francisco Pereira Passos (1836-1913) foi prefeito do Rio de Janeiro entre os anos 1902 e 1906. Formado em engenheiro civil pela Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Implementou uma reforma de revitalização urbana que modificou o cenário carioca, baseando-se na atuação de Georges-Eugène Haussmann, em Paris.

²⁹ Osvaldo Gonçalves Cruz (1872-1917) é conhecido por liderar uma campanha contra a febre-amarela no Rio de Janeiro, sendo o responsável pela vacinação da população da época; fato que culminou na Revolta da Vacina.

³⁰ Expressão de Ricardo Maranhão em seu livro “Retorno ao Fascínio do Passado”, de 2003, para designar as cinco construções realizadas neste espaço entre 1902 e 1922.

³¹ ABREU, J. S., 2009. Op. Cit., p.27.

Por fim, a última reforma em questão, relacionada ao objeto da dissertação, foi possibilitada pela ação de Paschoal Segreto³² e Francisco Serrador Carbonell³³ no ramo do entretenimento, no qual Serrador foi o responsável pela construção de hotéis, cassinos, restaurantes, bares e, principalmente cinemas, espaços que marcaram época como atividade cultural que mobilizava o interesse das pessoas. Com isso:

Nesta nova configuração não cabia [mais] o modelo francês dos teatros e cafés-cantantes ou os cinematógrafos da Avenida [...]. Em seu lugar os teatros e cinemas nos andares térreos de arranha-céus se encarregavam de tentar recriar a atmosfera da *Broadway* e do mundo mágico de *Hollywood*³⁴.

FIGURA 2

Iconografia (folha de rosto): Paschoal Segreto: pioneiro do cinema no Brasil.

FIGURA 3

Iconografia (folha de rosto): Resumo de filmes, Odeon



Fonte: CAMPOS, Fernando Ferreira. *Na Sala de Espera do Cinema Odeon*. Resumo de Filmes – Cinema Odeon. Coleção Memória Urbana. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Transportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, v.1, 1991. p. 76.

Fonte: CAMPOS, Fernando Ferreira. *Na Sala de Espera do Cinema Odeon*. Resumo de Filmes. Coleção Memória Urbana. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Transportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, v.1, 1991. p. 78

³² Paschoal Segreto (1868-1920) foi um empresário italiano radicado no Brasil e pioneiro no cinema brasileiro.

³³ Serrador (1872-1941) foi um empresário espanhol radicado no Brasil, proprietário de hotéis, cassinos, teatros e cinemas pelo país, mas as principais foram no Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba.

³⁴ ABREU, J. S., 2009. Op. Cit., p.58.

Nos anos 1920, portanto, já “se tornava difícil para as salas antigas [cinematógrafos] competir com os “elefantes brancos” de Francisco Serrador, construtor dos “arranha-céus” inspirados nos grandes cinemas de Nova York”³⁵.

Essas reformas, por esse modo, tinham como objetivo revitalizar o espaço urbano, sendo o termo “revitalização urbana”, segundo Cecília Herzog (2011), as mudanças necessárias para tornar um local realmente eficiente a um baixo impacto a longo prazo; ou seja, “uma intervenção urbana [que busque] prestar inúmeros benefícios além de lazer e recreação”³⁶. E para Joffre Dumazedier, reconhecido como um dos principais teóricos do lazer pelo campo da Sociologia, a definição do termo consiste em:

[...] actividade à qual as pessoas se entregam livremente, fora das suas necessidades e obrigações profissionais, familiares e sociais, para se descontraírem, divertir, aumentar o seu conhecimento e a sua espontânea participação social, livre exercício e capacidade criativa³⁷.

Retomando o entendimento dado ao termo ‘reforma’, deve-se esclarecer que não será utilizado na dissertação o sentido de *gentrification*³⁸ (*gentry*, pequena nobreza) pois, apesar desse termo transmitir noção de intervenção em espaço urbano a fim de tornar a cultura um objeto de consumo³⁹, também está acompanhado por uma apropriação para a inserção de residências⁴⁰ o que pode vir a ser uma tentativa de aplicação à Cinelândia, no século XXI. Ou seja, apesar do termo ser aparentemente confundível com reformas e melhorias para uma determinada região relaciona-se com uma especulação imobiliária local, fato que pode ser prejudicial do ponto de vista da comunidade e entorno. Por essa

³⁵ ABREU, J. S., 2009. Op. Cit., p.58.

³⁶ HERZOG, C. P.. Revitalização ou maquiagem urbana?. **Vitruvius**, Rio de Janeiro, ano 11, n.129, 2011. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/11.129/3828>>. Acesso em: dez. de 2015.

³⁷ DUMAZEDIER, J.. **Révolution culturelle du temps libre**, Paris: Méridiens- Klincksieck, 1988.

³⁸ “O termo *gentrification* (enobrecimento) é aqui usado “[...] para designar intervenções urbanas como empreendimentos que elegem certos espaços da cidade considerados centralidades e os transformam em áreas de investimentos públicos e privados, cujas mudanças nos significados de uma localidade histórica faz do patrimônio um segmento do mercado”.

LEITE, R. P.. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Mangueira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - Anpocs, v. 17, nº 49, 2002, p. 115-172. Disponível em: <http://naua.ufsc.br/files/2010/09/Proen%C3%A7a_Contra-usos-e-espaco-p%C3%A7o-p%C3%BAblico.pdf>. Acesso em: dez. de 2015.

³⁹ Idem.

⁴⁰ GENTRIFICAÇÃO. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**, 2008-2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/gentrifica%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: nov. de 2015.

associação com a eentão, optou-se por usar o termo 'revitalização' que é tradicional em contexto urbano.

O Cine Palácio, conforme a literatura especializada, é o único palácio cinematográfico de estilo neomourisco do país. No entanto, Morales de Los Rios também projetou outras construções características do século XX no entorno da Cinelândia, como o Museu Nacional de Belas Artes (1908), o Centro Cultural da Justiça Federal (1909) e o Restaurante Assyrio do Theatro Municipal (1909), cujo estilo é persa⁴¹.

Entre os nomes da arquitetura que ajudaram a compor este novo cenário [início do século XX], estava o de um espanhol de pouco mais de trinta anos, adepto do ecletismo e do historicismo: Adolfo Morales de Los Rios. Ele emplacou o maior número de projetos na antiga Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco. Dos mais de 80 prédios, 17 saíram de sua prancheta. Atualmente, só dois idealizados por ele ainda estão lá: o do Museu Nacional de Belas Artes (antiga Escola Nacional de Belas Artes) e o do Supremo Tribunal Federal (que hoje abriga o Centro Cultural da Justiça Federal). Apesar de essas serem as obras mais conhecidas de Morales de Los Rios, sua contribuição para a paisagem da cidade ultrapassou os limites do Centro. Ele projetou, por exemplo, a Basílica do Imaculado Coração de Maria, no Méier, tombada pelo município desde 2009 e única igreja em estilo neomourisco na cidade. O Palácio São Joaquim, na Rua da Glória, também tem a assinatura do arquiteto, natural de Sevilha. Em estilo eclético, ele foi construído em 1918 para ser a residência do primeiro arcebispo do Rio, cardeal dom Joaquim Arcoverde Cavalcanti de Albuquerque (grifo nosso)⁴².

Como é possível observar, apesar do Cine Palácio estar localizado na Rua do Passeio ele não é contemplado na citação anterior como obra de Morales de Los Rios, mesmo estando situado próximo à Avenida Rio Branco – entorno da Cinelândia – e aos bens culturais exemplificados: Museu Nacional de Belas Artes e Centro Cultural da Justiça Federal. Contudo, a citação destaca a importância do arquiteto para a construção de um Rio de Janeiro nos moldes da modernidade. Algumas ideias de Morales de Los Rios, no entanto, permaneceram somente no papel, como o projeto ferroviário, de 1901, para interligar o Rio de Janeiro à Niterói⁴³,

⁴¹ Conforme admitido pelo próprio Adolfo Morales de Los Rios em publicação no O Jornal, em 1921. RAMOS, R. M. (org.). "O Restaurante Assyrio é Persa... e o Café Mourisco também", de Adolfo Morales de los Rios: Comentários e Anotações. Rio de Janeiro, v. VI, n. 2, abr./jun. 2011. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/txt_artistas/persa_rmr.htm>. Acesso em: dez. 2015.

⁴² CANDIDA, Simone; DE LIMA, Ludmilla. Morales de Los Rios: Arquitetura carioca com soque espanhol. O Globo. Rio de Janeiro, p.16, 03/01/2016.

⁴³ Ibidem.

fato que só se concretizou, como projeto rodoviário, em 1974 pelo arquiteto Mário Andreazza.

Retomando o tema da dissertação, o Cine Palácio se torna, portanto, um marco da arquitetura dentre as construções do entorno da Cinelândia com estilos Eclético, Neoclássico, *Art Nouveau* e *Art Déco*⁴⁴.

De acordo com Souza (2013), o edifício palaciano foi construído por Morales de Los Rios em 1901 quando o estabelecimento se chamava Cassino Nacional, possuindo três cinematógrafos⁴⁵; porém, há controvérsias, pois segundo informações da Prefeitura do Rio de Janeiro por meio do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH)⁴⁶ a data de construção por Morales de Los Rios seria do final do século XIX, coincidindo com a existência do Cassino Nacional Brasileiro (1890), e só em 1901 é que modificou o nome para Cassino Nacional. É importante ressaltar que até a construção dos cinemas de Serrador na Cinelândia, o cinematógrafo era apenas um ator coadjuvante nas pequenas salas distribuídas pelo centro da cidade, visto que o protagonista ainda era o teatro. Ou seja, os filmes eram projetados no mesmo espaço dos cafés-concerto⁴⁷.

⁴⁴ PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Cinelândia: desde a década de 20, a diversão carioca se encontra aqui**, 2014. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/portaldoservidor/exibeconteudo?id=5098280>>. Acesso em: junho de 2015.

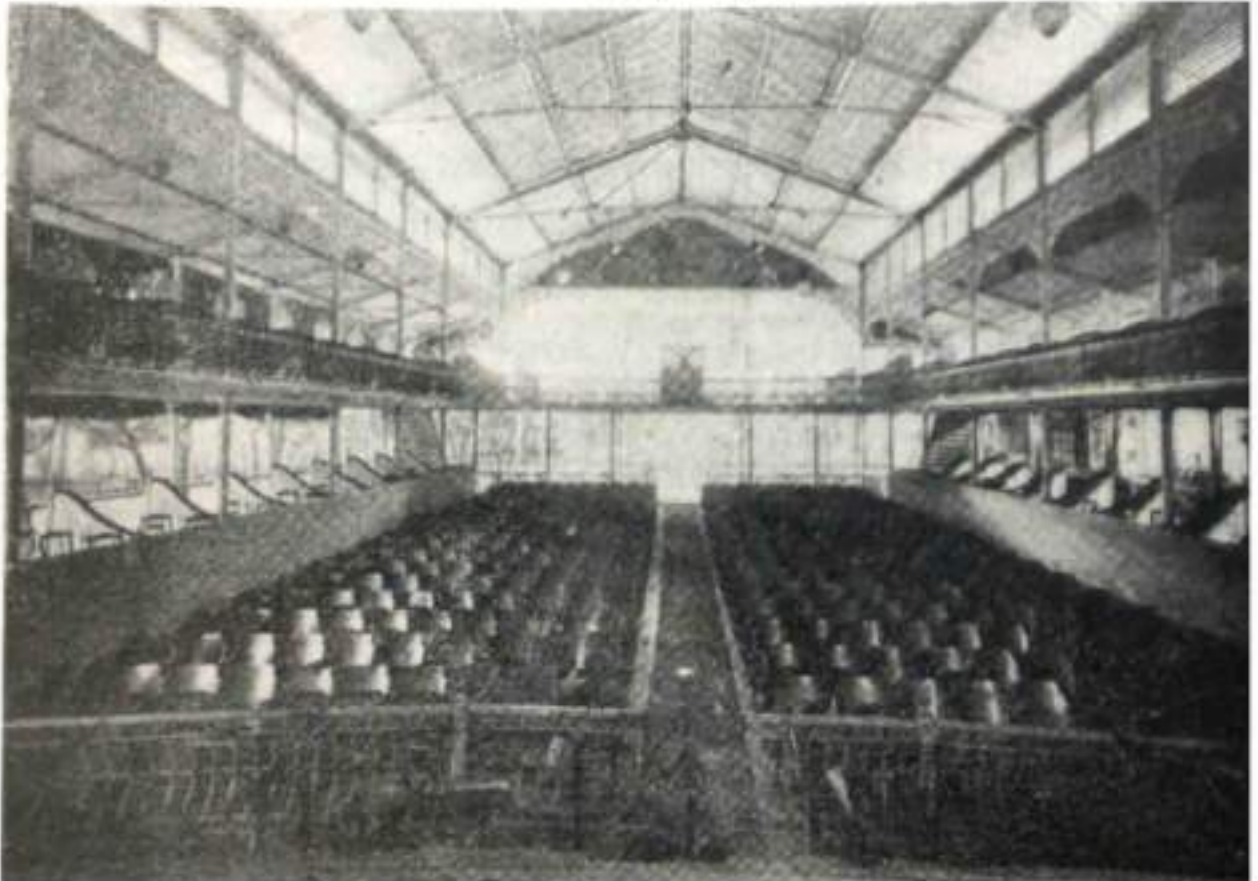
⁴⁵ SOUSA, M. C. S., 2013. Op. Cit., p. 108.

⁴⁶ Informações presentes no aplicativo chamado "Patrimônio Carioca", elaborado justamente pela Prefeitura do Rio de Janeiro em consonância com o Instituto Rio Patrimônio da Humanidade.

⁴⁷ *Ibidem*.

FIGURA 4

Iconografia – Interior do Cassino Nacional, quando já se chamava Palace-Theatre.

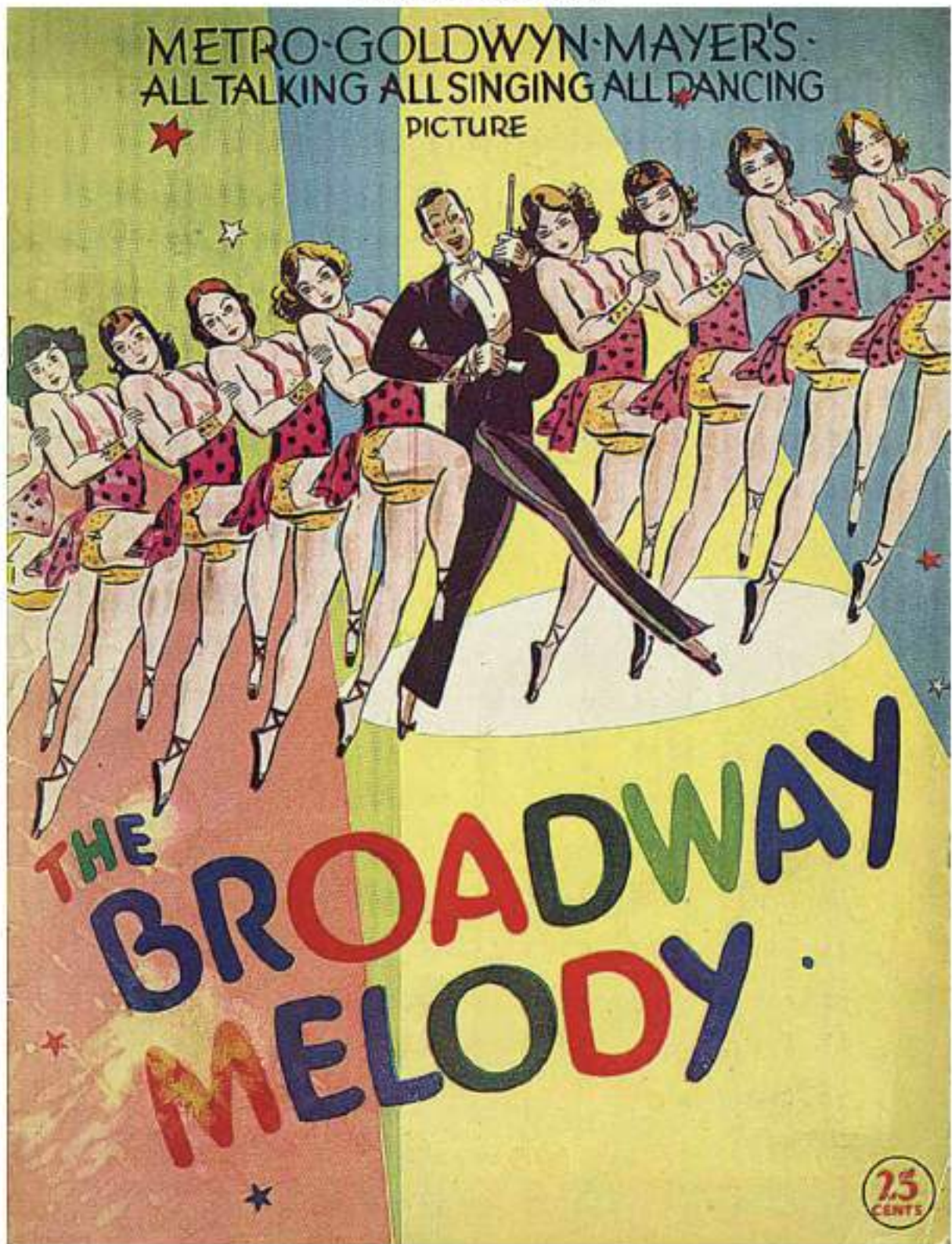


Fonte: GONZAGA, Alice. **Palácios e poeiras: 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Funarte/Ministério da Cultura/Record, 1996, p.64.

Ainda segundo Souza (2013), houve inúmeras mudanças no nome do Cine Palácio e que serão apresentados no item 6.2 do sumário. Com isso, além de ter sido obra de Morales de Los Rios e de ter impulsionado a criação dos *Movie Palace* na Cinelândia, foi o primeiro cinema a exibir um filme sonoro na cidade do Rio de Janeiro, o *"Broadway Melody"* da Metro-Goldwyn-Mayer, MGM, em 1929⁴⁸, portanto, marco histórico porque pioneiro do patrimônio da história do cinema sonoro no Brasil.

⁴⁸ FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES - FUNARTE. **Palácio Teatro (1928)**. Rio de Janeiro, [19--]. Disponível em: <<http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/TeatroXPeriodo.asp?cod=96&cdP=5>>. Acesso em: dez. de 2015.

FIGURA 5
Broadway Melody (1929)



Fonte: http://www.doctormacro.com/Images/Posters/B/Poster%20-%20Broadway%20Melody,%20The%20%281929%29_03.jpg. Acesso em nov. de 2015.

Por isso, nesse ponto da narrativa é preciso abordar o termo 'patrimônio' (latim *patrimonium*, referente a tudo sob o domínio do senhor/pai - *pater familias*)⁴⁹ – termos correlatos (“herança”, “herança cultural”, “bem cultural” e “monumento”)⁵⁰ – que remete à noção de propriedade, herança, pertencimento cultural (memória social/coletiva), e a noção que se enfoca: a de patrimônio histórico, que:

remete-nos à Europa dos séculos XVIII e, sobretudo, do XIX, noção essa atrelada ao surgimento e consolidação dos Estados nacionais e na preocupação de resgatar e preservar – até mesmo inventar – elementos identitários comuns, além do próprio passado nacional⁵¹.

Pierre Nora (1989) afirma que por memória social compreende-se aquilo “que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”⁵² e, de acordo com a museóloga Diana Farjalla Correia Lima (2008), “encaminha à reflexão para o entendimento em torno da configuração da Memória operando como registro e como construção.”⁵³ Nesse sentido, quando se focaliza o patrimônio histórico, isto é, ambiente cultural, abrange também, entre outras, categorias: arquitetônico, documental, arquivístico, bibliográfico, hemerográfico⁵⁴, iconográfico, arqueológico...⁵⁵ e, para a pesquisa em foco, o cinematográfico e também o museológico. Nesse contexto, o patrimônio arquitetônico e o cinematográfico – este último que costuma apenas ser referência aos bens materiais móveis de cinema (acervo das cinematecas, como filmes, rolos, maquinários etc.)⁵⁶ -- mesclam-se para destacar a importância dos palácios cinematográficos para a história da cidade do

⁴⁹ FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S. C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2. Ed., 2009, p.10-11.

⁵⁰ DESVALÉES, A. **Terminologia Museológica**. Proyecto Permanente de Investigación. Rio de Janeiro: ICOFOM/ICOFOM-LAM/Tacnet Cultural, 2000. 1 CD-ROM.

⁵¹ BATISTELLA, A. (org.). **Patrimônio, memória e poder: reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural de Passo Fundo (RS)**. Editora Méritos Ltda, vol.1, 2011, p.7.

⁵² NORA, P.. Between Memory and History: Les lieux de mémoire. **Journal Storage (JSTOR Daily)**. New York, n.26, 1989, p.7-24. Disponível em: <<http://www.jstor.org/sici?sici=07346018%28198921%290%3A26%3C7%3ABMAHLL&3E2.0.CO%3B2-N&>>. Acesso em: nov. de 2015.

⁵³ LIMA, D. F. C.. Herança cultural (re)interpretada ou a memória social e a instituição museu: releitura e reflexões. **Museologia e Patrimônio, Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação PPG-PMUS UNIRIO/MAST**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.38, 2008. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/4/160>>. Acesso em: nov. de 2015.

⁵⁴ Catálogo de jornais e outras publicações periódicas.

⁵⁵ BATISTELLA, A. (org.), 2011, Op. Cit., p.7.

⁵⁶ Inclusive, no documento da UNESCO (Paris, 1995) intitulado “Patrimônio Cinematográfico Nacional”, pertencente ao projeto “Memória do Mundo”, consta uma listagem de bens culturais patrimonializados pela UNESCO, onde na seção “Brasil” não consta nenhuma referência aos cinemas de rua sobreviventes, somente a filmes, cinematecas etc.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Memoria Del Mundo – Patrimonio Cinematografico Nacional**, Paris, 1995. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001103/110379So.pdf>>. Acesso em: nov. de 2015.

Rio de Janeiro, em especial, um dos poucos sobreviventes do entorno da Cinelândia – o Cine Palácio. O patrimônio histórico, portanto, faz-se ligado ao conceito do que se reconhece no âmbito do patrimônio cultural que abrange os bens culturais e que conforme a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural (UNESCO, 1972) se entende na categoria conceitual de:

Patrimônio cultural (material/tangível):

Os monumentos. – Obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os conjuntos. – Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os locais de interesse. – Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico (grifo nosso).⁵⁷

Já outro aspecto do patrimônio, que se integra à materialidade, o intangível, pode ser definido conforme a "Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural e Imaterial" (UNESCO, 2003) em:

Patrimônio cultural imaterial:

Entende-se por "patrimônio cultural imaterial" as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável (grifo nosso)⁵⁸.

Os dois termos anteriores foram destacados justamente por fazerem menção ao objeto de estudo – Cine Palácio – o que leva a considerar, portanto, que o

⁵⁷ Id. **Convenção para a Protecção do Parimónio Mundial, Cultural e Natural**, Paris, 1972.

Disponível em: <<http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>>. Acesso em: nov. de 2015.

⁵⁸ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**, Paris, 2003. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>>. Acesso em: nov. de 2015.

patrimônio cinematográfico abrange tanto aspectos materiais quanto imateriais, que devem ser preservados como parte da identidade e memória da cidade do Rio de Janeiro.

Nesse contexto não se pode deixar de apontar o valor de documento e a relevância da sua preservação ao se olhar o Cine Palácio como um documento não só da Arquitetura, mas, sobretudo da história da cinematografia, ou seja: um documento cinematográfico no qual Diana Lima (2012) destaca que tanto o processo da Patrimonialização quanto a Musealização "incorpora[m] à dimensão social o discurso da necessidade da Preservação"⁵⁹.

No contexto da Museologia afirma-se que "A musealização produz a musealidade, valor documental da realidade"⁶⁰. Esta forma de categorizar qualquer elemento sob o caráter de perfil museológico é a "razão pela qual" é "selecionado", e tal condição indica "seu valor de testemunho da realidade que documenta"⁶¹. Portanto, o que se está tratando é de um patrimônio que possui condições de Musealização, ou seja, a qualificação do Cine Palácio em situação de um patrimônio musealizável. E tal consideração é adequada ao se lembrar que todo museu é um patrimônio musealizado.

Os museus são instituições permanentes, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, abertas ao público, que adquirem, preservam, pesquisam, comunicam e expõem, para fins de estudo, educação e lazer, os testemunhos materiais e imateriais dos povos e seus ambientes (grifo nosso)⁶²

Novamente recorre-se à Desvallées e Mairesse (2011) que afirmam: "Podemos denominar *patrimonialização ou preservação museológica*" (grifo do autor) e, ainda, complementam que "A patrimonialização participa do processo de

⁵⁹ LIMA, D. F. C.. Museologia-Museu e patrimônio, patrimonialização e musealização: ambiência de comunhão. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, vol.7, n.º1, p.34, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198181222012000100004&lng=pt&nrm=iso&tng=pt>. Acesso em: nov. de 2015.

⁶⁰ DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F.. Musealização. **Dictionnaire Encyclopédique de Muséologie**. Edição de André Desvallées e François Mairesse. Paris: Armand Colin: Centre National du Livre, 2011, p.252.

⁶¹ *Ibidem*, p.625.

⁶² CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS – ICOM. **Código de Ética do ICOM para museus**, 2009. Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Codes/Lusofono2009.pdf>. Acesso em: dez. de 2015.

musealização, mas não o engloba totalmente: tudo que é musealizado é patrimonializado, mas tudo que é patrimonializado não é musealizado⁶³.

Em vista disso e como se viu nas definições de patrimônio material e imaterial são condições compatíveis com o Cine Palácio no seu aspecto físico e na sua história e na sua memória intangível. Desse modo, o Cine Palácio inserido no entorno da Cinelândia merece ser reconhecido de acordo com o que se grifou nas citações transcritas da UNESCO (1972 e 2003) segundo os sentido dados às representações de: a) "monumentos"; b) "Obras arquitectónicas"; c) "conjuntos – Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem"; d) "locais de interesse – Obras do homem "patrimônio cultural imaterial"; e) "artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural". E da mesma maneira na citação do Conselho Internacional de Museus, ICOM, que define museu e sua finalidade de lazer, isto é, no modo de atividade cultural de entretenimento que este espaço cinematográfico representa.

Se por definição de "objeto de museu" compreende-se tudo que "transmite um testemunho autêntico sobre a realidade"⁶⁴, então, o Cine Palácio como exemplar que constitui um elemento de museu de percurso pode ser considerado objeto de museu/documento. Isso porque, como um bem cultural de valor cinematográfico, o Cine Palácio testemunha "a realidade que documenta"⁶⁵, ou seja, sua condição de possibilidade de musealidade – a partir de um processo de musealização⁶⁶.

Em se tratando de um museu de percurso no qual o Cine Palácio passa a ser reconhecido como um dos elementos do conjunto de lugares de memória⁶⁷ da cidade do Rio de Janeiro – Brasil Colônia, Brasil Império e Brasil República – é um espaço temático, um cenário físico e cultural delimitado, um circuito expositivo que rememora a História, as Artes, a Política e a Sociedade, itens aos quais seu trajeto está ligado podendo integrar-se à uma "intencionalidade representacional" e uma

⁶³ DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F., Patrimonialização. **Dictionnaire Encyclopédique de Muséologie**. Paris: Armand Colin, 2011, p.254.

⁶⁴ Id. Objeto de museu. **Dictionnaire Encyclopédique de Muséologie**. Paris: Armand Colin, 2011, p.251.

⁶⁵ Ibidem, p.625.

⁶⁶ Ibidem, p.252.

⁶⁷ NORA, P., Between Memory and History: Les lieux de mémoire. **Journal Storage (JSTOR Daily)**. New York, n.26, 1989, p.7-24. Disponível em: <<http://www.jstor.org/sici?sici=0734-6018%281989%2F26%3A26%3C7%3ABMAHLL&3E2.0.CO%3B2-N&>>>. Acesso em: nov. de 2015.

"atribuição de valores"⁶⁸. Isto é, o Cine Palácio se representa como elemento em discurso de exposição museológica situado em um museu a céu aberto que se inscreve na narrativa da vida cultural da cidade.

Quanto aos elementos ou exemplares que compõem os lugares de memória da cidade carioca, presentes nessa elaboração conceitual de museu de percurso, encontram-se reminiscências (recordações, memória) do período colonial brasileiro: o Passeio Público (espaço tomado da antiga Lagoa do Boqueirão aterrada), que é um jardim histórico (paisagismo) de concepção de Valentim da Fonseca e Silva, o Mestre Valentim, construído durante o século XVIII (em torno de 1783, em diante) e reformado no século XIX (em torno de 1860)⁶⁹, pelo paisagista francês Auguste François Marie Glaziou.

De acordo com a Carta de Florença, 1982, do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, ICOMOS, compreende-se por jardim histórico "uma composição arquitetônica e hortícola" / "paisagens" – "monumento" – "que deve ser preservado" devido ao "interesse para o público pelo seu ponto de vista histórico ou artístico", "lugar de fruição"⁷⁰. Além de o próprio Passeio Público ser reconhecido como monumento paisagístico com situação de tombamento, o chafariz dos Jacarés, obeliscos e o portão do Mestre Valentim são tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, desde 1938; e a Ponte de Ferro imitando galhos de árvore e as estátuas "A Primavera", "O Verão", "O Outono" e "O Inverno" são tombados pelo Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro, CMPC, desde 2000. Artefatos, no entanto, com inscrição de tombamento definitivo.

Mas o museu de percurso que se cogita não apresenta somente os vestígios do Brasil Colônia, também há itens do período Imperial como, por exemplo: a "[antiga] sede da sociedade recreativa [sic] denominada Cassino Fluminense"⁷¹,

⁶⁸ ZUBARAN, M. A.; MACHADO, L. M. R. O que se expõe e o que se ensina. **Momento: Diálogos em Educação**, Rio Grande do Sul, v.22, n.1, jan./jun. 2013, p.105. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/momento/article/viewFile/4225/2736>>. Acesso em: nov. de 2015.

⁶⁹ O PASSEIO no Século XIX e a reforma de Glaziou. Rio de Janeiro, [20--?]. Disponível em: <<http://www.passeiopublico.com/htm/sec19.asp>>. Acesso em: nov. de 2015.

⁷⁰ CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS – ICOMOS. **Jardins Históricos: Carta de Florença – 1982**, Florença, 1982, p.2-7. Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-florenca.pdf>>. Acesso em: junho de 2015.

⁷¹ CAVALCANTI, N. O. Araújo Porto Alegre e o patrimônio arquitetônico do Rio de Janeiro. **Revista Museologia e Patrimônio**. UNIRIO– MAST, Rio de Janeiro, v.1, n.º1, 2008, p.94. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/9/21>>. Acesso em: nov. de 2015.

depois sede do Automóvel Clube Brasileiro, projeto (1896) do artista Manuel José de Araújo Porto Alegre, tombado em 1965 pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, INEPAC, tombamento ainda provisório. Assim como ainda há reminiscências do período Republicano, como o Theatro Municipal, obra feita a partir de dois projetos vencedores: de Francisco Oliveira Passos (filho do Prefeito Francisco Pereira Passos) e de Albert Guilbert⁷², de 1909. Prédio em questão tombado em 1972 pelo INEPAC e, no ano seguinte pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, IPHAN, ambos tombamentos definitivos. Esses exemplares bem como outros bens culturais integrantes do Museu de Percurso representativos do Brasil Colônia, Império e República estão apresentados no capítulo 5 da dissertação.

FIGURA 6

Iconografia (folha de rosto) - Cassino Nacional (atual Automóvel Clube): consumo e entretenimento.



Fonte: CAMPOS, Fernando Ferreira. **Na Sala de Espera do Cinema Odeon.** Coleção Memória Urbana. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Transportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, v.1, 1991. p. 55.

⁷² BRASIL. **Theatro Municipal do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, [20-]. Disponível em: <<http://www.theatromunicipal.rj.gov.br/historia.html>>. Acesso em: nov. de 2015.

Por conseguinte, toda essa 'mancha territorial' que envolve fisicamente a localização desses bens culturais, lugares de memória, forma um trajeto que permite ser percorrido a pé, ou seja, a modo de um circuito museológico – museu de percurso. Com isso, há uma espécie de "desmaterialização" do que se conhece por museu tradicional (edificado e com coleção), no qual o museu "se espalha pelas ruas, [e] se espalha pela cidade", e o "edifício" é substituído pelo "território" e a "coleção" pela "idéia de patrimônio", bens estes que 'expostos' dialogam entre as obras através de uma narrativa de exposição⁷³ tematicamente construída.

São essas noções e os autores citados que contribuirão ao longo da pesquisa para melhor desenvolver a relação da Museologia com o objeto de estudo.

Contudo, muitas memórias arquitetônicas que poderiam atualmente integrar o museu de percurso foram demolidas com o decorrer do tempo, como no caso da maioria dos *Movie Palace* representativos do auge da Cinelândia que por motivos de forte crise de concepção urbana, econômica e social desapareceram nos anos 1970 e 1980, principalmente com a migração do público para os novos cinemas dos *shopping centers*. Apenas quatro cinemas representativos da *Broadway Carioca* se encontram presentes na região da Cinelândia: o Cine Palácio, o Cine Odeon, e os cinemas considerados pelo mercado como exibidores de produções pornográficas, isto é, Cine Rex e Cine Orly⁷⁴. Pertencente a este último, o Cine Orly, fechado há um ano e até então destinado aos filmes desse padrão, há um projeto para que este espaço seja revitalizado para que modifique seu perfil de atuação e passe a ser um cinema de arte⁷⁵.

No entorno da Cinelândia havia muitos estabelecimentos cinematográficos e alguns, como o nome indica, só conseguiram sobreviver parcialmente à ação do tempo e a especulação imobiliária apenas pela preservação de sua fachada – por razão de tombamento. Por isso, devido à ação de preservação ocorrer apenas quanto a sua arquitetura, muitos cinemas mudaram de função e se transformaram

⁷³ VANHONI, A. **Museu de periferia do sítio cercado (mupe) de Curitiba**, 2009. Entrevista concedida a Mário de Souza Chagas. Disponível em: <<http://www.vanhoni.com.br/mupe-museu-de-periferia-do-sitio-cercado-entrevista-com-mario-de-souza-chagas-diretor-de-centros-museais-do-ibram/>>. Acesso em: dez. de 2015

⁷⁴ Desde a década de 1980 o Cine Orly (antes chamado Cine Arte Rio e depois Rivoli) exhibe apenas produções pornográficas. Segundo Luís Capacho, em seu livro "Cinema Orly" (1999), o cinema foi pioneiro em exhibir filmes pornôs no Rio de Janeiro.

⁷⁵ Projeto este liderado pela atriz Lucélia Santos e Roberto Herrera, curador da Casa Daros. SCARPA, G. Lucélia Santos vai revitalizar cinema no Centro do Rio. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29/03/2015. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/lucelia-santos-vai-revitalizar-cinema-no-centro-do-rio-563775.html>>. Acesso em: nov. de 2015.

em igrejas, lojas, estacionamentos, dentre outras ocupações. O Cine Palácio, por exemplo, esteve muitas vezes em risco de demolição e, também, foi mantido fechado por um longo período; mas, atualmente, tem em vista retornar à função de atividade cultural de lazer⁷⁶.

Essa dissertação, portanto, determina apresentar os fatores históricos e sociais que justifiquem a permanência de sua função arquitetônica original voltada para o entretenimento – cinema e/ou teatro – considerando-o na categoria bem cultural; desse modo atuando como mecanismo de preservação de um testemunho cultural de época para integrá-lo ao processo de revitalização e que já se encontra em curso em setor urbano no centro da cidade do Rio de Janeiro – a Cinelândia e seu entorno. Além disso, considerar a inserção do Cine Palácio como um exemplar / elemento / objeto de acervo em um museu de percurso, estabelecendo por meio de uma narrativa histórica roteirizada de visitação seu diálogo com os demais bens culturais presentes entre o entorno do trecho Passeio Público - Praça Floriano,  rea cultural plena de memória coletiva e, portanto, de patrimônio musealizável a patrimônio musealizado.

A disserta o, portanto, apresenta no capítulo 4 (item 4.1) a contextualiza o do período histórico e social de desenvolvimento do cinema na cidade carioca e (item 4.2) a rela o da Museologia na formula o da Patrimoniologia com o objeto de estudo Cine Palácio, ou seja, o olhar especializado do campo museológico sobre o bem cultural em questão; e no capítulo 5 o perfil do Museu de Percurso, do qual o Cine Palácio como item de cole o se insere, em contexto de Economia de Cultura (item 5.1) e em proposta de circuito expositivo (5.2).

Ainda, a pesquisa se insere na Linha de Pesquisa 01- Museu e Museologia do PPG-PMUS. Está integrada ao Grupo de Pesquisa CNPq: Campo da Museologia, perspectivas teóricas e práticas, musealiza o e patrimonializa o. Neste quadro de investiga o realizado pela orientadora, professora Diana, relaciona-se no Grupo   linha de pesquisa denominada Musealiza o - Patrimonializa o e Bens Simbólicos.

O objetivo geral dessa pesquisa   Identificar em contexto de valor bem cultural os elementos históricos, socioculturais e arquitetônicos favoráveis   revitaliza o do Cine Palácio – Cassino Nacional/*Theatre-Palace* – documento

⁷⁶ GOIS, A.; GUIMARÃES, A.C.; BRUNET, D.; VIEIRA, M.; ROGERO, T.. Teatro Riachuelo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 nov. 2015, p.14.

arquitetônico neomourisco de entretenimento (século XX, início), obra de Adolfo Morales de Los Rios, quanto a sua relevância como testemunho para Musealização: Museu de Percurso – Cinelândia / Entorno; no processo atual de urbanização local.

Já os objetivos específicos são:

- Identificar na lista de bens preservados/tombados (federal, estadual, municipal) os critérios culturais que motivaram a inscrição do Cine Palácio;
- Mapear os elementos de valor bem cultural integrantes do Cine Palácio que indicam seu perfil favorável à Musealização;
- Determinar o trajeto do Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia/Entorno demarcando os espaços físicos, monumentos históricos e museus locais.

Para tanto, a dissertação se configura como um estudo de caso com base de teor qualitativo e desenvolveu as seguintes ações metodológicas:

- Levantamento bibliográfico em fontes primárias e secundárias, textuais e imagéticas ligadas às instituições de patrimônio e museus da Cinelândia/entorno;
- Mapeamento de critérios patrimoniais e museológicos definidores dos bens culturais Cine Palácio, Cinelândia e seu entorno: os espaços verdes e suas obras artísticas; a arquitetura e suas obras artísticas: a pintura e a escultura; os museus e suas coleções;
 - Desenho para composição de um roteiro envolvendo a ambiência espacial e a narrativa cultural do Museu de Percurso Cinelândia / Entorno.

CAPÍTULO 1

CINE PALÁCIO E CINELÂNDIA: ESPAÇO CINEMA MUDO E SÍTIO CULTURAL DO DESENVOLVIMENTO DO CINEMA NA CIDADE CARIOCA

FIGURA 7
Broadway Melody (1929)



Fonte: <http://www.historiasdecinema.com/wp-content/uploads/2014/07/broadway-melody-cena-III.jp>.
Acesso em nov. de 2016.

O cinema chegou sorrateiro e, ao mesmo tempo, avassalador. Conquistou um mercado cultural dominado pelas artes cênicas e fez da cidade carioca o seu polo cinematográfico: a Cinelândia, o “Bairro Serrador”.

O empresário Francisco Serrador em 1929 trouxe “a tecnologia do *moviefone*” ao Cine Palácio, recém adaptado para atuar como casa de espetáculos, um cinema, apresentando assim, pela primeira vez à sociedade carioca, o filme sonoro “*Broadway Melody*”: “todo falado, cantado e dançado já com o som fotografado na película”¹.

O Cine Palácio, exemplar arquitetônico de função cinematográfica projetado por Adolfo Morales de Los Rios, está localizado à Rua do Passeio n.º 38, entorno da Cinelândia; situado, portanto, em um espaço pleno em patrimônio/monumentos. Com isso, o Cine Palácio, como documento/testemunho da memória histórica cinematográfica e arquitetônica da cidade do Rio de Janeiro permite ser reinterpretado como bem musealizável e, por isso, identificado como exemplar de coleção de um museu de percurso: um circuito museológico voltado para as narrativas do entretenimento/lazer no entorno da Cinelândia.

1.1. ESPAÇO CINE PALÁCIO E O PANORAMA SOCIOCULTURAL DO DESENVOLVIMENTO DO CINEMA NA CIDADE CARIOCA.

Alice Gonzaga², especialista na história da cinematografia nacional, embora aponte que “nunca houve [um] recolhimento sistemático [efetivo] de informações sobre os primórdios da cinematografia carioca”³, acredita como outras fontes que o cinema chegou à cidade do Rio de Janeiro em 1896, na Rua do Ouvidor, um local escolhido por ser a principal Avenida da cidade, com grande fluxo de pessoas e

¹ ABREU, J. S., 2009. Op. Cit., p.141.

² Alice Gonzaga Assaf nasceu em 27 de outubro de 1934, no Rio de Janeiro. É filha da atriz Didi Viana com o cineasta e produtor de cinema Adhemar Gonzaga. Também é responsável pela Cinédia, companhia cinematográfica de 1930 que foi de seu pai, sendo uma referência nacional na preservação da memória de acervos audiovisuais (patrocinada pela Petrobrás).

PETROBRÁS. **Alice Gonzaga**. Rio de Janeiro, 2013[?]. Disponível em: <<http://memoria.petrobras.com.br/depoentes/alice-gonzaga-assaf#.VZ74gfViko>>. Acesso em: nov. de 2015.

³ GONZAGA, A. **Palácios e poeiras: 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Funarte/Ministério da Cultura/Record, 1996, p.50.

veículos e por estar localizada próximo ao Porto, de onde chegavam as novidades que vinham da Europa, como o cinema⁴.

De acordo com o pesquisador da história do cinema, Rafael de Luna Freire⁵, no início eram os chamados "cinemas dos ambulantes", ou seja, salas improvisadas que migravam de cidades a procura de mais público⁶. No entanto, já existia um espaço destinado às diversões, com teatros e cabarés próximos a Rua do Ouvidor, na atual Praça Tiradentes; e, além disso, no próprio Passeio Público, nos cafés e nos restaurantes havia essas projeções ambulantes com o intuito de atrair a clientela para esses espaços⁷.

Ao se dar a abertura da Avenida Central, devido às reformas urbanas de Francisco Pereira Passos, surgiram cafés, confeitarias e as primeiras salas fixas destinadas exclusivamente aos cinemas no Rio de Janeiro; contudo, os cinemas não eram comparados às grandes óperas e teatros, que eram estabelecimentos mais sofisticados⁸. Essa questão demonstra que, inicialmente, apesar de o cinema ter sido uma novidade posta em prática e em larga expansão, o mercado dominante, na época, ainda era o do teatro. Por isso, o cinema começou como elemento coadjuvante, conquistando seu espaço aos poucos.

⁴ O cinema foi um fenômeno importado primeiramente da Europa, mas esta acabou perdendo o monopólio do mercado cinematográfico para os Estados Unidos, responsável por inserir o cinema no setor industrial do entretenimento, fato que ocorreu no pós-guerra, em torno dos anos 1920.

⁵ Professor e pesquisador da Universidade Federal Fluminense (UFF), do Rio de Janeiro, que contribuiu com seus conhecimentos sobre a inserção dos cinemas no entorno da Cinelândia através do canal *online* TV CEFET.

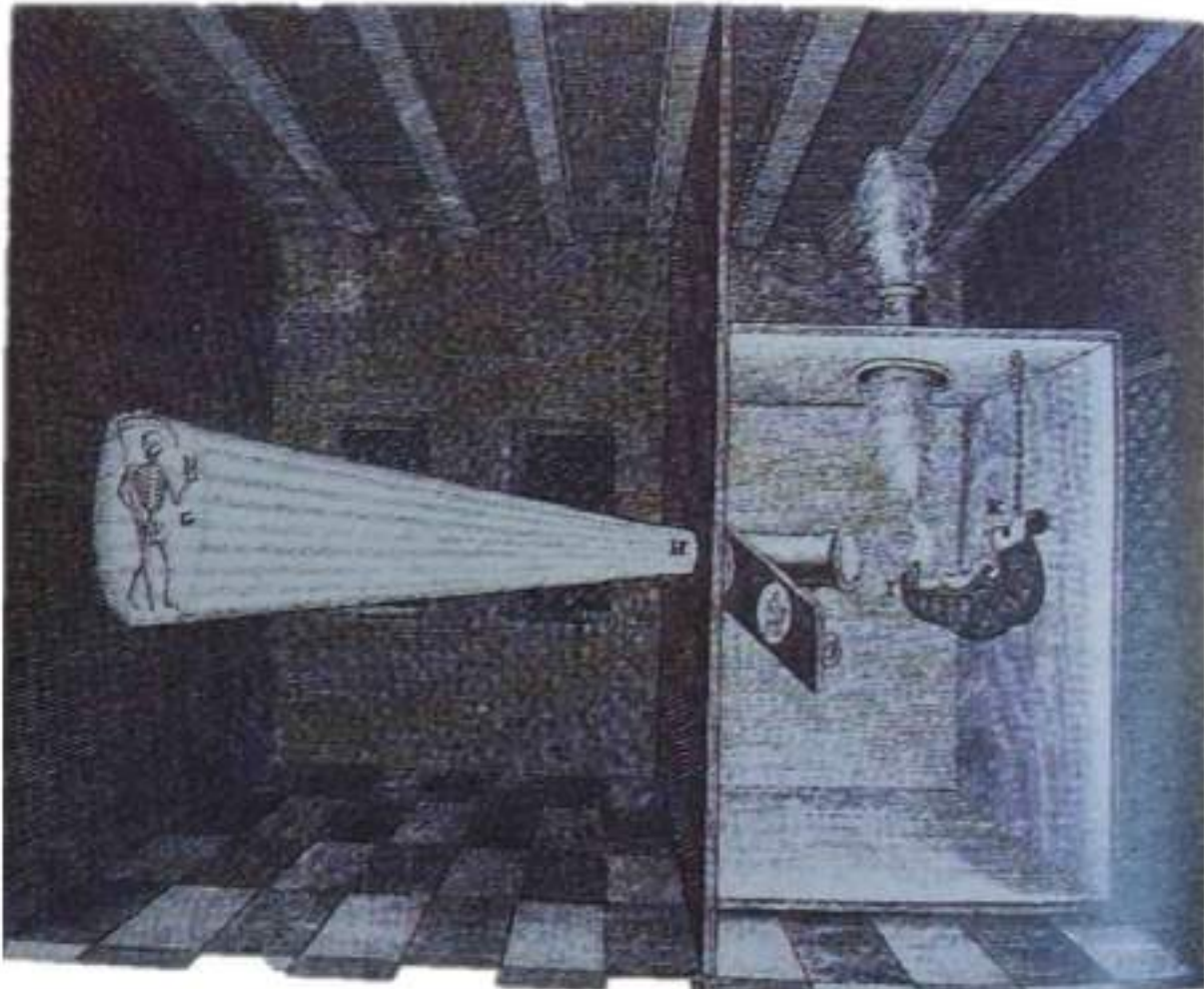
FREIRE, R. de L. **O Rio de Janeiro da Belle Époque**, 2010. Ciência, Lazer e Educação. TVCEFET, Laboratório História da Ciência, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET, Rio de Janeiro/RJ. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=M3oLEGIzs6k>>. Acesso em: dez. de 2015.

⁶ FREIRE, R. L., 2010. Op. Cit., n.p.

⁷ *Ibd.*, n.p.

⁸ ABREU, J. S., 2009. Op. Cit., p.140.

FIGURA 8
Exibindo imagens em movimento



Fonte: MÁXIMO, João. *Cinelândia: breve história de um sonho*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1977, p.64.

No lugar em que Francisco Serrador iria construir prédios e cinemas – no antigo terreno do Convento da Ajuda, espaço da atual Cinelândia – existiu um parque de entretenimento chamado Parque Centenário (1910)⁹, que permaneceu ali até 1923, data em que começaram as obras dos cinemas de Serrador. Acredita-se que o Parque Centenário possuía o "maior cinema ao ar livre de toda a história do Rio de Janeiro, com capacidade para cerca de 5.000 pessoas e tela de 90 metros quadrados (no fundo do terreno próximo ao início da atual Rua Senador Dantas)"¹⁰.

⁹ BERESFORD, T.. *Cinemas antigos antes do Odeon*. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://cinemagia.wordpress.com/2008/11/29/>>. Acesso em dez. de 2015.

¹⁰ FREIRE, R. L., 2010. Op. Cit., n.p.

¹⁰ *ibid.*, n.p.

¹⁰ ABREU, J. S., 2009. Op. Cit. p.57-58.

¹⁰ ABREU, J. S., 2009. Op. Cit. p.58.

FIGURA 9
Parque Centenário (1910)



Fonte: <http://cinemagia.wordpress.com/2008/11/29>. Acesso em maio de 2015

A partir de 1925 surgiram os primeiros arranha-céus do Rio de Janeiro¹¹, na época, os mais altos prédios da cidade, e nas quais os cinemas estariam localizados, segundo Freire (2010), nos espaços térreos – como o Cine Odeon (1926), Cine Glória (1925), Captólio (1925) e o Pathé Palace (1928) – compondo assim a criação de Serrador: a Cinelândia, o local mais moderno da cidade¹² que recriaria a atmosfera da *Broadway*¹³. Nessa época, de acordo com Abreu (2009), “[...] se tornava difícil para as salas antigas competir com os “elefantes brancos” de Francisco Serrador, [...] inspirados nos grandes cinemas de Nova York”¹⁴. Contudo, Costa informa que:

Os cinemas passavam a ocupar não apenas o andar térreo da edificação e sim três ou quatro pavimentos, mostrando que crescia não apenas em tamanho, internamente, com salas para mais de 1.000 lugares e externamente, ao nível da fachada, mas também em conforto, com maiores espaços entre as cadeiras, nos corredores de acesso e nas salas de espera, espalhadas pelos diversos andares.¹⁵

¹¹ FREIRE, R. L., 2010. Op. Cit., n.p.

¹² *ibid.*, n.p.

¹³ ABREU, J. S., 2009. Op. Cit. p.57-58.

¹⁴ *ibid.*, p.58.

¹⁵ COSTA, R. G.-R. Cinemas (in memorian). *Insight Inteligência*, 2000. Disponível em: <<http://www.insightinteligencia.com.br/10/PDFs/int%2010%20-%2010.pdf>>. Acesso em nov. de 2015.

FIGURA 10
Cinelândia



Fonte: MÁXIMO, João. **Cinelândia: breve história de um sonho**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1977, p.116.

Ainda, conforme Abreu (2009), parte da memória de um determinado espaço remete muitas vezes a ações marcantes de um indivíduo ou grupo que contribuiu para a história daquele local. No caso da Cinelândia não foi diferente, visto que nos anos 1930 a 'terra do cinema' também era reconhecida como "Bairro Serrador", fazendo referência ao criador Francisco Serrador, responsável pelo surgimento de "vários cinemas, cafés e bares no local"¹⁶. Além disso, como curiosidade, foi Serrador quem também trouxe o *hot dog*, cachorro-quente, e as pipocas dos cinemas americanos para o Rio de Janeiro¹⁷. Segundo a historiadora Evelyn Lima (2000), havia toda uma integração entre as ruas e os cinemas, formando um espaço que incorporava idas aos cinemas e, após as sessões, idas aos bares, restaurantes, sorveterias, *bombonnières*, e a Praça Floriano tornou-se notícia dos jornais para o desfile da moda hollywoodiana¹⁸.

Contudo, essa popularização do entorno da Cinelândia como polo dos cinemas de rua não se iniciou do nada, tampouco a cidade do Rio de Janeiro sempre teve espaço para o entretenimento. Para compreender melhor como o

¹⁶ ABREU, J. S., 2009. Op. Cit. p.20.

¹⁷ *Ibid.*, p.140.

¹⁸ LIMA, E. F. W. **Arquitetura do Espetáculo: teatros e cinemas na formação da Praça Tiradentes e da Cinelândia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000, p.293-294.

cinema se desenvolveu e alcançou seu auge no século XX com a formação da Cinelândia, é preciso retornar ao século XIX.

O cotidiano do carioca no início do século XIX, conforme aponta Alice Gonzaga, era monótona e praticamente não havia divertimentos para a população; e até mesmo em 1808, com a vinda da Família Real à cidade do Rio de Janeiro, do qual houve “algumas iniciativas no sentido de dotar a corte de uma infra-estrutura de cultura e lazer.”¹⁹, não foram suficientes para “suprir as necessidades de uma população sempre crescente e ávida por ocupar-se”²⁰. Além do mais, ainda segundo a autora, muitos não tinham acesso aos poucos locais de distração que existiam, como circos, touradas, cosmoramas²¹ e fantasmagorias²², além do carnaval e do “jogo a dinheiro”²³, pois a maioria da população era escrava ou não tinha condições de pagar os altos ingressos²⁴. Mas o lazer também era dificultado nesta época para aqueles que tinham um pouco mais de poder aquisitivo como, por exemplo, “um simples piquenique musical [para o qual] era preciso uma autorização [da Camara Municipal]”, ou mesmo a polícia que proibia o público de se encaminhar à confeitaria após ir ao teatro²⁵. Isso, porém, não impediu que a aristocracia iniciasse uma vida cultural da corte, como saraus e salões literários²⁶. Com isso, em 1850 começavam a surgir “clubes, sociedades, grêmios, círculos, congressos, grupos, cassinos, recreios e núcleos, em geral gravitando em torno de atividades teatrais amadoras. Alguns chegariam ao novo século abrigando projeções ou mesmo transformados em cinemas”²⁷, todos frequentados por aqueles com maior poder aquisitivo.

O surgimento do bonde em 1868 também permitiu maior facilidade de deslocamento da população ao centro da cidade, resultando no aumento de

¹⁹ GONZAGA, A., 1996. Op. Cit. p.26.

²⁰ *Ibid.*

²¹ Cosmorama (do grego *κοσμος*, mundo, universo; e *οραμα*, vista) é a representação de paisagens, monumentos e edifícios em quadros vistos por um vidro óptico. De acordo com Adhemar Gonzaga (citado por Alice Gonzaga), este espetáculo foi estabelecido em Paris em 1808, na antiga galeria do Palais Royal, por um abade piemontês chamado Gazzera. De acordo com Gonzaga, o primeiro Cosmorama que se tem notícia foi instalado na atual Rua da Assembléia (rua da Cadeia, 17) e depois transferido para a Rua do Ouvidor, 17.

GONZAGA, A., 1996. Op. Cit. p.39 e 26.

²² Projeções móveis de lanterna mágica inventadas pelo físico e aeronauta belga Robertson, no final do século XVIII.

GONZAGA, A., 1996. Op. Cit. p.40.

²³ GONZAGA, A., 1996. Op. Cit., p.29.

²⁴ *Ibid.*, p.26.

²⁵ *Ibid.*, p.27-28.

²⁶ *Ibid.*, p.28.

²⁷ GONZAGA, A., 1996. Op. Cit. p.28.

passeios e idas aos teatros²⁸. Os últimos momentos do Império foram precursores para a criação de novos estabelecimentos, como “*restaurants*, confeitarias, cafés, passeios, jornais [...] e cursos de dança, esgrima, natação e ginástica, entre outros”²⁹ e, além disso, o teatro “tornou-se a coqueluche do carioca”³⁰. Nesse momento “a população antes reprimida troca a casa pela rua”³¹, havendo uma expansão do ramo do lazer e entretenimento. E os cinemas também conquistaram seu espaço. As projeções eram exibidas ao ar livre para atrair o grande público, sendo oferecidos até por políticos como instrumento de campanha³². Ainda segundo Gonzaga (1996), a Exposição do Centenário da Independência, em 1922, já contava com inúmeras “salas de exibição em seus setores de diversão. O mesmo ocorreu com as inúmeras feiras de produtos, como a de Higiene, em 1909, a do Milho, em 1918, e a de Turismo, em 1935”³³. O cinema também esteve associado a outro produto que se expandiu em solo carioca: o ramo cervejeiro, isso porque a bebida, cerveja,

Embora inteiramente assimilada aos hábitos do carioca nos dias que correm, houve tempo em que, para torná-la conhecida e conquistar um mercado mais amplo, seus fabricantes tiveram que sustentar locais de lazer como parques, cafés-concerto e os famosos chopps-berrantes. Mais tarde, algumas cervejarias continuaram a patrocinar sessões em suas próprias instalações. [...] [no qual] O marco inaugural desse processo aconteceu por volta de 1873 [com a] [...] Fábrica de Cerveja da rua da Guarda Velha (atual 13 de Maio)³⁴.

Outros divertimentos também surgiram, como “os *skating rinks* (rinqes de patinação)”³⁵, mas o que realmente importa nesse momento é apreender que independente do tipo de entretenimento envolvido as projeções cinematográficas tinham forte tendência de estar, a eles, associados³⁶.

A acolhida proporcionada pelo circuito teatral pré-cinematográfico às jovens imagens em movimento guarda alguns ensinamentos importantes. Não resta a menor dúvida de que as grandes atrações da época ocorriam aos templos de Dionísio [ou seja, os teatros]. O canto lírico despontava naquele final de século como a coqueluche do momento. A paixão pela ópera e, principalmente, pela opereta [...]

²⁸ *Ibid.*

²⁹ *Ibid.*

³⁰ *Ibid.*

³¹ *Ibid.*, p.30.

³² *Ibid.*, p.31.

³³ *Ibid.*

³⁴ *Ibid.*

³⁵ *Ibid.*, p.33.

³⁶ GONZAGA, A., 1996. Op. Cit. p.33.

constituíam o chamado gosto popular. Não por acaso, quando os exibidores se aventuravam em bloco a produzir filmes brasileiros, entre 1907 e 1912, explorariam quase que exclusivamente esse filão, utilizando os mesmos cantores e as mesmas histórias.³⁷

É importante ressaltar que até o momento da construção dos cinemas de Serrador na Cinelândia, o cinematógrafo, como já se comentou, era apenas um ator coadjuvante nas pequenas salas distribuídas pelo centro da cidade, visto que o protagonista permanecia sendo o teatro. Dessa maneira, as "vistas animadas", conforme aponta Gonzaga, eram projetadas no mesmo espaço dos cafés-concerto³⁸. Durante esse período, o termo cinematógrafo estava começando a se firmar na designação não somente do aparelho de projeção, mas também do próprio espaço que exibia as imagens em movimento³⁹. O Cine Palácio (o Cassino Nacional) em todo o seu percurso apresentou-se como café-concerto, cine-teatro e cinema⁴⁰.

Quase todos os cafés-concertos possuíam aparelhos cinematográficos, apenas como mais uma atração. Foram inauguradas várias casas de entretenimento, como: o Alcazar Fluminense, do maestro Atilio Capitani; o Moulin Rouge, de Pascoal Segreto; o teatro Folies Bergère, na rua do Lavradio n. 49; o Jardim Concerto Guarda Velha, na rua Senador Dantas n. 57; o Cassino Nacional, na rua do Passeio n. 44, cujo maestro era Vittorio di Maio (grifo nosso)⁴¹.

É fundamental mencionar também que a inserção dos cinemas na Cinelândia proporcionou geração de empregos e produtos ligados a um complexo industrial cultural. Surgiram, como por exemplo, as profissões especializadas: pintores de letreiros, pianistas de cinema – como o compositor Ernesto Nazareth (1863-1834)⁴² – bilheteiros, baleiros, ilustradores de cartazes e de programas de cinema, lanterninhas, operadores de máquinas de projeção etc. Também as indústrias de papel e celulose se beneficiaram com o surgimento dos cinemas no Rio de Janeiro, com a produção dos bilhetes de ingresso dos filmes, assim como a confecção de cartazes cinematográficos. Parte sobrevivente desses produtos ligados à indústria

³⁷ Ibd.

³⁸ SOUSA, M. C. S., 2013. Op. Cit., p108.

³⁹ Ibd., p.66.

⁴⁰ FUNARTE, [19--]. Op. Cit., n.p.

⁴¹ VADICO, L.. Os filmes de Cristo no Brasil: a recepção como fator de influência estilística. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 11, 2006, p.92-93. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/1446/912>>. Acesso em: dez. 2015.

⁴² Ernesto Nazareth tocava piano na sala de espera do Cine Odeon, localizado na Cinelândia, no entorno da Praça Marechal Floriano, compondo inclusive um tango denominado Odeon (1909).

cinematográfica desse período – início do século XX – vão compor futuras coleções de cinemas nos museus, agindo como documentos históricos representativos dessa época.

O que havia de mais moderno era oferecido não só nas telas dos cinemas (as produções hollywoodianas) como no próprio espaço de convivência das ruas, quando para frequentar os cinemas era preciso ir ao centro da cidade – o que ocorreu por muito tempo até o surgimento dos chamados “cinemas de bairro”, como se deu em Copacabana, Tijuca e também no subúrbio que passaram a ter seus cinemas e a Cinelândia perdeu um pouco do seu monopólio cinematográfico⁴³.

Ir aos cinemas era mais do que simplesmente assistir aos filmes, era uma “questão de passeio”, para o qual o indivíduo se vestia da melhor forma possível e pagava caro (ainda que mais barato que o teatro e a ópera) para ver de perto as últimas produções cinematográficas de Hollywood em um espaço palaciano.

Até o final dos anos 1920, o cinema era ‘mudo’ e “teatralizado”⁴⁴, ou seja, utilizava outros recursos de acompanhamento sonoro, como o “piano, o que de algum modo assimilava e adaptava a experiência dos *music-halls* londrinos e dos cafés-concerto parisienses”⁴⁵. Uma espécie de “cinema-cantante” no qual, atrás da tela, ficavam os “tenores e sopranos [...] dublando os atores que moviam os lábios no filme”⁴⁶.

Mas um acontecimento em questão fez com que a Cinelândia atingisse seu auge: a chegada do cinema sonoro⁴⁷, fato ocorrido no Cine Palácio.

Francisco Serrador trouxe em 1929 para o Palace-Theatre a tecnologia do moviefone, através da Western Electric Company, exibindo o filme *Melodia da Broadway* que havia inaugurado o sistema nos EUA: era todo falado, cantado e dançado já com o som fotografado na película.⁴⁸

Por fim, há que destacar a ação de dois personagens fundamentais para o desenvolvimento e auge do entretenimento, isto é, a atividade cultural de lazer no entorno da Cinelândia: Paschoal Segreto e Francisco Serrador. O primeiro foi responsável por introduzir o cinema e expandir o mercado do entretenimento como

⁴³ FREIRE, R. L., 2010. Op. Cit..

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ ABREU, J. S., 2009. Op. Cit., p.88.

⁴⁶ Ibd., p.139.

⁴⁷ ABREU, J. S., 2009. Op. Cit., p.88.

⁴⁸ Ibd., p.141.

⁴⁹ Ibd., p.143.

um todo na cidade carioca, e o segundo em continuar o legado de Segreto ao implantar “uma atmosfera, antes mesmo da ocupação física de um espaço, uma ambiência que se organizava nas grandes metrópoles americanas [...]”⁴⁹, incorporando a área de Hollywood no Rio de Janeiro através do incentivo à indústria cinematográfica.

1.2. CINE PALÁCIO E O OLHAR DA MUSEOLOGIA: UM EXEMPLAR / UM OBJETO DE ACERVO DE MUSEU DE PERCURSO.

O Cine Palácio está localizado na Rua do Passeio n.º 38, Centro (antigo n.º 44 quando era Cassino Nacional), dialogando com memórias do período Brasil Colônia, Brasil Império e Brasil República. O cinema foi projetado por Adolfo Morales de Los Rios ainda no final do século XIX, quando ainda era o Cassino Nacional Brasileiro (1890), modificando seu nome para Cassino Nacional (1901), Palace-Theatre (1906), Cinema Majestic (1917), Palace-Theatre (1920), Palácio-Teatro (1926)⁵⁰ e, finalmente, Cine Palácio (1929)⁵¹.

Apesar de inicialmente ter sido um café-concerto, o estabelecimento, já na virada do século XX, acompanhou a nova tendência da época quanto à novidade que se espalhava pela cidade: o cinematógrafo e, aos poucos, inserindo-o nas suas programações até constituir-se, enfim, no cinema.

⁴⁹ ARAÚJO, 1976; GONZAGA, 1996 apud SOUSA, M. C. S. (Márcia Bessa), 2013. **Entre achados e perdidos: colecionando memórias dos palácios cinematográficos da cidade do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado em Estudos Interdisciplinares em Memória Social – PPGMS/UNIRIO, Rio de Janeiro, p. 108. Disponível em: <<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese24.pdf>>. Acesso em nov. de 2015.

⁵⁰ Ibd.

⁵¹ FUNARTE, [19--]. Op. Cit., n.p.

FIGURA 11
 O gerente Nestor Coelho (à esquerda), técnicos da W. Eletric (ao meio) e Serrador (à direita) no
hall do Palácio-Teatro



Fonte: GONZAGA, Alice. **Palácios e poeiras: 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Funarte/Ministério da Cultura/Record, 1996, p.143.

O quadro abaixo contém as informações coletadas pela pesquisa na literatura especializada e cuja fonte de maior contribuição foi a dada por Alice Gonzaga⁵². Porém, há pontos discutíveis devido a ausência e incompatibilidade de algumas informações sobre o fechamento do Cine Palácio, o que pode ter ocorrido em alguns momentos.

⁵² FUNARTE, [19--]. Op. Cit., n.p.
 GONZAGA, A., 1996. Op. Cit., p.33.

QUADRO 1
Trajetória nominal e temporal do Cine Palácio

1890-1900	1901-1905	1906-1916	1917-1920?	1920-1927	1928	1929
Cassino Nacional Brasileiro	Cassino Nacional	Palace-Theatre	Cinema Majestic Dono: Cia Cinematográfica Brasileira	Palace-Theatre	Palácio-Teatro	Cine Palácio Francisco Serrador
O cinema chega ao Rio de Janeiro (1896)	Os filmes acompanham os números teatrais de palco			O cinema conquista seu espaço		O cinema atinge seu auge

Fonte: Gloria Gelmini, 2015.

O Cine Palácio, objeto central da dissertação, está situado em um trecho pleno de representações de patrimônio no qual se encontram bens protegidos pela proteção dada por tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), nível federal; pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), nível estadual; e pelo Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro (CMPC) – “subordinado à Secretaria Extraordinária de Promoção, Defesa, Desenvolvimento e Revitalização do Patrimônio e da Memória Histórico-Cultural da Cidade do Rio de Janeiro (SEDREPAHC)”⁵³ – nível municipal, e cabendo lembrar que as instituições citadas foram criadas respectivamente em 1937, 1935 e 1980.

O termo “tombamento” (*tombo* – origem portuguesa – que significa “inventariar, arrolar ou inscrever nos arquivos do tomo”)⁵⁴:

[...] significa fazer um registro do patrimônio de alguém em livros específicos num órgão de Estado que cumpre tal função. Ou seja, utilizamos a palavra no sentido de registrar algo que é de valor para uma comunidade protegendo-o por meio de legislação específica. Atualmente, o tombamento é um ato administrativo realizado pelo poder público [...] com o objetivo de preservar, através da aplicação da lei, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico e ambiental para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. [...] Portanto, o tombamento visa preservar

⁵³ SOUSA, M. C. S.; RIBEIRO, L. B. Tão longe tão perto: por uma coleção de cinemas de rua na cidade do Rio de Janeiro, 2009. **Encontro Nacional de História da Mídia**, Fortaleza, VII História da Mídia. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/TaO%20LONGE%20TaO%20PERTO.pdf>>. Acesso em nov. de 2015.

⁵⁴ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **O significado da palavra tombamento**. Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Secretaria de Estado da Cultura/SEDAC, Rio Grande do Sul, s/d, n.p. Disponível em: <<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=noticiasDetalhesAc&item=37302>>. Acesso em: nov. 2015

referenciais, marcas e marcos da vida de uma sociedade e de cada uma de suas dimensões interativas (grifo nosso).⁵⁵

Com isso:

[...] pode ser aplicado a bens móveis e imóveis de interesse cultural/ambiental em várias escalas interativas como a de um município, de um estado, de uma nação ou de interesse mundial, quais sejam: fotografias, livros, acervos, mobiliários, utensílios, obras de arte, edifícios, ruas, praças, bairros, cidades, regiões, florestas, cascatas, entre outros. Somente é aplicado a bens de interesse para a preservação da memória e referenciais coletivos, não sendo possível utilizá-lo como instrumento de preservação de bens que sejam apenas de interesse individual. O ideal num processo de tombamento é que não se tombem objetos isolados, mas conjuntos significantes (grifo nosso).⁵⁶

Segundo o autor da Museologia, André Desvallées (2000), compreende-se o patrimônio como um:

[...] conjunto de todos os bens ou valores, naturais ou criados pelo homem, materiais ou imateriais, sem limite de tempo nem de espaço, que seriam simplesmente herdados de ascendentes e ancestrais de gerações anteriores ou reunidos e conservados para ser transmitidos aos descendentes e gerações futuras. O patrimônio é um bem público cuja preservação estaria assegurada pelas coletividades. [...] A agregação de especificidades naturais e culturais de feição local contribui à concepção e à constituição de um patrimônio de feição universal.⁵⁷

Como o patrimônio é identificado sob tipologias diversas, o Cine Palácio também pode ser visto como patrimônio arquitetônico por enquadrar-se na definição de:

edificações isoladas ou conjunto de edificações [ou seja, elemento de um conjunto de palácios cinematográficos] [...] que possuam peculiaridades culturais [que dentre tantas que serão expostas ao longo desse trabalho, destaca-se o primeiro estabelecimento a exibir um filme sonoro no Rio de Janeiro] . Ex.: a arquitetura rural, as

⁵⁵ BRASIL. Secretaria do Estado de Cultura do Paraná. **Tombamento - Conceitos**. Coordenação do Patrimônio Cultural. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=4#1>>. Acesso em nov. 2015.

⁵⁶ Ibid.

⁵⁷ Texto original: "[...] ensemble de tous les biens ou valeurs, naturels ou créés par l'homme, matériels ou immatériels, sans limite de temps ni de lieu, qu'ils soient simplement hérités des ascendants et ancêtres des générations antérieures ou réunis et conservés pour être transmis aux descendants des générations futures. Le patrimoine est un bien public dont la préservation doit être assurée par les collectivités [...]. L'addition des spécificités naturelles et culturelles de caractère local contribue à la conception et à la constitution d'un patrimoine de caractère universel."

DEVALLÉES, A. **Terminologia Museológica**. Proyecto Permanente de Investigación. Tacnet Cultural. 2000.1.CD

fábricas, as casas comuns [...], as cidades, os monumentos, etc. (grifo nosso)⁵⁸.

O Cine Palácio, elemento histórico representativo da obra de Adolfo Morales de Los Rios, é um exemplar da arquitetura neomourisca que pela questão de estilo se reconhece também como patrimônio artístico e, ainda, é um item do contexto da memória coletiva e um atributo da categoria de documento, por conseguinte, configurando um testemunho da herança cultural de um polo cinematográfico denominado Cinelândia.

Do mesmo modo por esse perfil se identifica ao valor de monumento pela sua capacidade de ligar o "presente com o passado em um contexto social"⁵⁹. Nesse conjunto de facetas que apresenta reside a importância da sua preservação física merecendo que seja informado à sociedade sobre sua história e memória do lugar.

Com isso, o Cine Palácio estará apto a integrar o museu de percurso que se entende como "lugar de memória", espaço do qual Pierre Nora (1989) lembra que há elementos que são fragmentos da história das sociedades, o mesmo que "meios de memória"⁶⁰, alguns subtendidos de um tempo passado carregados de significados simbólicos que tendem a desaparecer com o tempo e, por isso, tornam-se objetos de preservação. Os elementos que compõem um museu de percurso se constituem ao modo de uma coleção de museu, pois "Em cada Objeto/Bem cultural que integra as coleções de um Museu – Instituição Cultural de Memória; está 'presente' e 'inscrita' a representação cultural, o social, o pensamento coletivo"⁶¹ que se entende como memória social ou coletiva estudada por Maurice Halbwachs que afirma:

os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, eles representam correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo ⁶².

Retomando Nora (1993), "os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea"⁶³; e, por isso, torna-se necessário para sua preservação, a pesquisa que possa conduzir ao processo de musealização. Ou

⁵⁸ CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA, ARQUITETURA E AGRONOMIA DO ESTADO DE SÃO PAULO – CREA-SP. **Patrimônio Histórico: Como e por que preservar**. São Paulo, 3ed., Canal 6, 2008, p.14. Disponível em: <http://www.creasp.org.br/arquivos/publicacoes/patrimonio_historico.pdf>. Acesso em: dez. 2015.

⁵⁹ LE GOFF, J.. Documento/monumento. **Historia e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p.249.

⁶⁰ NORA, P., 1989. Op., Cit., p.7-24.

⁶¹ LIMA, D. F. C., 2008. Op. Cit., p.37.

⁶² HALBWACHS, M.. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004, p.71.

⁶³ NORA, P., 1993. Op. Cit., p. 12-13.

seja, o Cine Palácio, portanto, merece a ser tratado sob a perspectiva de objeto musealizado, o mesmo que *musealium* ou *musealia* conforme nomeia o autor da Museologia Zbynek Stránský⁶⁴. Com isso, Cine Palácio como um objeto que deve ser documentado no processo de musealização atende à capacidade, ou condição de possibilidade, que aponta a documentalista Helena Ferrez quando afirma que objetos de museu devem ser considerados “fontes de informação”, pelos seus conteúdos físicos e contextuais a serem interpretados, para se transformarem por tal procedimento de análise em “fontes de pesquisas científica” voltadas à “comunicação que, por sua vez, geram e disseminam novas informações”⁶⁵. Por tal motivo, é que o Cine Palácio em posição de ambiência físico-cultural da Cinelândia merece ser musealizado e, para isso, ser integrante de discursos que dialoguem com seu entorno, devendo “fazê-lo na sua totalidade, ou seja, investigá-lo observando que o mesmo não se encontra isolado no mundo”⁶⁶.

Outro autor, o museólogo Márcio Ferreira Rangel, pode ser citado quanto à questão do isolamento dos bens culturais vistos sob o prisma de uma coleção musealizada, isto é, quando não se constrói uma relação entre tais itens: “A excessiva fragmentação do acervo dificulta a sua representatividade em relação à cidade”⁶⁷.

Em se tratando de processos de musealização, seja um objeto ou um território, o sítio urbano no caso em pauta, ao tornar-se museu, segundo Diana Lima, passa a ser compreendido, “pela nova contextualização a partir da leitura museológica”, em perspectiva da “produção do discurso museológico”⁶⁸.

O Cine Palácio quando analisado como objeto museológico (bem cultural estudado pelo olhar especializado da Museologia) apresenta elementos intrínsecos do próprio objeto (ou seja, informações atribuídas quanto ao seu aspecto material,

⁶⁴ DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F.. **Conceitos- chave de museologia**. São Paulo: Armando Colin, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013, p.57. Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf>. Acesso em: nov. 2015.

⁶⁵ FERREZ, H. D. Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática. Estudos de Museologia. **Caderno de Ensaios**, n.2. Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, 1994, p.65 a 74.

⁶⁶ LOPES, A. M.; SIMÕES, A.. Saberes locais: memórias, práticas, representações e experiências. In: AZAVEDO, Flávia Lemos Mota; CATÃO, Leandro Pena; PIRES, João Ricardo Ferreira (org.). **Cidadania, memória e patrimônio: as dimensões do museu no cenário atual**. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

⁶⁷ RANGEL, M. F.. A cidade, o museu e a coleção. **Liinc em Revista**. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, XIX Enancib, Anais, v.7, n.1, 2011, p.1-13. Disponível em: <<http://revista.libict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/415/304>>. Acesso em: nov. 2015.

⁶⁸ LIMA, D. F. C., 2008. Op. Cit., p.41.

físico) e extrínsecos (informações externas que o contextualizam quanto ao seu aspecto simbólico, documental e interpretativo)⁶⁹, que devem ser trabalhados a favor da preservação de sua memória. Quanto a esses elementos informacionais, o próprio Decreto n.º 29816 de 3 de setembro de 2008 (documento disposto no Anexo, p.116) – que tomba provisoriamente o imóvel, Cine Palácio – já destaca as razões culturais que levaram à preservação do edifício:

CONSIDERANDO a importância dos cinemas na Cidade do Rio de Janeiro, como atividade cultural influenciadora do comportamento carioca;
CONSIDERANDO a importância dos cinemas, sobretudo para as regiões próximas da Cinelândia, que até os dias atuais tem o nome vinculado a esta atividade;
CONSIDERANDO o valor cultural desta edificação, exemplar arquitetônico eclético de influência neo-mourisca, integrante do conjunto já tombado do entorno; e,
CONSIDERANDO a necessidade de medidas cautelares para a proteção do referido imóvel (grifo nosso)⁷⁰.

Conforme os elementos grifados na citação, o Cine Palácio é bem cultural representativo do que “havia de mais moderno [...] não só [somente] nas telas [...] como no próprio espaço de convivência das ruas, onde para frequentar os cinemas era preciso ir ao centro da cidade”⁷¹; e mais do que isso: testemunho de uma prática cultural a qual indicava que ir aos cinemas significava uma atividade social elegante. Especialmente com a chegada do cinema sonoro⁷² que foi inaugurada no Rio de Janeiro pelas projeções do Cine Palácio.

Portanto, o surgimento do som, tecnologia de ponta para a época, destaca o Cine Palácio como testemunho de um novo momento exitoso da Cinelândia com a exibição da “*Broadway Melody*” (1929), fato que passa a inserir o Cine Palácio em posição pioneira como o primeiro cinema do Rio de Janeiro a exibir um filme sonoro. Além disso, a presença empresarial de Francisco Serrador em 1929 resultou, conforme Alice Gonzaga, no início da implantação dos outros palácios cinematográficos na cidade do Rio de Janeiro⁷³, inclusive dos cinemas que existiam

⁶⁹ *Ibid.*, p.39.

⁷⁰ BRASIL. Decreto n.º 29816 de 03/09/2008. Dispõe sobre o tombamento provisório do imóvel onde funcionam os Cinemas Palácio 1 e 2, situado na Rua do Passeio n.º 38 e 40, no Centro do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 03 set. 2008. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4722991/4122104/270DECRETO29816CinePalacio1e2.pdf>>.

Acesso em: dez. 2015.

⁷¹ FREIRE, R. L., 2012. Op. Cit.

⁷² *Idem.*

⁷³ SOUSA, M. C. S., 2013. Op. Cit., p.21.

no entorno da atual Praça Marechal Floriano Peixoto: Cine Metro Boa Vista (Passeio), Cine Capitólio, Cine Pathé, Cine Império, Cine Teatro Glória, Cine Odeon, Cinema Rex, Cine Orly, Cinema Plaza e Cine Vitória.

Esta praça, localizada ao final da atual Avenida Rio Branco – antiga Avenida Central – era popularmente chamada de Largo da Mãe do Bispo entre os séculos XVIII e XIX, sendo nomeada Praça Marechal Floriano Peixoto após as reformas de Pereira Passos (tendo como marco a abertura da Avenida Central) e popularmente reconhecida como Cinelândia após as reformas de Serrador (ou seja, a construção dos cinemas palacianos após a década de 1920) – nome este que enraizou e se tornou oficial desde então.

FIGURA 12
Cine Metro Boa Vista em 1944 - Passeio (Rua Passeio Público, n.º 62)
Vista do fundo da sala de cinema (acima) e foto da Sala de espera (abaixo).



Fonte: Cinemagia. Disponível em: <<https://cinemagia.wordpress.com/2013/10/08/cinemas-antigos-metro-boavista-centro-rj/>>. Acesso em: nov. 2015.

FIGURA 13

Cine Metro Boa Vista, antes e depois - Passeio (Rua Passeio Público, n.º 62)
Fachada do cinema em 1994 (acima) e atualmente como Centro Empresarial Passeio (abaixo).



Fonte: Cinemágia. Disponível em: <<https://cinemagia.wordpress.com/2013/10/08/cinemas-antigos-metro-boavista-centro-rj/>>. Acesso em: nov.2015.

FIGURA14

Cine Capitólio, 1942-1972 (Praça Marechal Floriano, n.º 51)

Foto de antigamente (acima, s/d) e recentemente (abaixo). Foi demolido para construção de um prédio, possivelmente um centro empresarial.



Fonte: Fotolog e Google Maps. A primeira imagem está disponível em: http://oriodeantigamente.blogspot.com.br/2011_01_30_archive.html. Acesso em: nov. 2015.

FIGURA 15
Cine Pathé- Passeio (Praça Marechal Floriano, n.º 55)
Foto de antigamente (acima, s/d) e recentemente (abaixo) como Igreja Universal.



Fonte: Cinemagia e Google Maps. A primeira imagem está disponível em: http://oriodeantigamente.blogspot.com.br/2011_01_30_archive.html. Acesso em: nov. 2015.

FIGURA 16

Cine Império - (Praça Marechal Floriano, n.º 19)

Cinema em 1978 (acima) e recentemente (abaixo). Atualmente é um prédio empresarial em que, no térreo, funciona o McDonald's.



Fonte: Agência O Globo e Google Maps. A primeira imagem está disponível em: http://oriodeantigamente.blogspot.com.br/2011_01_30_archive.html. Acesso em: nov. 2015.

FIGURA 17

Cine Glória (Praça Marechal Floriano, n.º 31)

Cinema antigamente (acima, s/d) e recentemente (abaixo). Atualmente é o Centro Empresarial Cinelândia em que, no térreo, funciona a Caixa Econômica Federal).



Fonte: Arquivo do Museu da Imagem e do Som. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701998000100010&script=sci_arttext>. Acesso em nov. de 2015.

Skyscrapercity. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=653687&page=472>>. Acesso em: nov. 2015.

FIGURA 18
Cine Odeon (Praça Marechal Floriano, n.º 7)
Cinema antigamente (acima, s/d) e atualmente (abaixo). Cinema em funcionamento.



Fonte: Eliomar. Disponível em: <<http://www.eliomar.com.br/rio-antigo-odeon-o-ultimo-cinema-da-cinelandia-fechara-as-portas/>>. Acesso em: nov. 2015.
Imagem de Cris Isidoro. Disponível em: <<http://www.riofilmcommission.com/location/cinelandia>>. Acesso em: nov. 2015.

FIGURA 19
Cinema Rex (Rua Álvaro Alvim, n.º 36)
 Cinema em 1981 (acima) e atualmente (abaixo). Cinema em funcionamento.



Fonte: O Globo. Disponível em: <http://oriodeantigamente.blogspot.com.br/2011_01_30_archive.html>. Acesso em: agosto de 2015; e em seguida, Cinema treasures. Disponível em: <<http://cinematreasures.org/theaters/32561>>. Acesso em: nov. 2015.

FIGURA 20

Cine Orly (Rua Alcindo Guanabara, n.º 21)

Foto antiga, apesar de aparentemente atual (acima, s/d) e recentemente (abaixo). Atualmente fechado.



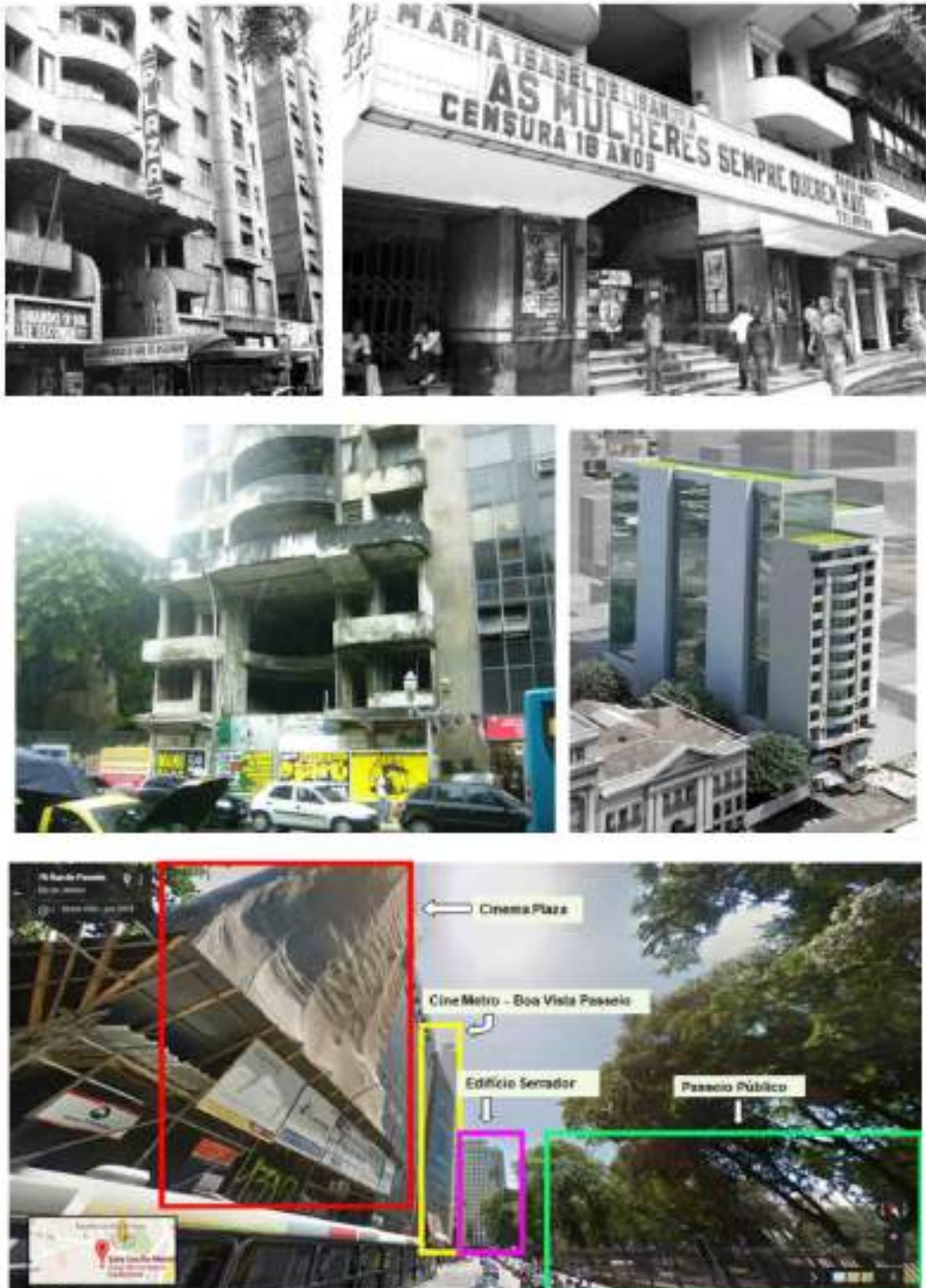
Fonte: Cinemagia. Disponível em: <<https://cinemagia.wordpress.com/2013/10/16/cinemas-antigos-orly-e-rex-centro-rj/>>. Acesso em: agosto de 2015;

Google Maps. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-22.910598-43.176921,3a,90y,139.92h,92.27t/data=!3m6!1e1!3m4!1s28aDacxvRODsHxJ-WocloA!2e0!7i13312!8i6656!6m1!1e1>>. Acesso em: nov. 2015.

FIGURA 21

Cinema Plaza (Rua do Passeio, n.º 78)

Da esquerda para a direita, de cima para baixo: 1950, 1975, foto em ruína, projeto para transformar-se em edifício corporativo BVEP NIGRI PLAZA e imagem do prédio e seu entorno.



Fonte: Rio de Janeiro que eu amo. Disponível em: <http://riodejaneiroqueeuamo.blogspot.com.br/2009/11/blog-post_6475.html>. Acesso em: nov 2015; LAFEM Engenharia. Disponível em: <<http://www.lafem.com.br/>>. Acesso em: nov. 2015; e, na última foto, Google Maps.

FIGURA 22

Cine Vitória (Rua Senador Dantas, n.º 45)

Cinema em 1981 (acima) e em 2012 (abaixo). Atualmente funciona como Livraria Cultura.



Fonte: Associação Amigos do Cine Excelsior. Disponível em: <http://www.cinemæexcelsior.com.br/blog/iniciativas-rio-sp-2013/attachment/cine-vitoria-rio-de-janeiro/>. Acesso em: nov. 2015

FIGURA 23

Cine Palácio (Rua do Passeio, n.º 38)

Operários trabalhando na restauração do interior do cinema (acima, s/d) e atualmente (abaixo). O cinema encontra-se fechado para reforma, com vista em atuar como área cultural.



Fonte: Brasil Econômico. Disponível em: <http://brasileconomico.ig.com.br/ultimas-noticias/regiao-central-do-rio-volta-a-atrair-pontos-comerciais_133652.html> e, em seguida, Wikipedia, disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cine_Pal%C3%A1cio>. Acesso em: nov. 2015.

O Cine Palácio por ser obra rara de Adolfo Morales de Los Rios y Garcia de Pimentel (1858-1928), porque muitos de seus projetos foram derrubados¹, é também o único exemplar de estilo neomourisco de caráter cinematográfico e faz parte de um conjunto (ou uma coleção...) de bens imóveis ainda existentes no local em pauta de autoria desse engenheiro arquiteto: o edifício da antiga Escola Nacional de Belas Artes (1906/1908), atual Museu Nacional de Belas Artes; o Restaurante Assírio no piso térreo no Theatro Municipal; e o Supremo Tribunal Federal (1905/1909), atual Centro Cultural da Justiça Federal, isto é, um museu. Desse modo um conjunto da linguagem desse autor em um mesmo espaço da cidade.

Reverendo-se o que afirma o historiador Le Goff (2003), a memória coletiva se manifesta em dois tipos de materiais: os monumentos (latim *mens*, essenciais ao espírito; *memini*, memória – “herança do passado”)² e os documentos (latim *documentum* – *docere*, ensinar/provar – “escolha do historiador” / “prova histórica”)³. O Cine Palácio, portanto, merece ser considerado tanto um monumento da arquitetura pela sua originalidade estilística, pois, segundo o historiador, “pode evocar o passado, perpetuar a recordação”⁴, como também constitui um documento da vida social na medida em que é “testemunho cultural”/“vestígio da memória cultural”⁵ do cinema.

E como documento “considerado Bem Cultural” e “Objeto de Coleção do [de] Museu [museália]”, “evidencia-se que na sua unidade (= no objeto) estão sediadas as significações culturais, aqueles valores que foram emprestados pela Cultura; ou os atributos do objeto”⁶ próprios e contextuais. A mesma autora da Museologia Diana Lima (2008) afirma que:

O Objeto-testemunho cultural / Objeto-documento dos processos sociais com peculiaridades de caráter expressivo, portanto caráter simbólico ou de representação, atuando com função de comunicação, é matéria e fonte para leituras/interpretações dos espaços do pensar e do agir⁷.

¹ Arquiteto, urbanista, professor e historiador espanhol responsável por diversos projetos de edifícios e fachadas do centro da Cidade no início do século XX, durante a Reforma de Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro. (Outros nomes: Adolfo Morales de Los Rios y Garcia de Pimentel / Adolfo Morales de Los Rios y Garcia de Pimentel Septien y Arbués).

² LE GOFF, J., 2003. Op. Cit., p.525-526.

³ *Ibid.*

⁴ *Ibid.*, p.526.

⁵ LIMA, D. F. C., 2008. Op. Cit., p.37.

⁶ *Ibid.*, p.39.

⁷ LIMA, D. F. C., 2008. Op. Cit., p.37.

Em vista disso, o Cine Palácio pela sua condição arquitetônica, função social de entretenimento e localização na memória urbana, apresenta perfil de representação cultural para tornar-se objeto integrante na categoria de patrimônio musealizado, sua memória em plano coletivo cabe ser exibida / comunicada para a sociedade. Em razão disso torna-se possível afirmar que o cinema em questão passa a ser visto como elemento de acervo arquitetônico/edificado de caráter cinematográfico que integra uma coleção urbana e paisagística composta por três momentos históricos e sociais da Cinelândia – Colônia, Império e República. Por conseguinte, o Cine Palácio é capaz de integrar um museu de percurso, que se apresenta como um trajeto cultural expositivo da história do entretenimento da vida social do Rio de Janeiro.

Em contexto museológico, tomando-se como referência Zbyněk Stránský, o Cine Palácio nas condições que apresenta para tornar-se objeto de museu revela que, apesar de não estar inserido em museu tradicional, é passível de "seleção" e mudança de condição e, com isso, "de apresentação" ⁸ que se faz através do processo de musealização. A apresentação se dá ao ser feita a documentação pelo estudo da Museologia e ao se tornar exposto ao público os seus "dados que são elementos componentes da Informação Cultural [...]" que se revela[m] em "fonte de informação (fonte de referência) ligada ao 'sistema de relações sociais de produção, circulação e consumo simbólicos'"⁹. Por isso, o Cine Palácio torna-se "representativo de certos valores sociais", os quais a Museologia, segundo o autor da Museologia Ivo Maroevic, "lidaria com a [as suas fontes e disseminação da] informação"¹⁰. Dessa maneira o Cine Palácio pode ser selecionado devido aos seus atributos de valor simbólico, investigado como patrimônio / documento cinematográfico representativo da sociedade do século XX, interpretado ao modo de um objeto de um museu de percurso.

Então, cabe a essa altura perguntar: por que a musealização é importante? O tombamento já não seria suficiente para preservar o bem cultural? Tomando como estudo de caso o Cine Palácio, cujo tombamento ainda não é definitivo, a

⁸ DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F., 2013. Op. Cit., p.57.

⁹ LIMA, D. F. C, 2008. Op. Cit., p.37.

¹⁰ CERAVOLO, S. M.; TÁLAMO, F.. Tratamento e organização de informações documentárias em museus. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2000, p.254. Disponível em: <[http://pt.scribd.com/doc/84538280 /TRATAMENTO-E-ORGANIZACAO-DE-INFORMACOES-DOCUMENTARIAS-EM-MUSEUS#scribd](http://pt.scribd.com/doc/84538280/TRATAMENTO-E-ORGANIZACAO-DE-INFORMACOES-DOCUMENTARIAS-EM-MUSEUS#scribd)>. Acesso em: nov, 2015.

musealização tem por objetivo não somente “garantir a integridade física de uma seleção de objetos, mas também promover ações de pesquisa e documentação voltadas à produção, registro e disseminação das informações a eles relacionadas, com vistas à transmissão a gerações futuras”¹¹. Por isso, a musealização:

favorece o acesso de pesquisadores ao objeto, abrindo um campo para diferentes olhares, novas perspectivas de estudo e possibilidades de confronto com outros documentos, textuais ou não textuais, o que favorece a produção de novas informações. Trabalhar com objetos musealizados implica em assumir sua polissemia.¹².

É enquanto o tombamento garante (em tese) a integridade dos aspectos físicos ao objeto – ou seja, a edificação e fachada do Cine Palácio – porém não exige a garantia de trabalhar a multiplicidade de sentidos simbólicos presentes no bem cultural, fato que só é possível a partir do processo de musealização em todos os seus itens. Além do mais, o bem cultural que não dialoga com o presente também não tem suas informações disseminadas ao público e nem possibilita ações de pesquisa, tendo tendências à museificação, ou seja, petrificação do patrimônio, que é um sentido pejorativo associado ao sentido de mumificação¹³.

Outra ameaça é a perda da relação com a ‘personalidade’ do edifício tombado, que poderá adquirir outra função completamente distinta, como no caso de muitos cinemas de rua que, devido a amplidão dos seus espaços foram reaproveitados para recepcionar igrejas evangélicas, por exemplo. Apaga-se dessa maneira a memória do lugar, esquece-se a relevante história do entretenimento que movimentou a vida social carioca e deu nome ao espaço que assim é identificado formalmente até hoje.

Enfim, por ser considerado objeto de museu, o Cine Palácio também se faz objeto de ação da Patrimoniologia, pois, baseando-se em outro autor da museologia, Mathilde Bellaigue, o Cine Palácio pode ser entendido como objeto de uma nova “concepção de museu [...] [localizada] numa noção ampla de patrimônio, dito

¹¹ LOUREIRO, M. L. de N. M.; SANTOS, L. B. dos. Musealização como estratégia de preservação: Estudo de Caso sobre um previsor de marés. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, vol.5, n.º1, 2012, p.51. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/211/187>>. Acesso em: nov. 2015.

¹² *Ibid.*

¹³ DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F., 2013. *Op. Cit.*, p.57.

"patrimônio total"¹⁴, compreendendo "as paisagens, sítios, edificações, bem como os objetos que são portadores de história ou de memória" (grifo nosso)¹⁴.

Esse é o sentido em que se funda a Patrimoniologia (Heritology). Uma proposta conceitual feita em 1982 por autores do campo museológico Tomislav Sola e Klaus Schreiner caracterizando que museu e patrimônio é uma composição, uma integração. Outro teórico do mesmo campo, Peter van Mensch, explica a noção dos colegas sob o ponto de entendimento dos profissionais da Museologia: "lida com a nossa atitude em relação ao nosso Patrimônio como um todo"¹⁵.

Tal pensamento se alicerça nos princípios comuns existentes nos conceitos e processos de patrimonialização e de musealização cujos fundamentos são a preservação e a valorização dos bens culturais. Pode-se dizer que a única diferença existente entre os dois é, repetindo a afirmativa que o campo museológico faz: "Podemos denominar patrimonialização ou preservação museológica", e "A patrimonialização participa do processo de musealização, mas não o engloba totalmente: tudo que é musealizado é patrimonializado, mas tudo que é patrimonializado não é musealizado"¹⁶.

Sob tal perspectiva uma face do processo de preservação já é fato em vários exemplares do sítio em pauta e o processo de musealização, excetuando o Museu Nacional de Belas Artes e o Centro Cultural da Justiça Federal que são arquitetura e contexto musealizados; poderá então ser aplicado aos fragmentos históricos ainda presentes na região para estabelecer linguagem estética, patrimonialista e de efeito memorial.

Neste capítulo a dissertação lembra, também, no contexto de museu de percurso voltado para as narrativas do entretenimento cultural na Cinelândia e adjacências, que não se pode esquecer do assunto "patrimônio na era da indústria cultural" sob a interpretação e ação da economia de cultura, que contribui para refletir sobre o uso do patrimônio em prol a um desenvolvimento econômico, social e cultural/patrimonial¹⁷. Isto é compreendido tendo o uso do objeto de museu Cine

¹⁴CERAVOLO, 2000. Op. Cit., p. 260.

¹⁵ MENSCH, P. V.. **O objeto de estudo da museologia**. Rio de Janeiro: UNIRIO/UGF, 1994. p.14. (Pretextos Museológicos).

¹⁶ DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F.. Patrimonialização. **Dictionnaire Encyclopédique de Muséologie**. Edição de André Desvallées e François Mairesse. Paris: Armand Colin: Centre Nacional du Livre, v.2, 2011, p.254.

¹⁷ DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F.. Patrimonialização. **Dictionnaire Encyclopédique de Muséologie**. Edição de André Desvallées e François Mairesse. Paris: Armand Colin: Centre Nacional du Livre, v.2, 2011, p.35-36.

Palácio ao modo de uma reinterpretação que privilegia seu contexto de bem musealizado junto a um panorama de serviço industrial de mercado: atuar como espaço de atividade cultural – entretenimento – como estratégia de preservação. Temática que se pesquisou para relacionar ao patrimônio, como se lerá no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

PERFIL DO “MUSEU DE PERCURSO LUGAR DE MEMÓRIA CINELÂNDIA / ENTORNO”: CONJUGANDO A ECONOMIA DE CULTURA EM CIRCUITO DE VISITAÇÃO

FIGURA 24
O Cine Palácio



Fonte: O Globo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/cinema/posts/2008/09/04/viva-cine-palacio-tombado-124211.asp>>. Acesso em: dez. 2015.

A partir dos anos 1960 com a criação dos *shopping centers*¹ os cinemas de rua passam por um processo de perda de seu espaço no cenário carioca, fato que se agrava com a falta de interesse do setor público em utilizar estes lugares em benefício da economia e de sua preservação. Referente à utilização do termo 'perda' há múltiplas interpretações envolvidas que fazem parte do que, de fato, ocorreu com essas construções: a "alteração do ramo dos negócios"² aproveitando somente sua fachada (ou seja, reutilizar o espaço interno para a realização de atividades distintas da cinematografia, como por exemplo para cultos religiosos ou outros setores comerciais); e o desaparecimento desses espaços, que ocorre tanto pela perspectiva da tangibilidade, ou seja, pela demolição dos cinemas palacianos que existiram na cidade do Rio de Janeiro, quanto pelo olhar do intangível, aquilo que é intocável e que a preservação tem por objetivo perpetuar em memória a fim de salvaguardar, documentar e comunicar seu lugar. Com isso, o entorno da Cinelândia que era caracterizado pela existência de inúmeros cinemas de rua ficou fragilizado pelo desaparecimento desses estabelecimentos.

Esse Rio de Janeiro! O homem passou em frente ao Cinema Rian, na Avenida Atlântica, e não viu o Cinema Rian. Em seu lugar havia um canteiro de obras. Na Avenida Copacabana, Posto 6, o homem passou pelo Cinema Caruso. Não havia Caruso. Havia um negro buraco, à espera do canteiro de obras. Ai alguém lhe disse: "O banco comprou".

Assim, pois, desaparecem os cinemas, depois de terem desaparecido, ou quase, os frequentadores de cinema. Estes ficaram em casa, vendo figuras pela televisão, primeiro porque é mais seguro, evita assaltos; segundo porque é mais barato, e terceiro, porque o cinema convencional saiu de moda [...].³

A citação, portanto, demonstra o fechamento, transformação e demolição desenfreada de vários *Movie Palace* entre as décadas de 1960 a 1990 para a

¹ O *shopping center* surgiu no Brasil na década de 1960 com a inauguração do Shopping Center Iguatemi, em São Paulo. O sucesso foi tanto que na década de 1970 o shopping se instalou como indústria, atingindo seu auge em todo o território nacional em 1980. Planejado para ser um novo "Centro" de concentração de lojas e serviços, logo o cinema também passou a fazer parte de sua estrutura, o que fez com que a praticidade do local quanto ao acesso comercial fizesse com que grande parte do público optasse por frequentar os shopping centers. O primeiro shopping do Rio de Janeiro foi o Rio Sul Shopping Center, inaugurado em abril de 1980. (SEMMA, 2012). Conforme aponta Alice Gonçalves, "[...] cinema e *shopping* pareciam predestinados a se encontrar desde o início" (GONZAGA, Alice; 1996)

EMPRESA DE SHOPPING CENTERS – SEMMA. **História dos Shopping Centers no Brasil: Do Nascimento até a Década de 90**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.semma.com.br/historia-dos-shopping-centers-no-brasil/>>. Acesso em: nov. de 2015.

² GONZAGA, A.. Op. Cit., 1996, p.243.

³ *Filme Cultura*, 1986, p.108 apud GONZAGA, A.. Op. Cit., 1996, p.245.

(re)inauguração de outros estabelecimentos. Outro apontamento importante e que também influenciou na redução do público de cinemas na época, inclusive, é o surgimento da televisão no Brasil em 1950⁴. Popularizada somente na década de 1970⁵, com o advento da TV em cores, fez primeiramente com que apenas famílias privilegiadas quanto ao alto poder aquisitivo passasse a desfrutar da experiência similar à cinematográfica agora no conforto de seus lares. Além dessas questões apontadas, outras são referentes ao advento do videocassete e o crescimento da violência nas cidades, fato que influenciou a preferência do público pelos cinemas de *shoppings* (décadas de 1970-80) por serem considerados mais seguros⁶, o que ajudou no abandono dos cinemas de rua por um longo período.

No entanto, os tempos atuais mostram-se favoráveis ao retorno dos cinemas ditos palacianos que ainda se encontram presentes na atualidade – não somente na Cinelândia como também em outros bairros.

Presidente da Associação do Comércio e da Indústria da Tijuca (Acit), Jaime Miranda, de 53 anos, morador do bairro desde 1980, diz que o retorno do cinema às ruas aqueceria a economia e faria novamente da Saens Peña um lugar de convivência social (grifo nosso)⁷.

Não frequento cinema nos shoppings, não gosto. Acho que não são acolhedoras – alega o aposentado⁸.

Se não único e exclusivamente como cinemas de rua, que, ao menos, sejam revitalizados a fim de privilegiá-los com sua função para entretenimento, permitindo que a memória edificada e social seja contemplada e favorável tanto para a sua preservação quanto para o desenvolvimento econômico. É o exemplo do Cine Odeon, na Cinelândia – item/ bem cultural da coleção Brasil República integrante ao Museu de Percurso – que está sendo reformado para reabrir como um Centro

⁴A televisão no Brasil começou em 18 de setembro de 1950, graças a atuação de Assis Chateaubriand ao fundar o primeiro canal de televisão no país, a TV Tupi.

⁵ CAMARGO, C. **História da Televisão**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/projetor/2397-historia-da-televisao.htm>>. Acesso em: dez. 2015.

⁶ PEIXOTO, M. Tijucanos sonham com o retorno dos cinemas de rua que deram fama à segunda 'Cinelândia carioca'. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19/02/2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/tijucanos-sonham-com-retorno-dos-cinemas-de-rua-que-deram-fama-segunda-cinelandia-carioca-11643038>>. Acesso em: dez. 2015.

⁷ *Ibidem*.

⁸ BARROS, E. C. de. Cinemas de rua devem inovar sem perder a essência. **PUC-Rio Digital**, Rio de Janeiro, 06/03/2015. Entrevista concedida a Larissa Fontes e Paula Laureano. Disponível em: <<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/Texto/Cultura/%22Cinemas-de-rua-devem-inovar-sem-perder-a-essencia%22-25168.html#.VhGNVPIViko>>. Acesso em: dez. 2015.

Cultural e que, dentre as novidades, evoca a memória da figura dos “lanterninhas” – “profissionais que auxiliavam o público nas sessões dos antigos cinemas. Eles vão ganhar uniformes inspirados nos que eram usados na época da inauguração, em 1926”⁹.

FIGURA 25
Croquis dos “lanterninhas” - Odeon, 1926.



Fonte: O Globo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/05/cine-odeon-na-cinelandia-passa-por-reforma-e-reabre-como-centro-cultural.html>>. Acesso em: dez. 2015.

No intuito de destacar esses itens favoráveis apresentados – ou seja, o retorno dos cinemas de rua como Lugares de Memória voltados ao entretenimento – o capítulo, portanto, está subdividido em dois tópicos para abordar as seguintes questões: (1) a Economia de Cultura como forma de aliar a preservação desses bens culturais ao desenvolvimento econômico da cidade – novas atribuições de sentido ao cartão postal da cidade que valorize o patrimônio artístico, arquitetônico e cinematográfico – (2) os bens arquitetônicos representativos do Museu de Percurso que representam os estilos *Art Déco*, *Art Nouveau* e Eclético – no caso do Cine Palácio com elementos Neomourisco – (3) a definição do que se entende por Museu de Percurso; (4) os itens que tornam o Cine Palácio como bem cultural que documenta fragmentos tangíveis e intangíveis da realidade; (5) o desenho do espaço expositivo do Museu de Percurso e sugestões de divulgação do Museu; (6) a Lei do Corredor Cultural (lei municipal n.º 1139 de 16 de dezembro de 1987) aplicada ao território tratado nesta dissertação; e (7) as coleções disponibilizadas

⁹CINE Odeon, na Cinelândia, passa por reforma e reabre como Centro Cultural. O Globo. Rio de Janeiro, 20/05/2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/05/cine-odeon-na-cinelandia-passa-por-reforma-e-reabre-como-centro-cultural.html>>. Acesso em: dez. 2015.

nas demais instituições de salvaguarda do patrimônio móvel (revistas, cartazes, rolos de filmes etc.) que dialogam com a memória da cinematografia (do grego: κίνημα, kinema "movimentos" e γράφειν, graphein "registrar") e, conseqüentemente, com o Museu de Percurso.

2.1. CINE PALÁCIO: ITEM MUSEOLÓGICO EM CONTEXTO DE ECONOMIA DE CULTURA

Conforme tratado no capítulo anterior, o Cine Palácio é um bem cultural com condições de Musealização. Contudo, foi discutido em parte inicial dessa dissertação que a medida de proteção legal tombamento não garante que a memória coletiva que representa seja preservada e, tampouco, perpetuada, visto que é apenas um instrumento que privilegia o aspecto arquitetônico do bem imóvel (fachada e/ou elementos internos do edifício) evitando, inclusive, que haja comercialização ilegal de bens culturais. Com isso, ao destacar a importância do Cine Palácio quanto a sua memória e contribuição para o desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro, e da criação do polo cinematográfico Cinelândia – *Broadway Carioca* – esse trabalho contribui para o campo da Museologia ao destacar o cinema de rua como patrimônio com condições de Musealização.

Desse modo, com sua localização em um espaço pleno representação de patrimônio, coleção de exemplares do período Colonial, Imperial e Republicano, o Cine Palácio se classifica como exemplar raro da coleção Brasil República – patrimônio cinematográfico excepcional do início do período republicano de característica arquitetônica neomourisca – que dialoga com seu entorno como elemento que compõe uma coleção de construções urbanas que se expressa através de um discurso de exposição museológica, isto é, um museu a céu aberto: Museu de Percurso. Contudo, para que o Cine Palácio tenha sua memória preservada e perpetuada deve manter sua atuação como espaço de atividade cultural voltada para o entretenimento, evitando, assim, de transformar-se em mais um edifício descaracterizado quanto a sua função arquitetônica – ou seja, ser utilizado como outro empreendimento comercial, a exemplo de igreja, farmácia, centro empresarial, dentre outros, e perdendo a história intangível da cultura que representa.

Pensar o patrimônio aliado ao desenvolvimento econômico, social e cultural não é algo considerado fora do imaginário museológico, estando esta atuação, inclusive, exposta na própria definição de museu (Conselho Internacional de Museologia, ICOM, 2007), que abrange a cultura material e o estrato do intangível:

Um museu é uma instituição permanente e sem fins lucrativos a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe o patrimônio tangível e intangível da humanidade e seu ambiente para fins de educação, estudo e lazer [entretenimento] (grifo nosso)¹⁰.

Considerando o grifo feito na citação acima, o desenvolvimento de instituições culturais, como os museus, pode ocorrer pelo estímulo à denominada economia de cultura que, em conformidade com o relatório "Creative Economy Report 2010", da Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento (*United Nations Conference on Trade and Development – UNCTAD*), consiste na:

aplicação da análise econômica a todas as artes criativas e performáticas, patrimônio e indústrias culturais, quer sejam de natureza pública quer privada. Consiste na análise dos modelos de organização econômica do setor cultural e na compreensão do comportamento dos produtores, consumidores e governos que interagem nesse setor (grifo nosso).¹¹

Essa interação entre o consumidor (público/ sociedade) e o produtor (Instituições Museológicas com incentivo estatal) aliados aos processos de Patrimonialização e Musealização no que tange também a preservação da memória coletiva no Patrimônio Material, portanto, favorece estimular o capital simbólico bem cultural; "ou seja, a percepção dos processos culturais também como geradores de riqueza social, elementos intangíveis que agregam valor adicional aos bens e

¹⁰ Tradução do texto original: "A museum is a non-profit, permanent institution in the service of society and its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits the tangible and intangible heritage of humanity and its environment for the purposes of education, study and enjoyment"

ICOM. **Definition of terms: Museums**. In: 21st GENERAL CONFERENCE IN VIENNA, Austria, 2007. Disponível em: <http://icom.museum/the-organisation/icom-statutes/3-definition-of-terms/#sommairecontent>. Acesso em: Agosto de 2015.

¹¹ Tradução do texto original: "[...] application of economic analysis to all of the creative and performing arts, the heritage and cultural industries, whether publicly or privately owned. It is concerned with the economic organization of the cultural sector and with the behaviour of producers, consumers and governments in this sector. The subject includes a range of approaches, mainstream and radical, neoclassical, welfare economics, public policy and institutional economics."

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT(UNCTAD). Creative Economic Report. Genebra: UNCTAD, 2010, p.5. Disponível em: <http://unctad.org/en/Docs/ditctab20103_en.pdf>. Acesso em: nov. 2015.

serviços culturais"¹². Além desta tipologia de capital, também é resultado dessa interação o desenvolvimento econômico por ser capaz de gerar renda e emprego, no qual o bem cultural torna-se também 'multiplicador' sobre outros setores da economia.

Mas o que significa isso? Por 'multiplicador', compreende-se a capacidade de gerar a "valorização das áreas adjacentes, como por exemplo "no preço dos imóveis do local, bem como na segurança pública e na apropriação social do entorno" (grifo nosso)"¹³. É perceptível, portanto, que além do entorno ser um "espaço adjacente"¹⁴ – ou "vizinhança"¹⁵ – fundamental para garantir a integridade de um bem imóvel tombado (como, por exemplo, evitar que haja novas construções ou modificações espaciais que prejudiquem a visibilidade e a contemplação do patrimônio), também é valorizado economicamente, beneficiando a revitalização do espaço urbano. Por isso é fato que a geração de empregos não é a única vantagem quando há um incentivo à economia da cultura, visto que também favorece "o desenvolvimento do turismo e da imagem do local que, em favor do destaque, possibilita maior "regeneração de áreas degradadas" e também atrai público para a região"¹⁶. Fato que já vem ocorrendo e beneficiando o Centro da Cidade com o nome de *Free Walking Tour*, uma tendência internacional que vem conquistando adeptos da cidade carioca: passeios gratuitos em grupos pelo entorno da Cinelândia, sem a necessidade de reservas, e com guias locais¹⁷.

Como no âmbito da economia da cultura a sustentabilidade é um valor, sob a face econômica apresenta para o Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno potencial para investir no ramo em que, historicamente, foi referência pioneira: o entretenimento, cujo setor oferece retorno financeiro.

¹²INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - IBRAM. **Museus e a dimensão econômica: da cadeia produtiva à gestão sustentável**. Coleção Museu, Economia e Sustentabilidade, Brasília, DF: Ibram, 2014, p.21. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wpcontent/uploads/2015/01/Museus_DimensaoEconomica_Ibram2014.pdf>. Acesso em: nov. 2015.

¹³INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS – IBRAM. Op. Cit., 2014, p.20.

¹⁴CONSELHO FEDERAL DE ENGENHARIA, ARQUITETURA E AGRONOMIA – CONFEA, 2008. Op. Cit., n/p.

¹⁵BRASIL, 1937. Op. Cit., n/p.

¹⁶DINIZ, S. C. **Análise do setor cultural nas regiões metropolitanas brasileiras**. XXXVI Encontro Nacional de Economia. ANPEC. 12, Salvador, 2008, p.3. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2008/artigos/200807211651060-.pdf>>. Acesso em: dez. 2015.

¹⁷CAMINHADA diferente: Um turismo que 'manda a real' a custo zero – Passeio gratuito, 'free walking tour' se populariza no Centro e atrai visitantes interessados em ver a cidade como ela é. **O Globo**, Rio de Janeiro, p.16, 07/01/2016.

O quesito 'sustentabilidade social' ocorre para permitir que a população local devido aos novos investimentos no espaço urbano e seu entorno, adjacências, possa usufruir de uma oferta cultural a se expandir e requerer novos profissionais, por exemplo: oferta de cursos profissionalizantes.

Já a 'sustentabilidade cultural' se refere à capacidade dos bens culturais em se beneficiarem, auto sustentarem, sem a necessidade de doações ou interesses particulares como desviar a função do edifício para alguma prática de mercado distinto, desse modo, garantindo a preservação das estruturas físicas para os bens que não estão contemplados pelo recurso do Tombamento.

Por fim, a 'sustentabilidade ambiental', mais popularmente conhecida, abrange a conscientização social pelo aproveitamento do espaço já existente sem a necessidade de destruir áreas ambientais ou prejudicar os bens culturais através da manutenção do território como um todo.

O que ocorre de fato no espaço da Cinelândia é a percepção de um território rico em patrimônio e, portanto, em memória social– seu auge nos anos 1920, sinônimo de lugar para entretenimento e lazer – porém mal utilizado tanto patrimonial quanto economicamente, o que comprova o uso local prejudicado e sua imagem abalada pelo abandono e pela presença de violência decorrente no Rio de Janeiro atual. Apesar dos recentes projetos de revitalização da cidade – como o Porto Maravilha, que abrange a inserção de novos centros empresariais e incentivo a construções residenciais– quando o empreendimento leva em consideração os usos do patrimônio em benefício à perpetuação de sua memória e como instrumento econômico de cultura, demonstra-se ainda o quanto o Brasil é um país iniciante nesse quesito. Um exemplo que contrapõe essa realidade brasileira quanto ao despreparo em incentivar a "reabilitação do patrimônio" na economia de cultura é Portugal que, recentemente, de acordo com o Secretário de Cultura Jorge Barreto Xavier – noticiado em maio desse ano – fez investimentos de mais de 100 milhões na recuperação do patrimônio em todo o país, além da promoção de novas zonas de proteção graças a mais de 900 classificações de patrimônio cultural edificado que, segundo o secretário, o patrimônio deve também gerar desenvolvimento¹⁶.

¹⁶PORTUGAL-INCENTIVOS. **Fundos Europeus? Só para reabilitar patrimônio que gere desenvolvimento.** Notícias, Portugal, 22/05/2015. Disponível em: <<http://www.portugal->

Nessa perspectiva da economia de cultura, o Cine Palácio como elemento arquitetônico – bem cultural edificado – escolhido como estudo de caso, e item museológico integrado ao Museu de Percurso, demonstra potencial para permanecer como espaço destinado ao entretenimento. Isso porque, por ser dotado de significações que o evidenciam como lugar de memória cinematográfica, desse modo, de representação social, possui atributos que o possibilitaria atuar novamente como cinema concomitante a um projeto museológico para com seu entorno a fim de integrá-lo ao espaço urbano local.

Em relação aos acervos cinematográficos – os *Movie Palaces* – alguns dos acervos que estariam presentes nas coleções Brasil Colônia, Império e República desapareceram com o tempo de dois modos. O primeiro se refere a ausência de uma medida de proteção eficaz a esses edifícios que resultou em demolições para que, em seu lugar, fossem erguidas outras edificações (como centros empresariais) e a segunda forma pela apropriação do edifício tombado (fachada e/ou alguns elementos internos) para uso de outros empreendimentos como no caso das modernas igrejas evangélicas que se aproveitam da monumentalidade e disposição espacial semi-prontas destes cinemas.

A partir dos Quadros 2 e 3, situados na próxima página, é possível tomar conhecimento sobre a situação de memória urbana existente na Cinelândia e que integra o Museu de Percurso. Desse modo, tendo por fonte de leitura os Quadros que a pesquisa elabora, pode-se saber sua presença ainda que pelo tombamento, da maioria, ou pela sua ausência no caso das construções que já foram demolidas e que, por isso, não existem mais – incluindo os cinemas palacianos que deram origem ao nome do território em questão: terra dos cinemas. As informações seguintes, no entanto, merecem ser disponibilizadas ao público (a partir de painéis de informação, por exemplo) para que se tome conhecimento da história da formação da cidade do Rio de Janeiro e da própria memória do entorno Cinelândia.

QUADRO 2

Bens culturais presentes no Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno (Rua do Passeio Público à Praça Marechal Floriano)¹.

Bem Cultural		Ano	Autor	Momento histórico	Localização	Instância de proteção	Ano do tombamento provisório	Ano do tombamento definitivo	Estilo
Passeio Público	Chafariz dos Jacarés (ou Fonte dos Amores), obeliscos e portão	1783	Século XIX: Mestre Valentim da Fonseca e Silva (Mestre Valentim) Século XX: Auguste François Marie Glaziou	Mestre Valentim	Rua do Passeio, s/n. ⁹	IPHAN	-	1938	Jardim Francês (criação de Mestre Valentim) ²
	Ponte de Ferro imitando galhos de árvore	1824		Mathurin Moreau					
	Estátuas "A Primavera", "O Verão", "O Outono" e "O Inverno"	1904		Mathurin Moreau		República (século XX)	CMPC	-	2000

Fonte: Gloria Gelmini, 2015.

¹ Os dados desta tabela foram retirados dos endereços eletrônicos: Iphan, Inepac, Câmara Municipal do Rio de Janeiro, Prefeitura do Rio de Janeiro, Manchete Online, Revista Vitruvius e do Aplicativo "Patrimônio Carioca" – elaborado pela Prefeitura do Rio de Janeiro por meio do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH), em 2014.

² PASSEIO PÚBLICO DO RIO DE JANEIRO. **O Passeio no Século XIX e a reforma de Glaziou**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.passeiopublico.com/htm/sec19.asp>>. Acesso em: dez. 2015.

³ Auguste François Marie Glaziou introduziu novo projeto paisagístico aos jardins do Passeio após episódio constrangedor envolvendo o príncipe Maximiliano da Áustria. Em visita ao Rio de Janeiro em 1860, o príncipe se deparou com um Passeio Público completamente abandonado, tampando o nariz com um lenço devido ao mal cheiro do espaço. Após esse acontecimento, Auguste François Marie Glaziou foi contratado para implantar novo projeto paisagístico para os jardins, inserindo novos elementos ingleses a partir de 1861. Glaziou introduziu formas curvas Passeio Público, grandes gramados, substituição do muro por gradil de ferro, retirada de árvores, construção de pequenos rios e uma ilha artificial, uma ponte em forma de troncos de árvores, encomenda de quatro estátuas de ferro fundidas no Val D'Osne (Paris), e introdução de cisnes e peixes exóticos aos lagos. Com isso, Glaziou modificou as linhas geométricas de estilo francês do Mestre Valentim assim como vários outros elementos característicos de sua construção. Inclusive, construiu algumas elevações no terreno, antes planificada.

PASSEIO PÚBLICO DO RIO DE JANEIRO. **O Passeio no Século XIX e a reforma de Glaziou**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.passeiopublico.com/htm/sec19.asp>>. Acesso em: dez. 2015.

⁴ Ibidem.

Bem Cultural	Ano	Autor	Momento histórico	Localização	Instância de proteção	Ano do tombamento provisório	Ano do tombamento definitivo	Estilo
Cassino Fluminense (depois Automóvel Club do Brasil)	1845	Manuel de Araújo Porto Alegre	Império (século XIX)	Rua do Passeio Público, n.º 90	INEPAC	-	1965	Neoclássico ⁵
Escola de Música da UFRJ	1848	Cipriano Lemos	Império (século XIX)	Rua do Passeio, n.º 98	CMPC	-	2007	Eclético ⁶
Sala Cecília Meirelles ⁷	1887	Enaldo Cravo Peixoto e Fernando Sampaio	Império (século XIX)	Largo da Lapa, n.º 47	INEPAC	2002	2006	Neocolonial ⁸
Cine Palácio	1890	Adolfo Morales de Los Rios	República (século XX)	Rua do Passeio Público, n.º 38	CMPC	2008	-	Neomourisco ⁹
Lampadário do Largo da Lapa	1906	Rodolfo Bernardelli	República (século XX)	Largo da Lapa ¹⁰	INEPAC	1981	1983	Neomanoelino ¹¹
Museu Nacional de Belas Artes	1908	Adolfo Morales de Los Rios	República (século XX)	Av. Rio Branco, n.º 199	IPHAN	-	1973	Eclético ¹²

Fonte: Glória Gelmini, 2015.

⁵ RODRIGUES, A. **Automóvel Clube**. Rio de Janeiro, 201[?]. Disponível em: <http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/proj_auto_clube.shtml>. Acesso em: dez. 2015.

⁶ ESCOLA DE MÚSICA UFRJ. **Localização**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.musica.ufrj.br/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=65>. Acesso em: dez. 2015.

⁷ O estabelecimento foi adaptado para cinema, o Colonial, de 1941 até 1961, pelo arquiteto Carlos Calderaro.

SALA Cecília Meireles. **Sobre a Sala**, [20--]. Disponível em: <http://salaceciliameireles.rj.gov.br/?page_id=5472>. Acesso em: dez. 2015.

Também se encontra tombado, junto da fachada do edifício, o Auditório Guiomar Novaes e o Espaço Ayres de Andrade.

⁸ BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (BNDES). **BNDS aprova R\$7,2 milhões para restauração da sala Cecília Meireles, no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Sala_de_Imprensa/Noticias/2013/Todas/20130802_ceciliameireles.html>. Acesso em: nov. 2015.

⁹ LADEIRA, L. Palácio da sétima arte à espera de seu destino. **Rio&Cultura, Coluna Patrimônio Histórico**, Rio de Janeiro, 18/11/2010. Disponível em: <http://www.riocultura.com.br/coluna_patrimonio/coluna_patrimonio.asp?patrim_cod=47>. Acesso em: agosto de 2015. 201[?]. Disponível em: <http://www.inepacnovo.rj.gov.br/modules.php?name=Guia&file=consulta_detalhe_bem&idbem=260>. Acesso em: nov. 2015.

¹⁰ Compreende parte da Rua do Passeio Público.

¹¹ INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL - INEPAC. **Lampadário do largo da Lapa**. Guia de Bens Tombados – Consulta de Bem, 201[?]. Disponível em: http://www.inepacnovo.rj.gov.br/modules.php?name=Guia&file=consulta_detalhe_bem&idbem=260>. Acesso em: nov. 2015.

¹² MUSEUS DO RIO. **Espaço Físico: prédio, território e entorno**. Museu Nacional de Belas Artes - Histórico, 2015. Disponível em: <http://www.museusdorjo.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&view=item&id=37:museu-nacional-de-belas-artes-mnba>. Acesso em: nov. 2015.

Bem Cultural		Ano	Autor		Momento histórico	Localização	Instância de proteção	Ano do tombamento provisório	Ano do tombamento definitivo	Estilo	
Centro Cultural da Justiça Federal		1909	Adolfo Morales de Los Rios		República (século XX)	Av. Rio Branco, n.º 241	IPHAN	-	2006	Eclético ¹³	
Theatro Municipal	Restaurante Assírio no terreno do Theatro	1909	Francisco de Oliveira Passos e Albert Guilbert	Adolfo Morales de Los Rios	República (século XX)	Praça Floriano, s/ n.º	INEPAC IPHAN	- -	1972 1973	Eclético ¹⁴	Persa
Biblioteca Nacional		1910	Arquimedes Memória		República (século XX)	Av. Rio Branco, n.º 219	IPHAN	-	1973	Neoclássico ¹⁵	
Monumento ao Marechal Floriano Peixoto		1910	Eduardo de Sá		República (século XX)	Praça Floriano Peixoto	INEPAC	1989	-	Características positivistas ¹⁶	
Wolfgang Amadeus Mozart (Bar Amarelinho)		1921	Mário Vedred		República (século XX)	Praça Floriano n.º 55	CMPC	-	1989	Eclético	
Palácio Pedro Ernesto (atual sede da Câmara Municipal do Rio de Janeiro)		1923	Heitor de Mello e, após sua morte, Archimedes Memória e Francisco Couchet		República (século XX)	Praça Floriano, s/ n.º	INEPAC	1979	1988	Eclético ¹⁷	

Fonte: Gloria Gelmini, 2015

¹³ OLIVEIRA, M. do C. R. de. **Da Justiça à Arte**. Centro Cultural da Justiça Federal (CCJF), Rio de Janeiro, 31 de agosto de 2015. Disponível em: <http://www10.trf2.jus.br/ccjf/portfolio_category/educativo/>. Acesso em: nov. 2015.

¹⁴ FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES - FUNARTE. **Teatro Municipal do Rio de Janeiro – Estilo Eclético (1904-1909)**. Centro Técnico de Artes Cênicas (CTAC), Departamento de Artes Cênicas (DEACEN), Rio de Janeiro, [19--]. Disponível em: <http://www.ctac.gov.br/tdb/portugues/teatro_rj1.asp>. Acesso em: dez. 2015.

¹⁵ PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2014. Op. Cit., n/p.

¹⁶ LEITE, T. P. R. A cidade e seus espaços de memória – imagens e patrimônios da Praça Floriano e seu entorno (Parte 1). **História e-história**. 2009. Disponível em: <<http://historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=248>>. Acesso em: dez. 2015.

¹⁷ CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. **O Palácio Pedro Ernesto**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.camara.rj.gov.br/palacio_pedroern.php?tamanho=max>. Acesso em: dez. 2015.

Bem Cultural	Ano	Autor	Momento histórico	Localização	Instância de proteção	Ano do tombamento provisório	Ano do tombamento definitivo	Estilo
Cine Odeon	1926	Ricardo Wriedt	República (século XX)	Praça Floriano, n.º 7	CMPC	-	2014	Eclético ¹⁸
Cinema Rex-Teatro Rival (antigo Cine Teatro Rex)	1928	Luiz Fossati	República (século XX)	Rua Álvaro Alvim, n.º 36	CMPC	2004	-	Art Déco ¹⁹
Cine Orly	1932 (inaugurado como Orly em 1974)	Arnold Brune	República (século XX)	Rua Alcindo Guanabara, 17, loja 21 (próximo do Cinema Rex)	Informação desconhecida			Art Déco ²⁰
Edifício Mesbla	1934	Henri Sajous e Auguste Rendu	República (século XX)	Rua do Passeio, n.º 42	CMPC	2000	-	Art Déco ²¹
Cinema Plaza	1936	Ferruccio Brasini	República (século XX)	Rua do Passeio, n.º 78	Informação desconhecida			Art Déco ²²
Cine Vitória	1939	Autoria não-identificada	República (século XX)	Rua Senador Dantas, n.º 45	CMPC	-	2007	Art Déco ²³
Edifício Francisco Serrador	1944	Francisco Serrador Carbonelli	República (século XX)	Praça Mahatma Gandhi (paralela ao Passeio Público)	CMPC	-	2015	Art Déco ²⁴

Fonte: Glória Gelmini, 2015.

¹⁸ PORTAL FATOR BRASIL. Odeon retorna à cena carioca. **Revista Fator Brasil**, 2006. Disponível em: <http://www.revistafatorbrasil.com.br/ver_noticia.php?not=295280>. Acesso em: dez. 2015.

¹⁹ SOUSA, M. C. da S. (Márcia Bessa), 2013. Op. Cit., p.269.

²⁰ ART DÉCO RIO DE JANEIRO. **Tour Art Déco Rio de Janeiro – Mapa e Tour Virtual**, 2015. Disponível em: <<http://www.artdecoriodejaneiro.com/tour-art-deco-rio-de-janeiro-mapa-e-tour-virtual/>>. Acesso em: dez. 2015.

²¹ ART DÉCO RIO DE JANEIRO. **Edifício Mesbla**, 2015. Disponível em: <<http://www.artdecoriodejaneiro.com/edificio-mesbla/>>. Acesso em: agosto de 2015.

²² COSTA, R. G.-R.. Arquitetura da tela grande: Estilo art déco tornou-se a cara do cinema do século XX, quando o Rio de Janeiro abrigou verdadeiros palácios de exibição, **Revista de História**, Rio de Janeiro, 1/10/2013. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/perspectiva/arquitetura-da-tela-grande>>. Acesso em: dez. 2015.

²³ Ibidem.

²⁴ BERTOLUCCI, Rodrigo. Prefeitura tomba o edifício Francisco Serrador, um dos símbolos da Cinelândia. **Jornal Extra**, Rio de Janeiro, 05/02/2015. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/prefeitura-tomba-edificio-francisco-serrador-um-dos-simbolos-da-cinelandia-15251989.html>>. Acesso em: dez. 2015.

QUADRO 3

Memória urbana existente e ausente dos cinemas de rua no Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno.

Bem cultural	Ano	Autor	Momento histórico	Endereço	Situação atual	Uso atual	Estilo
Cine Palácio ²⁵	1890	Adolfo Morales de Los Rios	República (Século XX)	Rua do Passeio Público, n.º 38	Tombado	Fechado. Projeto para retornar como centro cultural	Neomourisco
Cine Captólio ²⁶	1925	?	República (Século XX)	Praça Marechal Floriano, n.º 51)	Demolido (anos 1970)	Centro Empresarial	Eclético
Cine Império	1925	Ricardo Wriedt	República (Século XX)	Praça Marechal Floriano, n.º 19	Demolido (1978)	Centro Empresarial e Mc Donald's no térreo	Art Déco
Cine Odeon	1926	Ricardo Wriedt	República (Século XX)	Praça Floriano, n.º 7	Tombado	Projeto de reabertura como cinema/ entretenimento	Eclético
Cine Pathé ²⁷	1927	Projeto de Ricardo Wriedt e construção de Marc Ferrez ²⁸	República (Século XX)	Praça Marechal Floriano, n.º 55	Não é tombado. A solicitação de tombamento foi feita em 1998 (IPHAN), mas o pedido foi indeferido ²⁹ .	Igreja Universal	Art Déco

Fonte: Glória Gelmini, 2015.

²⁵ O tombamento provisório do Cine Palácio em 2008 teve um objetivo, e não foi visando sua preservação como patrimônio/ bem cultural cinematográfico: abrigar as sessões de gala da edição do Festival do Rio daquele ano.

²⁶ Em 1932 passou a ser chamado Cine Teatro Broadway, mas em 1942 retornou com o nome Captólio.

²⁷ Primeiro cinema a utilizar a linguagem do art déco na cidade carioca. Originalmente pertencia à família Marc Ferrez.

ART DÉCO RIO DE JANEIRO. **Cine Pathé**. Rio de Janeiro, 201[?]. Disponível em: <<http://www.artdecoriodejaneiro.com/cine-pathe/>>. Acesso em: dez, 2015.

²⁸ O mesmo escultor da fachada do Museu de Belas Artes. A Casa Marc Ferrez e Filhos, distribuidora que levou seu nome em apoio de seus filhos, fez história na difusão de grandes filmes exibidos nos cinemas do Rio de Janeiro.

²⁹ Informação presente na Lista de Bens Tombados do IPHAN.

Bem cultural	Ano	Autor	Momento histórico	Endereço	Situação atual	Uso atual	Estilo
Cine Teatro Glória ³⁰	1927	Eduardo Pederneras	República (Século XX)	Praça Floriano, n.º 31	Informação não encontrada	Atual Edifício Glória/ Centro Empresarial Cinelândia e Caixa Econômica Federal no térreo	Art Déco
Cine Rex	1928	Luiz Fossati	República (Século XX)	Rua Álvaro Alvim, 37	Tombado	Cinema de conteúdo pornográfico	Art Déco
Cine Oly	1932	Arnold Brune	República (Século XX)	Rua Alcindo Guanabara, 21 (próximo do Cinema Rex)	?	Fechado. Projeto para se transformar em um cinema de arte	Art Déco
Cine Metro Boavista (Passeio) ³¹	1936	Robert Prentice	República (Século XX)	Rua Passeio Público, n.º 62	Não é tombado. A solicitação de tombamento foi feita em 1998 (IPHAN), mas o pedido foi indeferido ³² .	Centro Empresarial Passeio	Art Déco
Cinema Plaza	1936	Ferruccio Brasini	República (Século XX)	Rua do Passeio, n.º 78	?	Mantiveram a fachada e está em obras para se transformar em Prédio Cooperativo	Art Déco
Cine Vitória ³³	1939	?	República (Século XX)	Rua Senador Dantas, n.º 45	Tombado	Livraria Cultura	Art Déco

Fonte: Gloria Gelmini, 2015.

³⁰ No edifício funcionava o Hotel Monroe e no térreo o cinema Teatro Glória. Na década de 1960 sofreu uma reforma que descaracterizou o edifício original. CITÉ ARQUITETURA. **Retrofit Ed. Glória: um novo diálogo com o prisma central**, Rio de Janeiro, 201[?]. Disponível em: <<http://www.citearquitectura.com.br/RETROFIT-ED-GLORIA>>. Acesso em: nov. 2015.

³¹ Há uma proposta para que o estabelecimento se torne sede da Orquestra Sinfônica Brasileira.

³² Informação presente na Lista de Bens Tombados do IPHAN.

³³ Deixou de funcionar como cinema em 1993. Foi um dos últimos cinemas construídos na Cinelândia.

Como se pode perceber, os Quadros 1 e 2 ainda apresentam muitas lacunas informacionais devido tanto a escassez de informações disponíveis ao acesso público para consultas (bibliografia reduzida) quanto pelas contradições das datas existentes nas poucas referências bibliográficas encontradas. Portanto, a Musealização do trecho denominado Museu de Percurso demandaria um trabalho em contexto de Documentação Museológica, o que beneficiaria a preservação da história dos acervos ainda presentes; uma pesquisa aprofundada em busca do preenchimento dessas lacunas e da disseminação das informações junto ao público; e o incentivo a novas pesquisas no âmbito da Museologia e do Patrimônio dedicado a olhar a cidade adequadamente, reforçando os laços do ambiente de vivência dos cariocas.

Contudo, é preciso esclarecer novamente que a proposta desta dissertação tem sido apenas, a partir dos resultados obtidos, traçar as condições existentes para a Musealização desse espaço e para o qual se sugere a criação do Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia/Entorno, tendo em vista a existência de material para tal. Ou seja, a dissertação não se propõe a estabelecer, de modo oficial um Museu, e sim mostrar a potencialidade cultural e econômica de sua criação, de acordo com o processo de revitalização urbana que já está sendo desenvolvida nesse espaço físico. Portanto, trata-se de perspectiva de interpretação para a valorização de toda essa área.

Pertinente ao Quadro 2, outras duas colunas são interessantes de se observar: "Situação atual" e "Uso atual". Na primeira coluna é possível observar tanto o desaparecimento, na atualidade, de alguns cinemas de rua que fizeram parte dos tempos áureos da Cinelândia como a ausência de acesso público às informações relativas ao tombamento dos poucos bens culturais que sobreviveram à ação do tempo e do Homem. Ou seja, apesar de alguns edifícios – como no caso dos cinemas palacianos – permanecerem com a fachada 'preservada' não há informação facilmente acessível à sociedade sobre seus respectivos tombamentos. Na segunda coluna, "Uso atual", que complementa a primeira, estimula a curiosidade sobre o que, enfim, aconteceu ao edifício quanto a sua atuação, indicando que a maioria perdeu sua função arquitetônica voltada para o entretenimento.

Já o campo "Estilo" indica a predominância que foi a tendência dos cinemas do século XX: o estilo *Art Déco*, cujo termo é proveniente da abreviação de *arts*

*décoratifs*¹, e que chegou como proposta de substituição ao fracasso da tentativa em associar o cinema com o *Art Nouveau*, estilo este que surgiu em período concomitante ao cinema².

Com o arrefecimento do *art nouveau*, ao fim da primeira Grande Guerra (1914-1919), as salas de exibição ficaram órfãs de um estilo que respondesse a seus ideais estéticos. E essa parceria não poderia se dar com o movimento moderno – de linhas puras e retilíneas e rejeição à tradição decorativa.

Na busca por uma expressão plástica de apelo a um público próprio – que precisava se diferenciar daquele que frequentava os teatros, os circos, os cabarês e os *music halls* – o cinema, tanto nos filmes como na arquitetura, deixou-se seduzir pelo movimento do *art déco*, sobretudo o realizado nos Estados Unidos nos anos 1930. Essa aproximação soube unir a tradição das artes europeias à modernidade norte-americana, com seus arranha-céus, cidades cosmopolitas e as linhas arrojadas da velocidade. A arquitetura perpetuava a imagem de modernidade e *glamour* que se via na tela: os filmes influenciavam a construção das salas³.

Mas e quanto ao Cine Palácio, obra excepcionalmente neomourisca? A escolha desse estilo também conhecido como neoislâmico, neomudejár ou neoárabe para este cinema pode ser justificada, talvez, pelo seu surgimento na Europa no século XIX, o que coincidiria com a data de criação do Palácio em 1890⁴. Além disso, Adolfo Morales de Los Rios, espanhol nascido em Sevilha, sempre esteve em contato com a arquitetura mourisca, deixando inclusive legados arquitetônicos em seu país e no Brasil⁵ – como o Cine Palácio. Tendo como espelho a modernidade europeia, Pereira Passos implantou no Rio de Janeiro, no início do século XX, construções que reinterpretavam os estilos do passado⁶:

Elementos do período colonial e da tradição luso-brasileira eram deliberadamente rejeitados e destruídos. Em seu lugar, ganhou peso o desejo de europeizar-se, imitando os mais diversos estilos. Daí o surgimento dos estilos “neo”: neorromântico, neoárabe, neonormando, neogótico, neogípcio. Era o tempo do ecletismo, das releituras, enfim, da quebra definitiva com a velha tradição⁷.

¹ ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. **Art Déco**. Rio de Janeiro, [201?]. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo352/art-deco>>. Acesso em: dez. 2015.

² COSTA, R. G.-R., 1/10/2013. Op. Cit., n.p.

³ *Ibidem*, n.p.

⁴ *Ibidem*, n.p.

⁵ RAMOS, Renato Menezes (org.). “O Restaurante Assyrio é Persa... e o Café Mourisco também”, **de Adolfo Morales de los Rios: Comentários e Anotações**. Dezenovevinte, Rio de Janeiro, v. VI, n. 2, abr./jun. 2011. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/bxt_artistas/persa_rmr.htm>. Acesso em: dez. 2015.

⁶ *Ibidem*, n.p.

⁷ COSTA, R. G. R. Op. Cit., 2013, n.p.

Contudo, é preciso certa cautela ao identificar os estilos neomouriscos. Como exemplo disto, outra obra de Adolfo Morales de Los Rios, o *Café Mourisco* (1905), ficou popularmente reconhecido por esse estilo equivocadamente, tendo o próprio Morales de Los Rios que vir "a público esclarecer que se tratava, na verdade, de um prédio neopersa"⁸.

Apesar das suposições que preencheriam algumas lacunas informacionais pertinentes a maioria dos cinemas de rua existentes no local, e ao próprio Cine Palácio, fica evidente mais uma vez a importância da pesquisa museológica para suprir tais dúvidas. A própria data de construção do Cine Palácio como arquitetura neomourisca, por exemplo, não é uma certeza encontrada na bibliografia especializada, apesar de algumas conclusões a que se pode chegar após inúmeras leituras das fontes bibliográficas. O que é possível refletir e mencionar, por ora, é que quanto mais se pesquisa sobre o patrimônio imóvel cinematográfico, mais se percebe a necessidade de se pesquisar ainda mais para preencher as muitas lacunas informacionais existentes. Lacunas estas que a Museologia poderia se propor a ajudar a suprir.

Conhecer melhor o patrimônio do entorno da Cinelândia, e principalmente os cinemas palacianos que deram nome ao lugar – Lugar de Memória – no auge dos anos 1920, permite ter condições de utilizá-lo a favor do desenvolvimento econômico e social, incluindo nisso a educação pela perspectiva do patrimônio. É a função do Museu: ser educativo e representativo do local em que se situa, expondo os lugares de memória e contribuindo para a preservação tanto dos bens culturais quanto de seu entorno.

Preservar uma cidade ou seus fragmentos está muito além de apenas "preservar materialmente espaços significativos do contexto urbano", o que evidencia a insuficiência do tombamento como único instrumento que pretende garantir as memórias de uma cidade. Recuperar a história cultural desses espaços necessita associar registro material e imaterial do passado e comunicar sob o ponto de vista da Museologia as transformações históricas, artísticas, sociais que o espaço sofreu.

⁸Ibidem, n.p.

Em razão disso para recuperar esses espaços é preciso além dos “registros do mundo material, dados a ver, tangíveis, à disposição do passante” também “fixar imagens e discursos que possam conferir certa identidade urbana, um conjunto de sentidos e de formas de reconhecimento que a individualizem na história”, considerando, do mesmo modo, a importância da “esfera do imaterial, depositados na memória [coletiva], nas tradições, na rememoração das vivências passadas, no mundo das coisas ditas”⁹. Destaca-se com isso, portanto, que além do registro material e imaterial do passado é fundamental da mesma forma expor as “transformações do espaço urbano no tempo”¹⁰.

Demonstrar as condições de criação para um Museu de Percurso na Cinelândia é, portanto, indicar uma possibilidade para elaborar um projeto voltado justamente suprir essa ausência da preservação da memória social representativa da formação da Cinelândia. Mas o que, de fato, seria um Museu de Percurso?

O Museu de Percurso é a Musealização *in situ* de uma “extensão territorial significativa” que “se apresente a céu aberto”¹¹, podendo incluir espaços fechados por causa da constituição original geográfica e cultural, ou também pelas necessidades de sua readaptação”¹². Ou seja, um museu que coloca em evidência a importância dada a um território, o sítio – usado como espaço expositivo – e que se apresenta ao modo de uma ‘coleção’ de lugares de memória.

Portanto, o Museu de Percurso é em pauta constituído por elementos arquitetônicos e paisagísticos, ou seja, por edificações e paisagens representativas dos três momentos históricos brasileiros: Colônia, Império e República. Por isso, em

⁹PESAVENTO, S. J.. Op. Cit., 2005, p.11.

¹⁰Ibidem.

¹¹ Os museus a céu aberto surgiram no final do século XIX, na Escandinávia. Os primeiros se caracterizam como museus populares (*folk museums*), com ênfase na apresentação dos objetos que pertenciam aos camponeses e trabalhadores locais. Esta nova concepção de museu, em oposição à idéia de um museu coberto, fechado e entre muros, destaca a importância do diálogo entre monumento e território (entorno).

BRULON SOARES, B. C.; SCHEINER, T. C. M.. A ascensão dos museus comunitários e os patrimônios comuns: um ensaio sobre a casa. **X Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 2009, João Pessoa. E-book do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. João Pessoa: Idéia, 2009. v. 10. p. 2469-2489.

¹²LIMA, D. F.C.. Da face inativa da indústria ao contexto ativo do museu: aspectos da musealização do patrimônio industrial. **XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação, ENANCIB, 14., Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, p.12, 2013. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xivenancib/paper/view/4584/3707>>. Acesso em: nov. 2015.

se tratando de definição de patrimônio arquitetônico, compreende-se “o conjunto de bens edificados, de qualquer natureza, aos [sic] que cada sociedade atribui ou no que cada sociedade reconhece um valor cultural”¹³. Outros autores, Azkarate, Ael e Santana (2003), complementam o pensamento afirmando que a definição de patrimônio “é uma definição dinâmica, pois os valores culturais são mutantes, o que significa que o conceito mesmo de patrimônio se encontra em permanente construção”¹⁴. Fato confirmado a partir dos estudos realizados sobre a definição de patrimônio.

Com isso, os cinemas palacianos – do qual a dissertação tomou como um dos exemplos o Cine Palácio – são elementos que tem condição de integrar um Museu de Percurso, sendo parte representativa da construção cinematográfica na cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente na formação de uma *Cinelândia*. O Cine Palácio, portanto, pode ser visto como acervo museológico de um circuito expositivo a céu aberto, um território, que é representativo nos seguintes aspectos:

- Reflete a trajetória da cinematografia e do entretenimento na cidade carioca;
- É exemplar arquitetônico raro de Adolpho Morales de Los Rios por ser um cinema de estilo neomourisco. Um modismo característico do final do século XIX que se espalhou pelo mundo;
- É um espaço representativo do advento da tecnologia cinematográfica na cidade por ter sido o primeiro cinema a exibir um filme com som no Rio de Janeiro;
- Foi o cinema responsável pela implantação dos demais cinemas palacianos no entorno da Cinelândia por iniciativa de Francisco Serrador¹⁵;
- É parte integrante de um circuito expositivo “que narra a história de um Patrimônio Intangível”¹⁶ no que se refere a memória social dos costumes importados dos EUA e resultantes do incentivo à indústria do entretenimento.

Embora ainda não muito estudada a questão que desenha um Museu de Percurso na literatura especializada do campo museológico, o termo é encontrado

¹³PESAVENTO, S.J.. Op. Cit., 2005, p.3.

¹⁴ AZKARATE, A.; AEL, M. J. R. de; SANTANA, A. **El Patrimonio Arquitectónico**. Grupo de Investigación em Patrimonio Construido (GPAC). Universidad del País Vasco, Euskal Herriko Unibertsitatea (UPV/EHU), Vitoria-Gasteiz, 2003, p.3. Disponível em: <<http://www.ehu.es/gpac/documentos/1118164264Patrimonio.pdf>>. Acesso em: agosto de 2015.

¹⁵ SOUSA, M. C. S., 2013. Op. Cit., p.21.

¹⁶ LIMA, D. F. C., Op. Cit., 2013, p.18.

em fontes bibliográficas, como, por exemplo, o Museu de Percurso do Negro (Porto Alegre/RS); o projeto do Memorial da Resistência (São Paulo/SP) intitulado "Museu de Percurso", que tem por objetivo "expandir [su]as ações [...] para além do edifício [...]" com "roteiros a partir de seleções de lugares de memória da cidade de São Paulo e [...] um programa de visitação"¹⁷; o Museu Vivo do São Bento (Duque de Caxias/ RJ) que se denomina "o primeiro ecomuseu de percurso da baixada fluminense"¹⁸; e o Museu de Favela – MUF (Rio de Janeiro/RJ), o primeiro museu territorial de favela do mundo e que integra moradores das comunidades do Pavão-Pavãozinho e do Cantagalo.

O Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia/ Entorno, que compreende um território que evoca três momentos históricos da cidade do Rio de Janeiro,   a seguir apresentado em relevância a seu espaço expositivo.

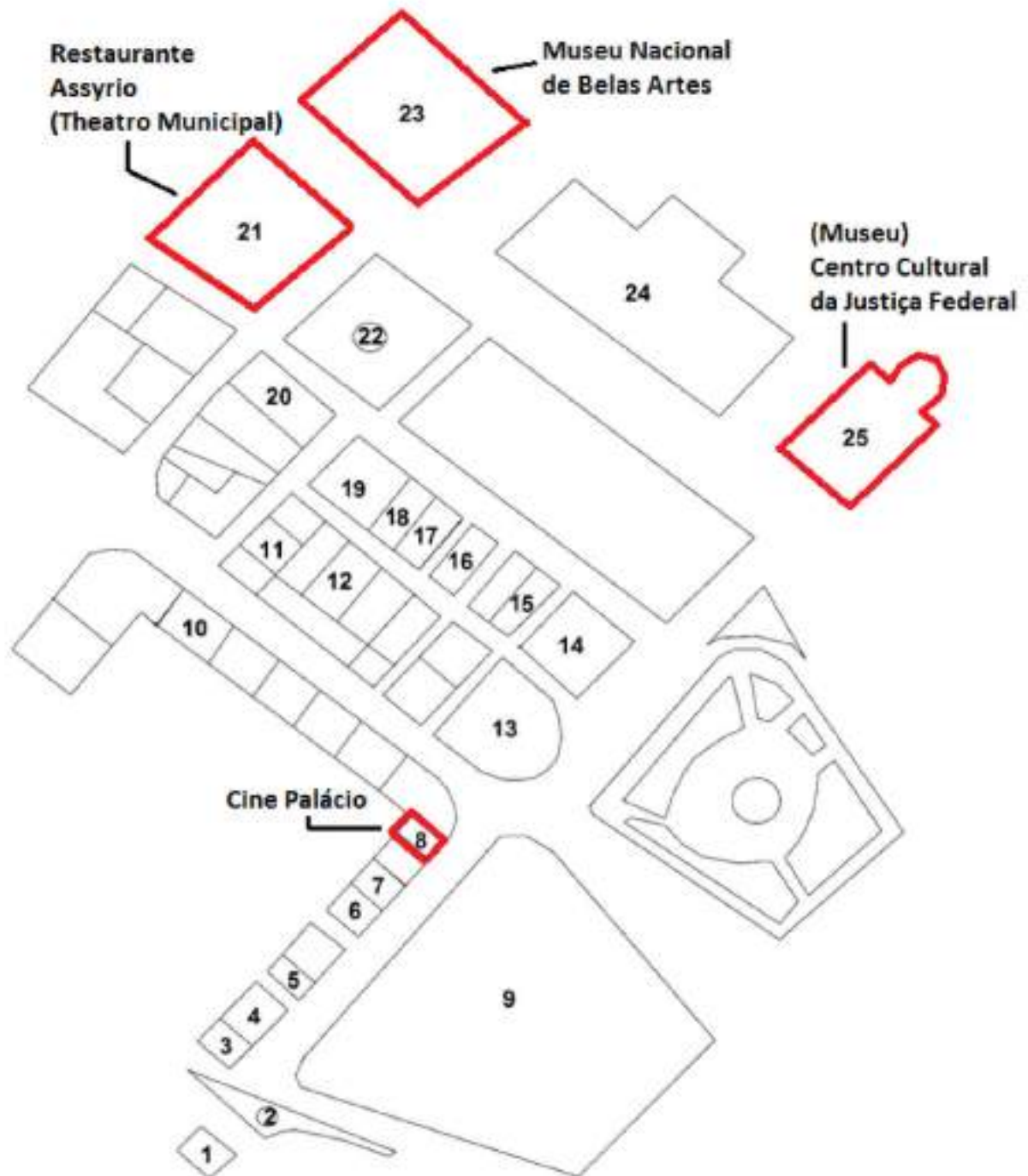
2.2. "MUSEU DE PERCURSO LUGAR DE MEMÓRIA CINELÂNDIA / ENTORNO": PROPOSTA DE CIRCUITO DE VISITA O.

O espaço musealizável que se está enfocando – tratado por Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia/ Entorno – encontra-se representado nos Mapas 1, 2 e 3, da página a seguir, e tem em suas extremidades, esclarecidos no Mapa 1, a Sala Cecília Meireles (n.  1), no Largo da Lapa, e o Centro Cultural da Justiça Federal (n.  25), na Avenida Rio Branco. Tendo em vista essa delimita o de território, o Museu tem o formato similar a letra "L" ao contrário, sugerindo o início do circuito expositivo na parte horizontal esquerda (indicado no número 1) e terminando na parte horizontal extrema direita (número 25):

¹⁷ MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO. **Lugares de Memória**. São Paulo, 201[?]. Disponível em: <<http://www.memorialdaresistencia.org.br/memorial/default.aspx?mn=9&c=136&s=0>>. Acesso em: dez. 2015.

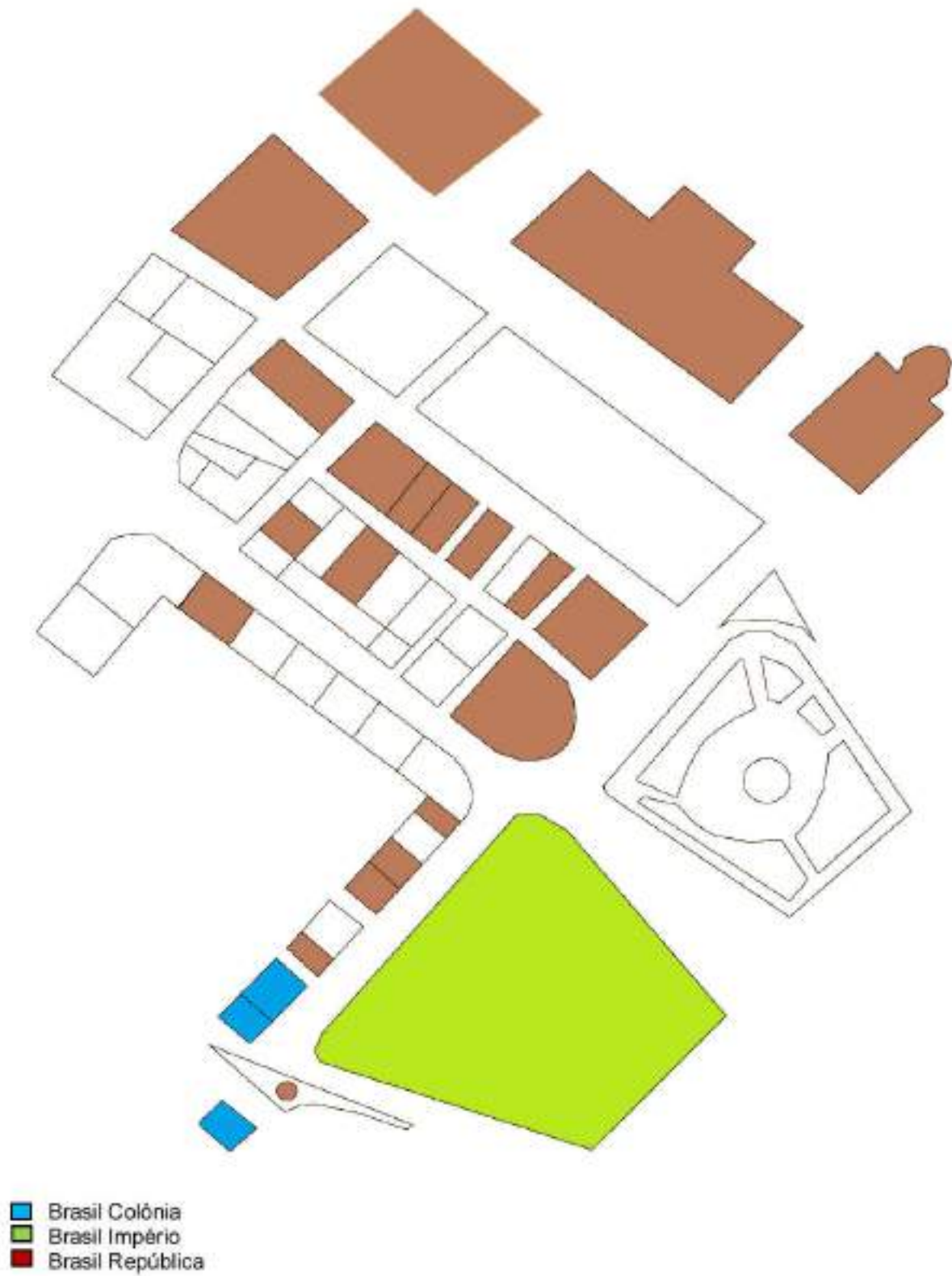
¹⁸ MUSEU VIVO DO SÃO BENTO. **Histórico**. Rio de Janeiro, 201[?]. Disponível em: <<http://www.museuvivodosabento.com.br/institucional/historico>>. Acesso em: dez. 2015.

MAPA 1
 Delimitação do espaço físico Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno
 As quatro obras de Adolfo Morales de Los Rios



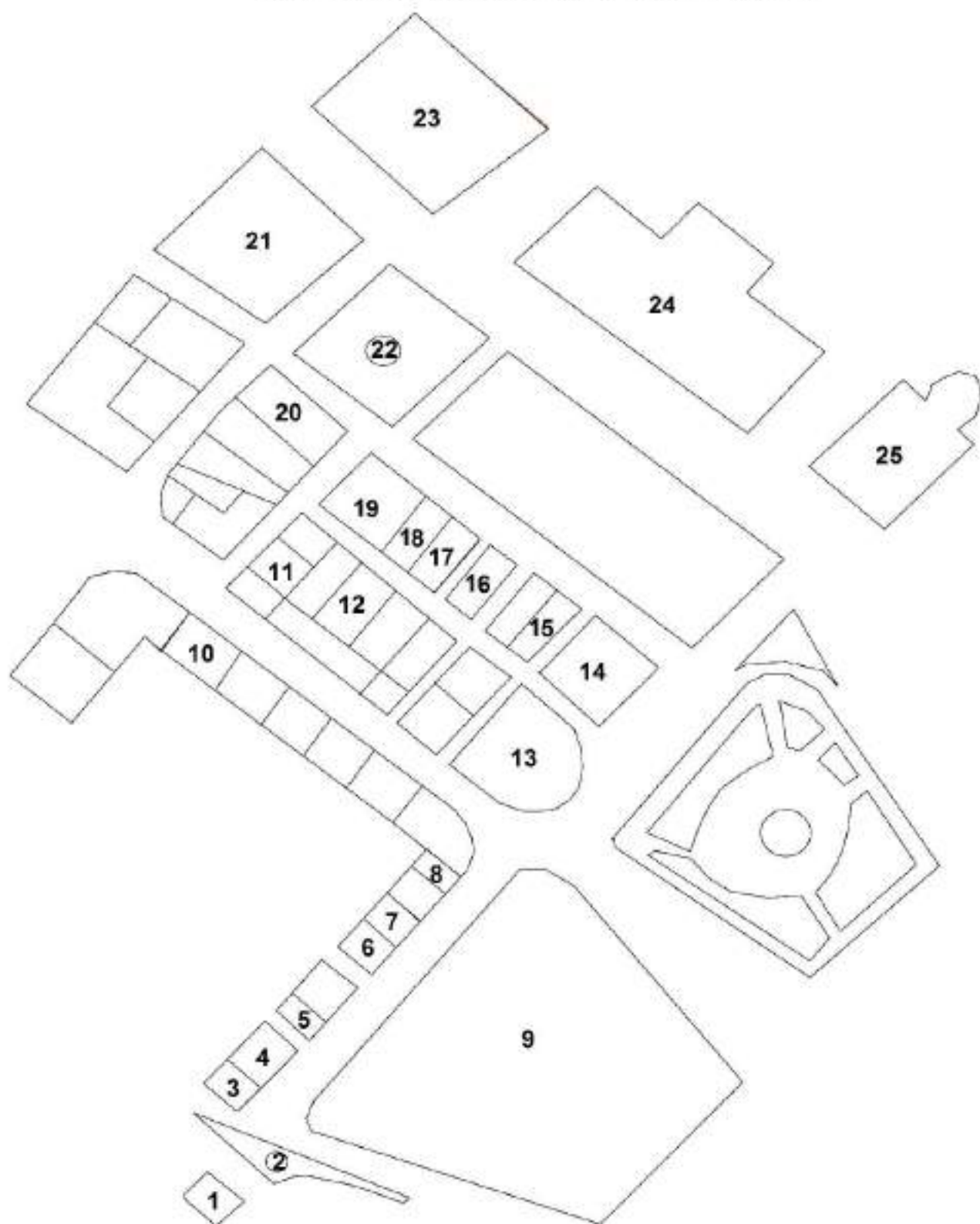
Fonte: Gloria Gelmini, 2015.

MAPA 2
Tempos históricos da cidade do Rio de Janeiro



Fonte: Gloria Gelmini, 2015.

MAPA 3
Fragmentos/exemplares históricos e sociais da memória



Fonte: Glória Gelmini, 2015.

1. Brasil Colônia

9. Passeio Público (1783)

2. Brasil Império

4. Cassino Fluminense, depois Automóvel Club do Brasil (1845)
3. Escola de Música da UFRJ (1848)
1. Sala Cecília Meirelles (1887)

3. Brasil República

8. Cine Palácio (1890) - obra de Adolfo Morales de Los Rios
2. Lampadário do Largo da Lapa (1906)
23. Museu Nacional de Belas Artes (1908) - obra de Adolfo Morales de Los Rios
21. Theatro Municipal (1909) – Restaurante Assyrio: obra de Adolfo Morales de Los Rios
25. Centro Cultural da Justiça Federal (1909) - obra de Adolfo Morales de Los Rios
24. Biblioteca Nacional (1910)
22. Monumento ao Marechal Floriano Peixoto (1910)
19. Edifício Wolfgang Amadeus Mozart (Bar Amarelinho) (1921)
20. Palácio Pedro Ernesto, atual sede da Câmara Municipal do Rio de Janeiro (1923)
15. Cine Império (1925)
16. Cine Teatro Gloria (1925)
18. Cine Captólio (1925)
14. Cine Odeon (1926)
17. Cine Pathé (1927)
12. Cine Rex (1928)
11. Cine Orly (1932)
5. Cine Plaza (1936)
6. Cine Metro - Boavista Passeio (1936)
13. Edifício Francisco Serrador (1936)
10. Cine Vitória (1939)

Fonte: Gloria Gelmini, 2015.

O circuito expositivo do Museu de Percurso é ao ar livre e formado pelo o que pode ser considerado como 25 objetos que compõem seus espaços representando as coleções Brasil Colônia, Brasil Império e Brasil República. A visitação poderá ser realizada por distribuição de mapas indicando a existência do Museu aos visitantes. Inclusive, como exemplo de local de distribuição, há os recém-quiosques informativos implantados pela Secretaria Municipal de Turismo (Riotur) em pontos

turísticos da cidade do Rio de Janeiro neste ano – inclusive na Lapa, em frente a Sala Cecília Meireles, localizada na rua onde se inicia o Museu de Percurso, como mostra a Figura 26 a seguir:

FIGURA 26
Quiosque de Informação aos Turistas na Lapa

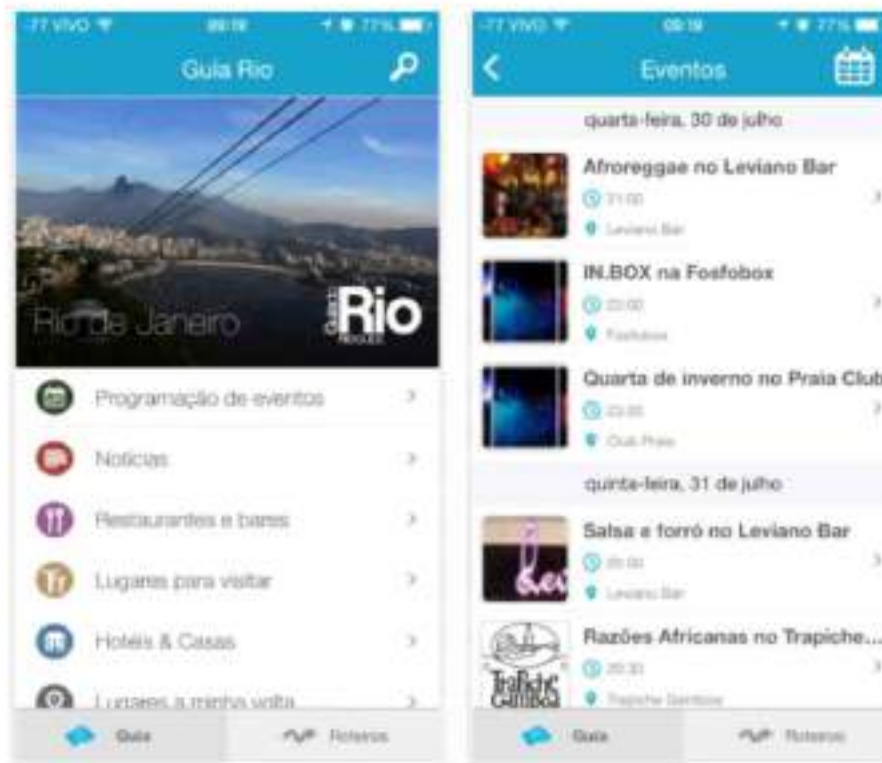


Fonte: Rio Guia Oficial. Disponível em: <www.rio guiaoficial.com.br>. Acesso em: dez. 2015.

Além do quiosque físico há também a versão virtual em forma de aplicativo para celular, denominado “Rio Guia Oficial – *Rio Guide*”¹⁹, que apresenta as mesmas informações disponibilizadas no quiosque, como “Programação de eventos”, “Notícias”, “Restaurantes e bares/ “Onde Comer”, “O que fazer e visitar”, “Onde se hospedar”, “Ver tudo o que tem ao meu redor” e “Mapa do Metrô”, sendo algumas delas visíveis na Figura 21.

¹⁹ Disponível para plataforma IOS e Android e nos idiomas Português, Inglês e Espanhol.

FIGURA 27
 Captura da imagem de celular do aplicativo Rio Guia Oficial



Fonte: iTunes (Apple). Disponível em: <<https://itunes.apple.com/br/app/rio-guia-oficial/id501050664?mt=8>>. Acesso em: dez. 2015.

Contudo, além do Museu de Percurso ter visibilidade para visitação com o auxílio desses instrumentos já existentes, a *internet* torna-se um forte aliado quando o assunto é a divulgação de conteúdos, inclusive aqueles a favor da perpetuação da memória – no caso, dos Lugares de Memória. Além disso, no mundo digital é possível guardar grandes quantidades de informações, o que não seria possível na dependência de um espaço físico. Na ausência de um local apropriado para narrar os discursos expositivos do espaço Cinelândia, portanto, a *internet* poderia beneficiar nesse quesito. Porém, o suporte virtual não é o único mecanismo encontrado para comunicar o patrimônio e torná-lo acessível ao público, tampouco isso significaria eliminar o uso de suportes físicos. Como exemplo disto, o uso de painéis explicativos próximos aos elementos arquitetônicos e paisagísticos permite informar de modo breve e imediato aos visitantes locais e turistas sobre a história dos elementos urbanos que integram o espaço Cinelândia. Iniciativas como estas, destacadas anteriormente, oferecem ao visitante a oportunidade de conhecer tanto

os Lugares de Memória sobreviventes quanto os que desapareceram no tempo, fato facilitado pela presença do metrô próximo à Praça Marechal Floriano.

No entanto, é importante destacar que a aplicação unicamente deste projeto sem uma revitalização local que torne os bens culturais novamente ativos como lugares para o entretenimento – como o Cine Palácio – oferece fragilidade a essas iniciativas. Ou seja, novamente a atuação única e exclusiva da figura legal do tombamento não garante a rememoração e a preservação da memória social do entorno da Cinelândia, como no caso do Cine Palácio que está com projeto para reabrir em 2016 como um centro voltado para o lazer e entretenimento, possibilitando a inserção do patrimônio no campo da economia cultural – conforme já foi mencionado.

Do acervo que compõe o Museu de Percurso, portanto, constam os cinemas de rua – os *Movie Palace* – todos característicos da coleção Brasil República. Contudo, indícios apontam que o Cine Palácio foi construído por Adolpho Morales de Los Rios pouco tempo após a Proclamação da República (1889), o que o torna representativo da evolução do cinema em sua busca por “um lugar apropriado para a exibição dos filmes”²⁰. Ou seja, visto que o Cine Palácio foi construído em 1890 – conhecido por Cassino Nacional Brasileiro (1890-1900) – funcionando inicialmente como um café-concerto/*music-hall*, este cinema acompanhou os “primeiros anos das salas de cinema, no Rio de Janeiro, [...] de 1896 [data do advento do cinema ao Rio de Janeiro] a 1928”²¹. Como já apresentado no início desta dissertação, durante esta época o cinema era um elemento coadjuvante, visto que ainda buscava “no teatro as primeiras tentativas de uma estética própria”²². Finalmente em 1923, conforme já apontado, foi revitalizado por Francisco Serrador para tornar-se sala para exibição de cinema, fato que deu o estímulo inicial para a criação da Cinelândia.

No entanto é importante ressaltar que essas informações não se encontram facilmente disponibilizadas ao público, sendo fruto de muitas pesquisas em fontes bibliográficas a fim de interpretar e preencher as lacunas informacionais pertinentes a recuperação da memória do Cine Palácio. Fato que também deve ocorrer nos

²⁰ COSTA, R. da G.-R.. Salas de cinema art déco no Rio de Janeiro: a conquista de uma identidade arquitetônica (1928-41). **História Ciência Saúde Manguinhos**. Rio de Janeiro, vol.5 n.º3, 1999, p.1-1. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000100014>. Acesso em: agosto de 2015.

²¹ Ibdem.

²² COSTA, R. G. R.. Op. Cit., 1999, p.1-1.

demais bens culturais que integram o Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia/Entorno, principalmente no que tange à memória dos cinemas de rua, fragilizada pela ausência de informações e pelo desaparecimento dos estabelecimentos.

O cinema, portanto, teve uma trajetória evolutiva que iniciou nas primeiras salas da rua do Ouvidor, passando pelo período efervescente da *belle époque*, da avenida Central e da Cinelândia, até o período áureo, marcado pela conquista arquitetônica definitiva, com a associação ao movimento arquitetônico e artístico do *art déco*²³.

O Cinema Metro Boavista, Metro Passeio, inaugurado em 1936, e cuja fachada encontra-se preservada e localizada na Rua do Passeio Público n.º 62

foi a mais perfeita tradução do movimento *déco* proveniente dos Estados Unidos, com luxo e decoração pesada aliados às técnicas mais modernas de construção e instalações para salas de cinema, dando ao termo *palácio cinematográfico* um sentido ainda mais completo²⁴.

Situados no entorno das "praças, [nas] principais ruas ou nas áreas em torno das estações de trem do subúrbio – os palácios de cinema contribuíram para a consolidação desses espaços urbanos como polos atrativos das populações fixa e flutuante"²⁵, o que fortaleceu ainda mais o sucesso do Bairro Serrador/*Broadway Carioca*.

Além dos cinemas palacianos em estilo *art déco* e fachadas ecléticas, outros bens culturais compõem o Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia/Entorno, estando todos apresentados e discriminados na coluna "Estilo" do Quadro 1 e Quadro 2, apresentados neste capítulo.

A preservação do conjunto nomeado pela dissertação de coleções do Brasil Colônia, Brasil Império e Brasil República além de referenciar dados de importância extrínseca e intrínseca relativas aos bens culturais, respectivamente, envolvendo os espaços físicos, tangível, e mental, intangível, também diz respeito a outro instrumento de proteção legal e que não é o Tombamento; assunto que se discute a seguir e que garante em termos de lei a manutenção e proteção do espaço em que se desenha o Museu de Percurso.

²³COSTA, R. G. R.. Op. Cit., 1999, p.1-1.

²⁴Ibidem.

²⁵Ibidem.

O Cine Palácio e seu entorno estão situados num território que compreende a Zona Especial do Corredor Cultural (lei municipal n.º 1139 de 16 de dezembro de 1987), sendo este "um projeto de preservação e revitalização do Centro Histórico do Rio de Janeiro [que iniciou em 1979²⁶], abrangendo a Lapa, Parque Pólis, Cinelandia, Carioca, Praça Tiradentes, Largo São Francisco, SAARA e Praça XV" (grifo nosso)²⁷. Por essa razão o Corredor Cultural garante a "preservação e renovação das edificações e de revitalização de usos e espaços físicos de recreação e lazer"²⁸, incluindo, para isso, as "subzonas denominadas de preservação ambiental e de renovação urbana"²⁹, determinando que devem ser "mantidas todas as características artísticas e decorativas que compõem o conjunto das fachadas e cobertura dos prédios existentes na área"³⁰.

Ocorre que apesar de serem permitidas determinadas modificações internas, estas não podem prejudicar o projeto original da construção; como por exemplo o próprio Cine Palácio que, mesmo em processo de *retrofit*³¹, isto é a "revitalização de edifícios, preservando aspectos originais, para adaptá-los às exigências e padrões atuais"³² ainda mantém preservados não somente a fachada como também o saguão do cinema em *Art Déco*³³.

O Corredor Cultural é um recurso urbanístico que surgiu em um contexto no qual a cidade do Rio de Janeiro se encontrava em progressivo "desgaste [...] de suas funções originais, em virtude da hegemonia crescente das atividades financeiras", além do "descaso com que era tratado o seu patrimônio

²⁶ OS EDITORES. Corredor Cultural. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Universidade de São Paulo – USP, Apresentação, n.º34, p.63, 1992. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/issue/view/5614/showToc>>. Acesso em: dez. 2015.

²⁷ OS EDITORES. Op. Cit., 1992, n.p.

²⁸ PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **Lei n.º 1139 de 16 de dezembro de 1987**. Dispõe sobre a preservação de bens imóveis da Zona Especial do Corredor Cultural e de sua área de entorno e dá outras providências, p.1-3, 1987. Disponível em: <http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/pastas/legislacao/centro_lei1139_87_corredor_cultural.pdf>. Acesso em: dez. 2015.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ Termo utilizado na arquitetura e na engenharia para se referir a um processo de modernização de um edifício ultrapassado, como por exemplo na adaptação tecnológica de instalações elétricas, hidráulicas, elevadores, iluminação etc.

MARQUES, R. Retrofit é recurso para adaptar edifícios às exigências da arquitetura. **AECweb**, p.1-1, 1999. Disponível em: <http://www.aecweb.com.br/cont/a/retrofit-e-recurso-para-adaptar-edificios-as-exigencias-da-arquitetura_9755>. Acesso em: dez. 2015.

³² MARQUES, R., 1999. Op. Cit., p.1-1.

³³ AUTRAN, P.. Prédio do Cine Palácio é tombado pelo município. **O Globo**, p. 15, 05/09/08. Disponível em: http://www.resenha.rj.gov.br/upload/resenha-imagens/2008-09-05_00116_page00001.pdf. Acesso em: dez. 2015.

arquitetônico³⁴. Devido a isto, tem como objetivo “preservar e revitalizar determinados ambientes urbanos de valor tradicional, envolver a população neste processo de discussão e intervenção nos espaços abrangidos [...]”³⁵.

O Corredor Cultural garante que, “obrigatoriamente [ficam] mantidos os usos, a capacidade e a localização no pavimento térreo das salas de espetáculos das edificações existentes, os quais prevalecerão mesmo nos casos de reconstrução” (grifo nosso)³⁶. No entanto, tal procedência ocorreu um pouco tarde para evitar o desaparecimento da maioria dos cinemas palacianos do entorno da Cinelândia. Percebe-se, por esse modo, conforme aponta a citação, que ao manter o uso no pavimento térreo das salas de espetáculos promove automaticamente a preservação dos estabelecimentos cinemas palacianos quanto a sua função de uso – entretenimento/ lazer. Fato este que se relaciona com o que já foi apresentado no início deste capítulo, no tópico 5.1. Relembrando a importância da inserção do Patrimônio/Lugar de Memória em contexto de economia de cultura associando-se à perspectiva museológica do projeto e do seu entorno, dialogando dessa maneira com os objetivos do Corredor Cultural quanto à manutenção da função de uso dos bens culturais voltados ao lazer/entretenimento como forma de preservá-los e mantê-los para a posteridade.

Por fim, é interessante mencionar que além do Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia/Entorno possuir perfil musealizável, também se pode ser interpretado ao modo de um Metamuseu, visto que comporta no seu conjunto de exemplares da coleção Brasil República dois museus: o Museu Nacional de Belas Artes, MNBA, construção de 1908, e o Centro Cultural da Justiça Federal, construção de 1909. Além destas duas manifestações culturais – respectivamente nomeados de museu e centro cultural (embora considerado um museu) – há também os vestígios de memória em forma de objetos museológicos que compõem os espaços interiores bem como os sítios dos itens das coleções do Museu de Percurso – o complexo arquitetônico e a paisagem.

³⁴ OS EDITORES. Op. Cit., 1992, p.63.

³⁵ Ibidem.

³⁶ PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Op. Cit., 1987, p.1-3.

FIGURA 28
Entrada (interior) do Palace-Theatre (Cine Palácio).



Fonte: MÁXIMO, João. **Cinelândia: breve história de um sonho**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1977, p.76.

O que se está apontando é que esses exemplares incluem os acervos do Museu Nacional de Belas Artes e do Centro Cultural da Justiça Federal, bem como ainda os bens móveis e elementos fixos que integram o Theatro Municipal (1909), o Palácio Pedro Ernesto (1923), a Biblioteca Nacional (1910), a Sala Cecília Meireles (1887), o Passeio Público (1783), e os objetos integrantes ou relacionados aos cinemas palacianos do entorno da Cinelândia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

FIGURA 29
Palácio-Teatro (provavelmente em 1928)¹ após ser reconstruído por Serrador: o cinema que inaugurou a era dos grandes salões



Fonte: GONZAGA, Alice. **Palácios e poeiras: 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Funarte/Ministério da Cultura/Record, 1996, p. 142.

¹ A ausência de certeza quanto a data exata é resultado tanto da escassez de informações sobre a memória dos cinemas de rua à acesso público, no caso, da história do Cine Palácio, quanto das contradições de informações nas poucas fontes bibliográficas encontradas e consultadas.

As transformações urbanísticas na cidade do Rio de Janeiro fizeram muitas memórias arquitetônicas desaparecerem, incluindo os cinemas palacianos do entorno da Cinelândia representativos da história do entretenimento na cidade do Rio de Janeiro (antiga Capital Federal). Propor a musealização do Cine Palácio considerando-o exemplar de um acervo arquitetônico/edificado de um museu de percurso significa dotá-lo, junto ao documento legal de preservação denominado tombamento, de condições para a preservação de sua memória – bem cultural voltado para a atividade cultural de lazer. Isto é, o Cine Palácio, assim como os demais bens culturais preservados do entorno, só cumpre o seu papel como fonte para conhecimento/transmissão da memória da sociedade carioca quando, de fato, sua história se faz conhecida, e o tombamento, único e exclusivamente, não oferece essa garantia. Esta finalidade pode ser cumprida pelo Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno ao integrar os vestígios de memória que compõem o entorno da Cinelândia: espaço de caráter polissêmico que se manifesta em um trajeto cultural expositivo, um circuito museológico, no qual o Cine Palácio pode ser considerado componente das narrativas de um tempo cinematográfico sob o aspecto de objeto de museu / documento cinematográfico.

Assim como o Cine Palácio os demais cinemas palacianos da Cinelândia foram resultado de um esforço nacional em busca de uma nova representação cultural que tornasse moderna a imagem do país em paralelo ao cenário internacional, tendo como referência a interpretação de uma era de modernidade social, econômica e tecnológica que teve início no século XX, na França e, posteriormente, nos Estados Unidos. Mas o cinema foi uma invenção que surgiu quase que, concomitantemente, na França e nos Estados Unidos ainda ao findar o século XIX.

No contexto que as fontes foram consultadas reconhecem como surgimento da cultura de massa, deve-se aos Estados Unidos da América, EUA, a disseminação da indústria do entretenimento pelo mundo, quando a cinematografia transformou-se em um dos principais bens de consumo. E o cinema – num momento inicial reconhecido pela denominação de vistas animadas – começou, como já explicado, elemento coadjuvante no século XIX nos denominados *music-halls*, lugares de lazer para a classe proletária. No entanto, na virada para o século XX, tornou-se um entretenimento popular de amplas proporções mobilizando o interesse das pessoas

de diversos extratos sociais. Com a criação da indústria cinematográfica em Hollywood (1910-1913) o cinema passou a agradar a classe de maior poder aquisitivo ocupando espaços luxuosos – os cinemas palacianos; entre os quais, o Cine Palácio.

No Rio de Janeiro, conforme relatado em páginas anteriores, alguns dos cinemas palacianos sobreviveram à ação do tempo e a modernização urbanística da cidade por mero acaso, portanto, sem terem dependido de um instrumento de preservação em aspecto amplo e no seu grau máximo – tombamento – na medida em que este recurso ocorreu apenas para alguns edifícios e, somente a partir do século XXI. Por esta medida, que hoje é lamentada e considerada tardia, muitos cinemas de rua foram demolidos para que outros estabelecimentos pudessem ser construídos; enquanto que, os poucos bens com a fachada preservada, subdividiram-se entre estabelecimentos fechados e outros utilizados para outros fins de negócios que não o entretenimento.

Construir um Museu de Percurso no entorno da Cinelândia, por conseguinte, permitiria suprir parte da memória social expressa *in situ* que é pertencente à história da formação da cidade do Rio de Janeiro e da criação de formas de lazer, deste modo, possibilitando ao visitante ter material de acesso às informações desses Lugares de Memória que constituem o espaço que culminou na criação da Cinelândia – terra dos *Movie Palaces* de Francisco Serrador e que foi local representativo de um período cultural no qual o entretenimento animou o sítio urbano e deixou registros nas lembranças coletivas do lugar. A temática cinematográfica pertencente ao conjunto Coleção Brasil República exprime no Cine Palácio um elemento de destaque representativo da transformação da cultura do carioca ao adquirir novos hábitos de consumo, como ir ao cinema, no qual o Cine Palácio se sobressai ao documentar o advento do filme sonoro à cidade e o fato de ter impulsionado as demais construções dos cinemas palacianos do entorno.

É por esta razão que estabelecer um Museu de Percurso significa trazer ao contexto da Museologia perspectivas de estudos quanto ao processo de Patrimonialização e Musealização, e determinar um olhar diferenciado ao território Cinelândia/ Entorno em relação a atribuições de novas interpretações aos valores bens culturais urbanos e sua representação social.

A preservação dos elementos que foram selecionados para compor esse trecho do circuito expositivo alcança garantia de manutenção, também, ao se direcionar a inserção do Museu de Percurso no contexto de Economia de Cultura, isto é, o espaço interpretativo no qual a cultura é vista como insumo, portanto um aspecto básico para produção de bens de natureza diferenciada, e com os aspectos criativos associados ao valor cultural para um mercado de bens simbólicos que a indústria cultural identifica no contexto dos museus.

Deve-se reconhecer que reafirmar a memória do cinema brasileiro é ação cultural relevante que destaca à sua compreensão a identificação na interpretação de uma linguagem artística em estreita relação com os momentos sociais no desenrolar histórico.

O contexto do Rio de Janeiro no início do século XX era de um palco das novidades modernas e um lugar que ditava as tendências de época. Nesta perspectiva a criação do Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno rememora o desenvolvimento da cinematografia na antiga Capital Federal e também dialoga com os tempos históricos porque são representativos das transformações urbanísticas e sociais ocorridas no país.

O Cine Palácio como elemento representativo da evolução do entretenimento sob a forma de cinema na cidade do Rio de Janeiro – do *music-hall* Cassino Nacional Brasileiro (1890) ao Cine Palácio (1929), por todas as características explicitadas: as que são próprias e as associadas ao contexto espacial pelo local no qual se encontra, apresenta perfil cultural patrimonial documentado em forma de um exemplar/objeto museológico e integra acervo do que se desenhou para um museu de percurso na Cinelândia e seu entorno.

Apesar do objeto escolhido como exemplar para a dissertação ser o Cine Palácio, ao caminhar pela cidade do Rio de Janeiro é possível observar outros tantos elementos que sobreviveram à ação do tempo e do Homem, estando representados e dispostos na paisagem urbana sob a forma de pequenos fragmentos da memória urbana e social da antiga Capital Federal. O fato de haver nos dias de hoje a presença – que se pode ainda, dizer: excepcional - de apenas alguns poucos resquícios do Rio Antigo, ocorreu por força das inúmeras reformas e revitalizações urbanísticas que, sob o discurso da modernização, varreram do

cenário carioca as inúmeras construções representativas da história de formação da cidade.

Alguns desses vestígios, no entanto, estão localizados próximos a outros, em verdade poucos, porém formando um conjunto urbanístico histórico-cultural, convocando o espectador a transmudar seu olhar sobre a realidade atual e questionar-se quanto a estes elementos situados fora de contexto. Se estes itens culturais que compõem esse aglomerado que representa uma parte da vida da cidade não oferecem informações à sociedade, então, surge uma lacuna informacional em ambas as partes e o patrimônio perde sua função: a história do objeto e a memória social na qual se insere são destruídos no decorrer do tempo.

Contudo, é importante ressaltar que o fato da cidade do Rio de Janeiro ter sido palco de grandes reformas urbanas tornou sua disposição de elementos arquitetônicos e paisagísticos expressiva em diversidade estilística e artístico-cultural, na qual os olhares do passado colonial, do estilo eclético, do moderno, dos "neos" e o do contemporâneo passaram a conviver em consonância com o advento dos próximos estilos ou linguagens e com a sobrevivência dos anteriores. A grande diferença está na recente preocupação em conservar esses elementos arquitetônicos e paisagísticos representativos de um tempo histórico, fato que ultrapassaria a questão do tombamento ao aplicar o processo de Musealização que conceitualmente determina, concomitantemente, a Patrimonialização.

Portanto, o contraste paisagístico, devido à descaracterização do espaço urbano, dispõe ao olhar da sociedade lugares em que coexistem elementos contemporâneos e outros (geralmente isolados) do Rio Antigo tornando-os relevantes.

É esta coexistência de passado e presente em um mesmo espaço presente no percurso – musealizado – a iniciar na Rua do Passeio Público e culminando no entorno da Praça Marechal Floriano (Cinelândia), que possui a particularidade de conter em seu trecho representações da cidade nos períodos colonial, imperial e republicano. Ou seja, o entorno da Cinelândia visto sob a perspectiva de um pequeno nicho de memórias que documenta através de sua existência os vestígios do Rio Antigo.

Por isso a formulação para criar um Museu de Percurso nesta localidade. A fim de evidenciar a necessária transição de um nicho de memórias para um espaço que, ao mesmo tempo, tem potencial para ser memorialístico e patrimonial porque estaria musealizado. Sob esta perspectiva, os edifícios tornam-se itens de coleção, o sítio urbano o museu de território, a população o público visitante / participante (especialmente no caso de moradores daquele espaço urbano), e a memória social, assim como a integridade física de seus elementos, alvo de atuação da preservação material / imaterial. Transformações, estas, que evidenciam as relações técnico conceituais possíveis graças ao olhar da Museologia sobre o sítio urbano em questão, disponibilizadas para melhor visualização no Quadro 4 da página a seguir.

QUADRO 4
O Território como Alvo das Atividades do Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno

Passeio Público – Praça Marechal Floriano (Cinelândia)	Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno
Identificação, seleção e interpretação dos bens culturais – edifícios e paisagens – representativos da memória da cidade	Preservação pela Musealização (ação patrimonializadora)
Bens Culturais: edifícios e paisagens	Itens de coleção
Percurso / Lugares de Memória	Circuitos expositivos
Território	Museu
População	Público
Atividades desenvolvidas ou oferecidas ao público	Programa cultural educativo
(Re)conhecendo o espaço: Investigação, documentação e catalogação dos edifícios e paisagens	Pesquisa / Documentação / Informação
Divulgação da existência e histórias dos Lugares de Memória	Disseminação / Comunicação

Fonte: Glória Gelmini, 2015.

É a Museologia, portanto, atentando para a importância de se valorizar e tratar o sítio urbano, no qual mais importante do que tomar um edifício ou simplesmente transformá-lo em centro cultural é resgatar e permitir que a memória

coletiva esteja ao alcance de todos. No caso, a memória dos cinemas de rua que iniciaram este entretenimento popular na cidade do Rio de Janeiro, especificamente no Cine Palácio, desde os primórdios da cena muda ao cinema sonoro e depois com as tecnologias dos recursos especiais.

Memória esta que já se encontra em processo de evocação pois, conforme os últimos noticiários (percebidos, inclusive, durante o processo de finalização da dissertação), há um projeto já em implementação responsável por resgatar o entorno da Cinelândia como área exclusiva para passeio pedestre, como nos modelos internacionais peatonais, ou seja, onde não há tráfego de veículos, com exceção de acesso aos ciclistas e ao próprio transporte público disponibilizado: Veículo Leve Sobre Trilhos, VLT Carioca. É a memória da cidade do Rio de Janeiro trabalhada para permitir o encontro do passado ao presente, como o retorno do bonde ao território em questão adaptado as tendências do seu tempo: a implantação do bonde moderno denominado VLT.

A criação do Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno, portanto, vem a corroborar com as intenções da Prefeitura do Rio, podendo ser aproveitada, inclusive, na temática já discutida na dissertação quanto ao contexto que alia a preservação do patrimônio à economia de cultura: a sustentabilidade em níveis econômicos, sociais, culturais e ambientais. Ou seja, a implantação de um Museu de Percurso significaria estimular o desenvolvimento econômico a partir de um novo processo de compreender as atividades dessa dimensão social como objeto compartilhado de interesse do poder público, das instituições culturais e da sociedade. É um modelo que vem sendo reconhecido como estratégia para qualquer segmento, com sucesso no exterior. De fato traz benefícios para todas as partes envolvidas: governo, cidade, patrimônio e sociedade.

Portanto, como resposta à grande questão deste trabalho formulada na introdução, o Cine Palácio é um dos exemplares que documenta a memória da inserção dos cinemas na cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX, integrando a face pioneira do entretenimento dos primórdios da cultura de massa e representativo de um Rio Antigo que narra a formação da terra dos cinemas – Cinelândia – obra de um projeto moderno que elevou a cidade carioca como pólo cultural de todo o país e construção arquitetônica que é único remanescente de uma

linguagem estilística e fruto de autor renomado: Adolfo Morales de Los Rios y Garcia de Pimentel. Por esse conjunto de representações merece ser tratado e investido como local de entretenimento voltado a atuar no espaço cultural como lugar de memória, dialogando com um entorno que evoca seu passado e com condição de projetar um novo futuro para a cultura e o patrimônio a partir da criação do Museu de Percurso Lugar de Memória Cinelândia / Entorno.

REFERÊNCIAS

ABREU, Jonas da Silva. **O papel do cinema na construção da identidade da Cinelândia**, 179p. 2009. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC), Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/4156/CPDOC2009JonasdaSilvaAbreu.pdf?sequence=1>>. Acesso em: dez. 2015.

ADRIAN, Nelson. **Cultura de massa ou indústria cultural**, 17p. 2012. Disponível em: <<http://www.primeiroconceito.com.br/site/wp-content/uploads/2012/02/culturaDeMassa.pdf>>. Acesso em: dez. 2015

ARQUIVO NACIONAL. **Construindo a Corte: o Rio de Janeiro e a nova ordem urbana, Rio de Janeiro**, 2012. Disponível em: <<http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=861&sid=102>>. Acesso em: dez. de 2015.

ART DÉCO RIO DE JANEIRO. **Cine Pathé**. Rio de Janeiro, 201[?]. Disponível em: <<http://www.artdecoriodejaneiro.com/cine-pathe/>>. Acesso em: dez. 2015.

ART DÉCO RIO DE JANEIRO. **Edifício Mesbla**. 2015. Disponível em: <<http://www.artdecoriodejaneiro.com/edificio-mesbla/>>. Acesso em: dez. 2015.

ART DÉCO RIO DE JANEIRO. **Tour Art Déco Rio de Janeiro – Mapa e Tour Virtual**. 2015. Disponível em: <<http://www.artdecoriodejaneiro.com/tour-art-deco-rio-de-janeiro-mapa-e-tour-virtual/>>. Acesso em: dez. 2015.

AUTRAN, Paula. Prédio do Cine Palácio é tombado pelo município. **O Globo**, 05/09/08. Disponível em: http://www.resenha.rj.gov.br/upload/resenha-imagens/2008-09-05_00116_page00001.pdf. Acesso em: dez. 2015.

AZKARATE, Agustín; AEL, Mariano J. Ruiz de; SANTANA, Alberto. **El Patrimonio Arquitectónico**. Grupo de Investigación em Patrimonio Construido (GPAC). Universidad del País Vasco, Euskal Herriko Unibertsitatea (UPV/EHU), Vitoria-Gasteiz, 2003. Disponível em: <<http://www.ehu.eus/gpac/documentos/1118164264Patrimonio.pdf>>. Acesso em: dez. 2015.

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (BNDES). **BNDS aprova R\$7,2 milhões para restauração da sala Cecília Meireles, no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Sala_de_Imprensa/Noticias/2013/Todas/20130802_ceciliameireles.html>. Acesso em: nov. 2015.

BARROS, Ely Cardoso de. Cinemas de rua devem inovar sem perder a essência. **PUC-Rio Digital**, Rio de Janeiro, 06/03/2015. Entrevista concedida a Larissa Fontes e Paula Laureano. Disponível em: <<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/Texto/Cultura/%22Cinemas-de-rua-devem-inovar-sem-perder-a-essencia%22-25168.html#.VhGNVPIViko>>. Acesso em: dez. 2015.

BATISTELLA, Alessandro (org.). **Patrimônio, memória e poder: reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural de Passo Fundo (RS)**. Editora Méritos, vol.1, 2011, 316p.

BERESFORD, Tommy. **Cinemas antigos antes do Odeon**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://cinemagia.wordpress.com/2008/11/29/>>. Acesso em: dez. 2015.

BERTOLUCCI, Rodrigo. Prefeitura tomba o edifício Francisco Serrador, um dos símbolos da Cinelândia. **Jornal Extra**, Rio de Janeiro, 05/02/2015. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/prefeitura-tomba-edificio-francisco-serrador-um-dos-simbolos-da-cinelandia-15251989.html>>. Acesso em: dez. 2015.

BRASIL. **Decreto-Lei n.º 25, de 30 de novembro de 1937**. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Palácio do Planalto. Governo Federal, Brasília, DF, 30 nov. 1937. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm>. Acesso em: dez. 2015.

BRASIL. **Decreto n.º 29816 de 03/09/2008**. Dispõe sobre o tombamento provisório do imóvel onde funcionam os Cinemas Palácio 1 e 2, situado na Rua do Passeio n.º 38 e 40, no Centro do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 03 set. 2008. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4722991/4122104/270DECRETO29816CinePalacio1e2.pdf>>. Acesso em: nov. 2015.

BRASIL. Governo do Rio de Janeiro. **Theatro Municipal do Rio de Janeiro**, [20--]. Disponível em: <<http://www.theatromunicipal.rj.gov.br/historia.html>>. Acesso em: dez. 2015.

BRASIL. Secretaria do Estado de Cultura do Paraná. **Tombamento - Conceitos**. Coordenação do Patrimônio Cultural. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=4#1>>. Acesso em: dez. 2015.

BRULON SOARES, B. C. ; SCHEINER, T. C. M. . A ascensão dos museus comunitários e os patrimônios comuns : um ensaio sobre a casa. **X Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 2009, João Pessoa. E-book do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. João Pessoa: Idéia, 2009. v. 10. p. 2469-2489.

BURKE, Peter. Inevitáveis empréstimos culturais. **Folha de São Paulo**, São Paulo, cad.5, 27 jun. 1997. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/7/27/mais/3.html>>. Acesso em: dez. 2015.

CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. **O Palácio Pedro Ernesto**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.camara.rj.gov.br/palacio_pedroern.php?tamanho=max>. Acesso em: dez. 2015.

CAMARGO, Camila. **História da Televisão**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/projetor/2397-historia-da-televisao.htm>>. Acesso em: dez. 2015.

CAVALCANTI, Nireu Oliveira. Araújo Porto Alegre e o patrimônio arquitetônico do Rio de Janeiro. **Revista Museologia e Patrimônio**. UNIRIO; MAST. Rio de Janeiro, v.1, n.º1, 2008, p.94-100. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/9/21>>. Acesso em: dez. 2015.

CERAVOLO, Suely Moraes.; TÁLAMO, Fátima. Tratamento e organização de informações documentárias em museus. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, Universidade de São Paulo - USP. São Paulo, 2000, p.241-253. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/84538280/TRATAMENTO-E-ORGANIZACAO-DE-INFORMACOES-DOCUMENTARIAS-EM-MUSEUS#scribd>>. Acesso em: dez. 2015.

CINE Odeon, na Cinelândia, passa por reforma e reabre como Centro Cultural. **O Globo**. Rio de Janeiro, 20/05/2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/05/cine-odeon-na-cinelandia-passa-por-reforma-e-reabre-como-centro-cultural.html>>. Acesso em: dez. 2015.

CITÉ ARQUITETURA. **Retrofit Ed. Glória**: um novo diálogo com o prisma central, Rio de Janeiro, 201[?]. Disponível em: <<http://www.citearquitectura.com.br/RETROFIT-ED-GLORIA>>. Acesso em: nov. 2015.

CONSELHO INTERNACIONAL PARA MONUMENTOS E SÍTIOS (ICOMOS). **Declaração de Xi'an sobre a conservação do entorno edificado, sítios e áreas do patrimônio cultural**. Adotada em Xi'an, China, 21 de outubro de 2005. <<http://www.international.icomos.org/charters/xian-declaration-por.pdf>>. Acesso em: dez. 2015.

CONSELHO FEDERAL DE ENGENHARIA, ARQUITETURA E AGRONOMIA - CONFEA. **Decisão Normativa n.º 83 de 26/09/2008**. Dispõe sobre procedimentos para a fiscalização do exercício e das atividades profissionais referentes a monumentos, sítios de valor cultural e seu entorno ou ambiência. Portal de Legislação, São Paulo, 16 set. 2008. Disponível em: <<http://www.diariodasleis.com.br/busca/exibelinck.php?numlink=1-44-18-2008-09-26-83>>. Acesso em: dez. 2015.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS – ICOMOS. **Jardins Históricos: Carta de Florença – 1982**, Florença, dez. 1982, p.2-7. Disponível em: <<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-florenca.pdf>>. Acesso em: dez. 2015.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS – ICOM. **Código de Ética do ICOM para museus**, 2009. Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Codes/Lusofono2009.pdf>. Acesso em: dez. 2015.

COSTA, Renato Gama-Rosa. Arquitetura da tela grande: Estilo art déco tornou-se a cara do cinema do século XX, quando o Rio de Janeiro abrigou verdadeiros palácios

de exibição. **Revista de História**, Rio de Janeiro, 1/10/2013. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/perspectiva/arquitetura-da-tela-grande>>. Acesso em: dez. 2015.

COSTA, Renato Gama-Rosa. Cinemas (in memoriam). **Insight Inteligência**, 2000. Disponível em: <<http://www.insightinteligencia.com.br/10/PDFs/int%2010%20-%2010.pdf>>. Acesso em: dez. 2015.

COSTA, Renato da Gama-Rosa. Salas de cinema art déco no Rio de Janeiro: a conquista de uma identidade arquitetônica (1928-41). **História Ciência Saúde Manguinhos**. Rio de Janeiro, vol.5 n.º3, 1999, 1f.. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000100014>. Acesso em: dez. 2015.

CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA, ARQUITETURA E AGRONOMIA DO ESTADO DE SÃO PAULO – Crea-SP. **Patrimônio Histórico: Como e por que preservar**. Bauru, São Paulo, 3e., Canal 6, 2008, p.1-16. Disponível em: <http://www.creasp.org.br/arquivos/publicacoes/patrimonio_historico.pdf>. Acesso em: dez. 2015.

DEVALLÉES, André. **Terminologia Museológica**. Proyecto Permanente de Investigación. Tacnet Cultural. 2000.1.CD

DESVALLÉES, André ; MAIRESSE, François. **Conceitos- chave de museologia**. São Paulo: Armando Colin, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013, 100p.. Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf>. Acesso em: dez. 2015.

DESVALLÉES, André e MAIRESSE, François. Musealização. **Dictionnaire Encyclopédique de Muséologie**. Edição de André Desvallées e François Mairesse. Paris: Armand Colin: Centre Nacional du Livre, 2011.

DESVALLÉES, André e MAIRESSE, François. Patrimonialização. **Dictionnaire Encyclopédique de Muséologie**. Edição de André Desvallées e François Mairesse. Paris: Armand Colin: Centre Nacional du Livre, 2011.

DINIZ, Sibelle Cornélio. **Análise do setor cultural nas regiões metropolitanas brasileiras**. XXXVI Encontro Nacional de Economia. ANPEC. 12, Salvador, 2008. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2008/artigos/200807211651060.pdf>>. Acesso em: dez. 2015.

DUMAZEDIER, Joffre. **Révolution culturelle du temps libre**, Paris: Méridiens-Klincksieck, 1988

EMPRESA DE SHOPPING CENTERS – SEMMA. **História dos Shopping Centers no Brasil: Do Nascimento até a Década de 90**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.semma.com.br/historia-dos-shopping-centers-no-brasil/>>. Acesso em: dez. 2015.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. **Art Déco**. [201?]. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo352/art-deco>>. Acesso em: dez. 2015.

ESCOLA DE MÚSICA UFRJ. **Localização**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.musica.ufrj.br/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=65>. Acesso em: dez. 2015.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo – USP, 1994, 89p.. Disponível em: <<http://www.conisul.com.br/wp-content/uploads/2014/02/historiadobrasil.pdf>>. Acesso em: dez. 2015.

FERES JÚNIOR, João. Introdução a uma crítica da modernidade como conceito sociológico. Dossiê: Teoria Política e Social na Contemporaneidade. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, v. 15, 2010, p.28-41. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/8232>>. Acesso em: dez. 2015.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática. Estudos de Museologia. **Caderno de Ensaios**, n.2. Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, 1994, p.65-74.

FREIRE, Rafael de L. **Primeiras afinidades: algumas considerações sobre a teatralidade do cinema silencioso no Brasil**. Filme Cultura, Rio de Janeiro, n. 56, jun. 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/2044221/Primeiras_afinidades_Algunas_considera%C3%A7%C3%B5es_sobre_a_teatralidade_do_cinema_silencioso_no_Brasil>. Acesso em: dez. 2015.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p.10-11.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES - FUNARTE. **Palácio Teatro (1928)**, Rio de Janeiro, [19--]. Disponível em: <<http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/teatroXperiodo.asp?cdp=20&cod=95>>. Acesso em: dez. 2015.

GENTRIFICAÇÃO. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa – DPLP**, 2008-2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/gentrifica%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: dez. 2015.

GOIS, Ancelmo; GUIMARÃES, Ana Cláudia; BRUNET, Daniel; VIEIRA, Márcia; ROGERO, Tiago. Teatro Riachuelo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 nov. 2015.

GONZAGA, Alice. **Palácios e poeiras: 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Funarte/Ministério da Cultura/Record, 1996, 351p.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HERZOG, Cecilia P.. Revitalização ou maquiagem urbana?. **Revista Vitruvius**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 129, abr. 2011, s/p.. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/11.129/3828>>. Acesso em: dez. 2015.

HERZOG, Charlotte. The Movie Palace and the Theatrical Sources of its Architectural Style. **Cinema Journal**, Texas – University of Texas Press, v.20, n.2, 1991, s/p.. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1224831?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: dez. 2015.

ICOM. Definition of terms: Museums. **21st General Conference in Vienna**, Austria, 2007. Disponível em: <http://icom.museum/the-organisation/icom-statutes/3-definition-of-terms/#sommairecontent>. Acesso em: dez. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - IBRAM. **Museus e a dimensão econômica: da cadeia produtiva à gestão sustentável**. Coleção Museu, Economia e Sustentabilidade, Brasília, DF: Ibram, 2014, p.21. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/01/Museus_DimensaoEconomica_ibram2014.pdf>. Acesso em: agosto de 2015.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Cartas patrimoniais**. Caderno de Documentos 3, Ministério da Cultura, Brasília, 1995. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226>>. Acesso em: dez. 2015.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **O significado da palavra tombamento**. Rio de Janeiro, Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria de Estado da Cultura/SEDAC. Disponível em: <<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=noticiasDetalhesAc&item=37302>>. Acesso em: dez. 2015.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL - INEPAC. **Lampadário do largo da Lapa**. Guia de Bens Tombados – Consulta de Bem. 201[?]. Disponível em: http://www.inepacnovo.rj.gov.br/modules.php?name=Guia&file=consulta_detalhe_bem&idbem=260>. Acesso em: nov. 2015.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Edição de Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 3 ed., 1996, p.132-133.

LADEIRA, Leonardo. Palácio da sétima arte à espera de seu destino. **Rio&Cultura, Coluna Patrimônio Histórico**, Rio de Janeiro, 18/11/2010. Disponível em: <http://www.rioecultura.com.br/coluna_patrimonio/coluna_patrimonio.asp?patrim_codigo=47>. Acesso em: agosto de 2015. 201[?]. Disponível em: <http://www.inepacnovo.rj.gov.br/modules.php?name=Guia&file=consulta_detalhe_bem&idbem=260>. Acesso em: nov. 2015.

LAHUERTA, Flora Medeiros. **Geografias em movimento: território e centralidade no Rio de Janeiro joanino (1808-1821)**, 2005, 151p.. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04022010-165138/pt-br.php>>. Acesso em: dez. 2015.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. **Historia e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LEITE, Rogerio Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - Anpocs, Brasil, v. 17, nº 49, p. 115-172, jun. 2002. Disponível em: <http://nau.ufsc.br/files/2010/09/Proen%C3%A7a_Contra-usos-e-esp%C3%A7o-p%C3%BAblico.pdf>. Acesso em: dez. 2015.

LEITE, Tháisa Paula Rangel. A cidade e seus espaços de memória – imagens e patrimônios da Praça Floriano e seu entorno (Parte 1). **História e-história**. 2009. Disponível em: <<http://historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=248>>. Acesso em: dez. 2015.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Da face inativa da indústria ao contexto ativo do museu: aspectos da musealização do patrimônio industrial. **XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação, ENANCIB, 14., Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, p.12, 2013. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xivenancib/paper/view/4584/3707>>. Acesso em: nov. 2015.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Herança cultural (re)interpretada ou a memória social e a instituição museu: releitura e reflexões. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, PPG-PMUS UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2008, p.33-43. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/4/160>>. Acesso em: dez. 2015.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Musealização e Patrimonialização: Formas culturais integradas, termos e conceitos entrelaçados. In: ENANCIB 2014 – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (15): Além das “nuvens”: expandindo as fronteiras da Ciência da Informação, 11-15 maio 2014, Belo Horizonte. **Anais XV ENANCIB 2014, GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação**. Belo Horizonte: ANCIB, PPGCI-UFMG, 2014, p. 4335-4355. Disponível em: <<http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt9>>. Acesso em: 07 jan 2016.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Musealização: um juízo/uma atitude do campo da museologia integrando musealidade e museália. **Ciência da Informação: revista do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT**, Brasília, DF, v. 42, n. 3, p. 379-398, set/dez. 2013. Artigo recebido em 15/8/2014. Publicado em 08/10/2015. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/cienciainformacao/index.php/ciinf/article/view/2273/1920>>. Acesso em: 12 jan 2016.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia, campo disciplinar da musealização e fundamentos de inflexão simbólica: ‘tematizando’ Bourdieu para um convite à reflexão. **Museologia & Interdisciplinaridade, Revista do Programa de Pós-**

Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Brasília, PPGCI UnB, v. 2, n. 4, p. 48-61, Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/museologia/article/view/9627/7117>>. Acesso em: jan. 2016.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-Museu e patrimônio, patrimonialização e musealização: ambiência de comunhão. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.** Ciências Humanas, vol.7, n.º1, p.34, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222012000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: dez. 2015.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck. **Arquitetura do Espetáculo: teatros e cinemas na formação da Praça Tiradentes e da Cinelândia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ,, 2000.

LOPES, Ana Mônica; SIMÕES, Alexandre. Saberes locais: memórias, práticas, representações e experiências. In: **AZAVEDO, Flávia Lemos Mota; CATÃO, Leandro Pena; PIRES, João Ricardo Ferreira (org.).** Cidadania, memória e patrimônio: as dimensões do museu no cenário atual. Belo Horizonte: Crisálida, 2009

LOUREIRO, Maria Lúcia de Niemeyer Matheus; SANTOS, Liliane Bispo dos. Musealização como estratégia de preservação: Estudo de Caso sobre um previsor de marés. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio,** Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, vol.5, n.º1, 2012, p.49-67. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/211/187>>. Acesso em: dez. 2015.

MÁXIMO, João. **Cinelândia: breve história de um sonho.** Rio de Janeiro: Salamandra, 1977.

MEMORIAL DA RESITÊNCIA DE SÃO PAULO. **Lugares de Memória.** São Paulo, 201[?]. Disponível em: <<http://www.memorialdaresistencia.org.br/memorial/default.aspx?mn=9&c=136&s=0>>. Acesso em: dez. 2015.

MARQUES, Renata. Retrofit é recurso para adaptar edifícios às exigências da arquitetura. **AECweb,** 1f., 1999. Disponível em: <http://www.aecweb.com.br/cont/a/retrofit-e-recurso-para-adaptar-edificios-as-exigencias-da-arquitetura_9755>. Acesso em: dez. 2015.

MAYOR Bloomberg and Borough President Markowitz Break Ground on Restoration of Historic Loew's Kings Theatre, 2013. Disponível em: <<http://www.nycedc.com/press-release/mayor-bloomberg-and-borough-president-markowitz-break-ground-restoration-historic>>. Acesso em nov. de 2015.

MENSCH, Peter Van. **O objeto de estudo da museologia.** Rio de Janeiro: UNIRIO/UGF, 1994. (Pretextos Museológicos).

MUSEUS DO RIO. **Espaço Físico: prédio, território e entorno**. Museu Nacional de Belas Artes - Histórico. 2015. Disponível em: <http://www.museusdorio.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&view=item&id=37:museu-nacional-de-belas-artes-mnba>. Acesso em: nov. 2015

MUSEU VIVO DO SÃO BENTO. **Histórico**. Rio de Janeiro, 201[?]. Disponível em: <<http://www.museuvivodosaobento.com.br/institucional/historico>>. Acesso em: nov. 2015.

NORA, Pierre. Between Memory and History: Les lieux de mémoire. **Journal Storage (JSTOR Daily)**, New York, n.26 , p.7-24, Special Issue, 1989. Disponível em: <<http://www.jstor.org/sici?sici=0734-6018%28198921%290%3A26%3C7%3ABM-AHLL&3E2.0.CO%3B2-N&>>. Acesso em: dez. 2015.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Rodrigues de. **Da Justiça à Arte**. Centro Cultural da Justiça Federal (CCJF), Rio de Janeiro, 31 de agosto de 2015. Disponível em: <http://www10.trf2.jus.br/ccjf/portfolio_category/educativo/>. Acesso em: nov. 2015.

OS EDITORES. Corredor Cultural. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Universidade de São Paulo – USP, Apresentação, n.º34,1992. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/issue/view/5614/showToc>>. Acesso em: dez. 2015.

O PASSEIO no Século XIX e a reforma de Glaziou. Rio de Janeiro, 2002[?]. Disponível em: <<http://www.passeiopublico.com/htm/sec19.asp>>. Acesso em: dez. 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, Paris, 17 out. 2003. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>>. Acesso em: dez. 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Memória Del Mundo – Patrimônio Cinematográfico Nacional**, Paris, 1995, 73p.. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001103/110379So.pdf>>. Acesso em: dez. 2015.

PAIVA, Rogerio Marques de. **Indústria Cultural de Guerra em Hollywood - Ideologias e contraideologias governamentais no cinema norte-americano pós-Guerra Fria**, 2012, 133p.. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Contemporânea, Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1544.pdf>>. Acesso em: dez. 2015.

PASSEIO PÚBLICO DO RIO DE JANEIRO. **O Passeio no Século XIX e a reforma de Glaziou**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.passeiopublico.com/htm/sec19.asp>>. Acesso em: dez. 2015.

PEIXOTO, Maurício. Tijucanos sonham com o retorno dos cinemas de rua que deram fama à segunda 'Cinelândia carioca'. **O Globo**. Rio de Janeiro, 19/02/2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/tijucanos-sonham-com-retorno->

dos-cinemas-de-rua-que-deram-fama-segunda-cinelandia-carioca-11643038>. Acesso em: dez. 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Cadernos do LEPAARQ** - Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, v.II, n.º4, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/viewFile/893/873>>. Acesso em: dez. 2015.

PETROBRÁS. Alice Gonzaga Assaf. **Memória Petrobrás**. Rio de Janeiro, 2013[?]. Disponível em: <<http://memoria.petrobras.com.br/depoentes/alice-gonzaga-assaf#.VZ74gfViko>>. Acesso em: dez. 2015.

PORTAL FATOR BRASIL. Odeon retorna à cena carioca. **Revista Fator Brasil**. 2006. Disponível em: <http://www.revistafatorbrasil.com.br/ver_noticia.php?not=295280>. Acesso em: dez. 2015.

PORTUGAL-INCENTIVOS. **Fundos Europeus? Só para reabilitar patrimônio que gere desenvolvimento**. Notícias, Portugal, 22/05/2015. Disponível em: <http://www.portugal-incentivos.pt/1/fundos_europeus_so_para_reabilitar_patrimonio_que_gere_desenvolvimento_1999986.html>. Acesso em: dez. 2015.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Cinelândia: desde a década de 20, a diversão carioca se encontra aqui**, 2014. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/portaldoservidor/exibeconteudo?id=5098280>>. Acesso em: dez. 2015.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **Lei n.º 1139 de 16 de dezembro de 1987**. Dispõe sobre a preservação de bens imóveis da Zona Especial do Corredor Cultural e de sua área de entorno e dá outras providências, p.1-3, 1987. Disponível em: <http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/pastas/legislacao/centro_lei1139_87_corredor_cultural.pdf>. Acesso em: dez. 2015.

RAMOS, Renato Menezes (org.). **"O Restaurante Assyrio é Persa... e o Café Mourisco também", de Adolfo Morales de los Rios: Comentários e Anotações**. Rio de Janeiro, v. VI, n. 2, abr./jun. 2011. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/txt_artistas/persa_rmr.htm>. Acesso em: dez. 2015.

RANGEL, Marcio Ferreira. A cidade, o museu e a coleção. **Liinc em Revista**. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, XIX Enancib, Anais, v.7, n.1, 2011, p.1-13. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/415/304>>. Acesso em: nov. 2015.

REIS, Ana Carla Fonseca. DE MARCO, Kátia (Orgs) **Economia da Cultura: idéias e vivências**. Rio de Janeiro: Publit, 2009

RODRIGUES, Artur. **Automóvel Clube**. Rio de Janeiro, 201[?]. Disponível em: <http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/proj_auto_clube.shtm>. Acesso em: dez. 2015.

SALA Cecília Meireles. **Sobre a Sala**, [20--]. Disponível em: <http://salaceciliameireles.rj.gov.br/?page_id=5472>. Acesso em: dez. 2015.

SCARPA, Guilherme. Lucélia Santos vai revitalizar cinema no Centro do Rio. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29/03/2015. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/lucelia-santos-vai-revitalizar-cinema-no-centro-do-rio-563775.html>>. Acesso em: dez. 2015.

SOUSA, Márcia Cristina da Silva (Márcia Bessa). **Entre achados e perdidos: colecionando memórias dos palácios cinematográficos da cidade do Rio de Janeiro**, 2013, 438p.. Tese (Doutorado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social – PPGMS, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese24.pdf>>. Acesso em: dez. 2015.

SOUSA, M. C. S.; RIBEIRO, L. B.. Tão longe tão perto: por uma coleção de cinemas de rua na cidade do Rio de Janeiro, 2009. **Encontro Nacional de História da Mídia**, Fortaleza, VII História da Mídia. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/TaO%20LONGE%20TaO%20PERTO.pdf>>. Acesso em nov. 2015.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT(UNCTAD). **Creative Economic Report**. Genebra: UNCTAD, 2010. Disponível em: <http://unctad.org/en/Docs/ditctab20103_en.pdf>. Acesso em: dez. 2015.

VADICO, Luiz. Os filmes de Cristo no Brasil: a recepção como fator de influência estilística. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 11, 2006, p.87-103. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/1446/912>>. Acesso em: dez. 2015.

VALENTINE, Maggie. The show starts on the sidewalk. *Southern California Quartely*, Califórnia – **University of California Press**, v.78, n.1, 1996 Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41171802?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: dez. 2015.

VANHONI, Angelo. **Museu de periferia do sitio cercado (mupe) de Curitiba**, 2009. Entrevista concedida a Mário de Souza Chagas. Disponível em: <<http://www.vanhoni.com.br/mupe-museu-de-periferia-do-sitio-cercado-entrevista-com-mario-de-souza-chagas-diretor-de-centros-museais-do-ibram/>>. Acesso em: dez. 2015.

ZUBARAN, Maria Angélica; MACHADO, Lisandra Maria Rodrigues. O que se expõe e o que se ensina. **Momento: Diálogos em Educação**, Rio Grande do Sul, v.22, n.1, p.105, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/momento/article/viewFile/4225/2736>>. Acesso em: dez. 2015.

ANEXOS

DOCUMENTO DE TOMBAMENTO DO CINE PALÁCIO

DECRETO Nº 29816 DE 3 DE SETEMBRO DE 2008

Tomba provisoriamente o imóvel onde funcionam os Cinemas Palácio 1 e 2, situado na Rua do Passeio nº 38 e 40, no Centro do Rio de Janeiro.

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições legais e,

CONSIDERANDO a importância dos cinemas na Cidade do Rio de Janeiro, como atividade cultural influenciadora do comportamento carioca;

CONSIDERANDO a importância dos cinemas, sobretudo para as regiões próximas da Cinelândia, que até os dias atuais tem o nome vinculado a esta atividade;

CONSIDERANDO o valor cultural desta edificação, exemplar arquitetônico eclético de influência neo-mourisca, integrante do conjunto já tombado do entorno; e,

CONSIDERANDO a necessidade de medidas cautelares para a proteção do referido imóvel;

DECRETA:

Art. 1º Fica tombado provisoriamente, nos termos do art. 5º da Lei nº 166, de 27 de maio de 1980, o imóvel onde funcionam os Cinemas Palácio 1 e 2, situado na Rua do Passeio nº 38 e 40, no Centro do Rio de Janeiro.

Art. 2º Quaisquer intervenções físicas a serem realizadas no referido imóvel deverão ser previamente aprovadas pelo Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro, 3 de setembro de 2008 - 444º de Fundação da Cidade.

CESAR MAIA

D.O.RIO 04.09.2008